



Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A GEOPOLÍTICA ENQUANTO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO MUNDIAL DA RÚSSIA



Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estratégia

Mestrando: João Manuel Barroso de Matos Churro

Orientador: Professor Jubilado Doutor Luís Fontoura

Lisboa

2013

Russia had and has to be something special in the world, not a mere nation like the European nations which are dwarfed by its immensity, but a world, as Dostoevsky and many others saw it, capable of subsuming nations. The Russian landscape itself adds to the sense of boundlessness as men are swallowed up by plains that extend as though forever into space. Russian culture became impregnated with this sense of the empire.¹

O inimigo qualquer que seja, jamais conquistará a nossa querida Rússia! Venha quem vier contra nós, de espada em punho, pela espada morrerá! Tal é a lei da terra russa e sempre assim será!²

La Russie restera une puissance eurasiatique servant de pont entre l'Europe et l'Asie tout en assurant la stabilité non seulement dans cette immense région du monde, mais encore sur toute la planète.³

¹ Wesson, 1974, p. 13.

² Smith, *apud* Rego, 1997, p. 347.

³ Ziouganov, 1999, p. 14

Índice

Agradecimentos	Pág.6
Resumo	Pág.8
Abstract	Pág.9
Lista de Figuras	Pág.10
Acrónimos	Pág.12

INTRODUÇÃO	Pág.13
-------------------	--------

CAPÍTULO I: Da Geografia Política à Geopolítica: contributo dos autores clássicos para o estudo desta ciência multidisciplinar

1. A evolução na relação dos fenómenos políticos com o espaço	Pág.22
2. Geografia Política e Geopolítica	Pág.25
3. Teorias Restritas da Geopolítica	Pág.28
3.1. <i>O Determinismo Ratzeliano</i>	Pág.28
3.2. <i>Vidal de la Blache e o Possibilismo</i>	Pág.29
3.3. <i>O aparecimento do termo “Geopolítica” com Kjellen</i>	Pág.30
4. Teorias Globais da Geopolítica	Pág.33
4.1. <i>A “Geopolitik” de Haushofer</i>	Pág.33
4.2. <i>Mahan e o Poder Marítimo</i>	Pág.38
4.3. <i>Mackinder e o Poder Continental</i>	Pág.39
4.4. <i>Douhet e o Poder Aéreo</i>	Pág.46
4.5. <i>Spykman e os Poderes Conjugados</i>	Pág.47

CAPÍTULO II: A criação de uma Grande Potência Continental chamada Rússia

1. A Geografia ao serviço da construção do <i>Rus’Kiev</i> e do Principado de Moscovo	Pág.50
1.1. <i>Outros factores: diplomacia e ortodoxia</i>	Pág.56
2. Heartland Russo: fortaleza e trampolim para a expansão	Pág.59
2.1. <i>O Núcleo Central origina a expansão do Heartland</i>	Pág.59
2.2. <i>Ratzel e a importância do espaço</i>	Pág.61
2.3. <i>Mackinder vs Mahan</i>	Pág.61
2.4. <i>Haushofer e o fracasso do Bloco Transcontinental</i>	Pág.65

3. O Eurasianismo enquanto motor da Potência Continental _____ Pág.67
4. A Génese do Povo Russo _____ Pág.72
 - 4.1. *A População* _____ Pág.72
 - 4.2. *O Patriotismo* _____ Pág.74
 - 4.3. *O Fatalismo* _____ Pág.76
5. A Rússia e a Continentalidade: uma união indissolúvel _____ Pág.78
 - 5.1. *A Herança da fortaleza russa* _____ Pág.78
 - 5.2. *Forças Armadas demasiado ligadas à “terra”* _____ Pág.79
 - 5.3. *Trauma ofensivo, postura defensiva* _____ Pág.80
 - 5.4. *O Modelo da Expansão Russa* _____ Pág.82

CAPÍTULO III: A fuga ao encravamento continental expressa no desenvolvimento da Geopolítica Marítima da Rússia

1. Nascimento, auge e decadência da Marinha Imperial Russa _____ Pág.86
2. A Marinha Soviética enquanto arma para atingir o *Sea Power*: mudanças no paradigma naval _____ Pág.92
3. O Báltico _____ Pág.102
4. O Mar Negro _____ Pág.107
5. O Mediterrâneo _____ Pág.112
6. O Mar Cáspio _____ Pág.116
7. O Ártico _____ Pág.119
8. O Pacífico Norte _____ Pág.131
9. O Golfo Pérsico _____ Pág.135
10. O Atlântico _____ Pág.138
11. A Ocidente: Os Canais de Navegação _____ Pág.141
12. A Oriente: Os Rios Siberianos _____ Pág.144
13. Pode a Rússia ser considerada uma Grande Potência Marítima? _____ Pág.147

CAPÍTULO IV: Alguns objectivos geopolíticos na actual Federação Russa

1. Traços gerais da Federação Russa _____ Pág.154
2. A CEI _____ Pág.158
3. A Ásia _____ Pág.162
4. A Europa _____ Pág.163
5. Os EUA e a NATO _____ Pág.164

6. Os novos trunfos geopolíticos da Rússia: gás e petróleo _____ Pág.167

CONCLUSÃO _____ Pág.169

BIBLIOGRAFIA

1. Obras
Referenciadas _____ Pág.177

2. Artigos Referenciados _____ Pág.180

3. *Sites* Referenciados _____ Pág.182

Agradecimentos

A presente dissertação é fruto de um intenso, longo e desgastante trabalho de investigação, ao qual dediquei muitas horas da minha vida no último ano e cujo resultado final não poderia ser o mesmo caso eu não tivesse tido o privilégio de contar com cada uma das seguintes pessoas que passo agora enunciar e que por diversos motivos e com contributos distintos, foram e são demasiado importantes para não serem referidas. Assim sendo, gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos:

Ao Senhor Professor Doutor Luís Fontoura, como não poderia deixar de ser, que pelo seu impressionante e vasto conhecimento académico nesta matéria foi determinante em todos os sentidos, desde a motivação que me transmitiu ao ouvi-lo falar pela primeira vez em Geopolítica, até aos livros, documentos, artigos e todo o material que simpaticamente sempre deixou à minha disposição (muitas vezes tratando-se de livros muito antigos) e que sem o qual teria sido extremamente complicado desenvolver um tema tão complexo como este aqui em exposição. Nunca irei esquecer os seus sábios conselhos e indicações para o futuro bem como toda a confiança que depositou em mim e no meu trabalho.

A todos os professores do Mestrado de Estratégia, em especial ao Senhor Professor Doutor António Marques Bessa por me ter despertado à atenção sobre a Rússia e sobre a pertinência e importância de ser estudada e ao Senhor Professor Doutor Contra-Almirante António Silva Ribeiro pelas importantes e bastante frutíferas aulas de Estratégia às quais tive o privilégio de poder assistir.

Aos meus colegas Mestre Sara Gonçalves, Mestre Patrícia Afonso, Raquel Lacerda e Gerhard da Costa Pinto, pelo trajecto comum que todos partilhámos nesta empolgante área da Estratégia, sendo que o conhecimento e experiência de cada um deles e o seu auxílio na revisão desta dissertação foram uma preciosa ajuda que só poderia partir de grandes amigos como eles sempre foram.

Ao Mestre João Martins que mais do que um amigo, tem sido um irmão para mim ao longo dos mais de dez anos que já levamos de convivência e não poderia ter mais orgulho no seu trajecto de vida e no sucesso que certamente irá garantir e que mais do que ninguém

merece. O seu apoio, compreensão e motivação foram e serão sempre determinantes para mim.

À Mestre Mónica Teixeira, pela amizade e por todo o carinho e paciência com que sempre me abordou e acima de tudo pela maturidade e descontração com que encara os pormenores simples da vida e que a mim sempre me causou admiração.

À minha extensa mas coesa família, tios, padrinhos, avós e primos que pela sua alegria em viver e pelos registos de partilha de felicidade, contribuiriam para que nos breves mas saborosos momentos em que não estivesse ocupado com este trabalho, me pudesse distrair e recarregar energias para depois voltar em força e todo o resultado final ser mais produtivo.

Ao meu Pai, António João, aos meus irmãos Nelson e Daniel e ao Luther pela paciência que tiveram comigo sempre que lhes pedia compreensão para poder desenvolver este trabalho com a tranquilidade e sossego necessários com vista a potencializar a concentração e a produtividade do mesmo. Mas sobretudo por estarem presentes na minha vida e por serem o motivo de me sentir uma pessoa realizada em termos emocionais. Cada um deles, à sua maneira, faz-me feliz e orgulha-me por serem sangue do meu sangue.

Por último, mas sem menor importância, quero destacar a minha Mãe, Maria Luísa. Não só pelo muitas vezes desvalorizado mas essencial papel de mãe mas também de educadora, professora, amiga, confidente e conselheira. Por toda a força com que ela sempre me amou a mim e aos meus irmãos e porque o homem que sou hoje e os princípios que coloco na vida e que acredito que são os correctos, os devo todos a ela, não posso deixar de expressar que ela é o meu orgulho, a minha maior motivação e é a ela, que sei que neste momento está mais orgulhosa que tudo na vida, que eu dedico não só esta dissertação mas todo o meu percurso académico.

A todos o meu muito obrigado e um bem-haja!

RESUMO

A Geopolítica surge no final do séc. XIX e apresenta-se como uma ciência multidisciplinar, proveniente da Geografia Política e que estuda as relações existentes entre a actividade humana e o meio a que esta está vinculada, ou seja, de que modo determinado espaço físico influencia ou determina o poder político que dele emana. De entre os principais autores da chamada Geopolítica Clássica, destacaram-se Ratzel (determinismo geográfico), Kjellen (Estado Organicista) e Vidal de la Blache (possibilismo) nas Teorias Restritas a um determinado espaço; e Mahan (hegemonia do poder marítimo), Mackinder (hegemonia do poder continental), Douhet (hegemonia do poder aéreo), Haushofer (espaço vital e Pan-Regiões) e Spykman (supremacia dos poderes conjugados) nas Teorias Globais das relações entre a política e o espaço.

A Rússia enquanto Estado cresceu com base nas teorias geopolíticas aqui em estudo, embora o aparecimento destas fosse posterior ao do país. As condições que o espaço físico a que os primeiros povos denominados de “russos” puderam usufruir permitiu-lhes numa primeira fase criar uma entidade político-estatal (Principados de Kiev e de Moscovo) e depois alavancar esse poder para a expansão geográfica do Estado russo rumo ao Império, até este se destacar dos comuns e se estabelecer como uma grande potência mundial.

Geopoliticamente falando, um dos grandes pontos fortes da Rússia enquanto potência mundial está no seu *Heartland*, ou seja, uma porção de território de dimensão extensa, cuja principal vantagem é a de se constituir como uma fortaleza natural que a impede de ser facilmente atacada por outras potências. Tornou-se assim numa potência continental. Mas apesar de estar segura e ser suprema nesta zona, a Rússia sempre procurou fugir ao revés que esta fortaleza lhe concedeu: o encravamento continental. Para isso empreendeu desde os tempos de Pedro I, *O Grande*, uma política naval intensiva de modo a conseguir chegar aos mares e oceanos quentes e navegáveis do mundo e assim rivalizar com as potências marítimas como a Grã-Bretanha e os EUA.

Palavras-chave: *Geopolítica, Rússia, Potência Mundial, Heartland, Eurasianismo, Poder Marítimo, Poder Continental, Marinha, Mackinder, Mahan, Haushofer, Ratzel*

ABSTRACT

Geopolitics is a multidisciplinary science from the late 19th century, coming from the Political Geography and whose purpose is to study the relations between human activity and its physical environment, or in other words, the way that a specific territory influences or determines its political power. Inside of the Classic Geopolitics we must consider important authors such as Ratzel (geographical determinism), Kjellen (State as a living organism) and Vidal de la Blache (possibilism) in the Restricted Theories field; and Mahan (sea power hegemony), Mackinder (land power hegemony), Douhet (airpower hegemony), Haushofer (vital space and Pan-Regions) and Spykman (combined powers supremacy) in the Global Theories of the relations between space and politics.

As a State, Russia was founded based on these geopolitical theories, although they have appeared after. The physical features of the territory first occupied by the “Russians” made it possible to create the State (*Kiev Rus’* and Grand Duchy of Moscow) and then use that power to expand geographically the Russian State into the Empire, making it different from others more and turning it into a World Power.

Geopolitically speaking, one of the major strengths of this Russian World Power is its *Heartland*: an enormous amount of land, whose main advantage is to establish it as a natural fortress against all other powers. Russia was then a Continental Power. But besides this safety condition and its undeniable supremacy in this zone, it also imprisoned Russia in a land-locked base. To fight that, since Peter *The Great*, Russia has been developing an intensive program of naval policies in order to reach the warm waters of the oceans and seas in the Globe, so that it could compete with all other Maritime Powers such as Great Britain and United States of America.

Keywords: *Geopolitics, Russia, World Power, Heartland, Eurasianism, Sea Power, Land Power, Navy, Mackinder, Mahan, Haushofer, Ratzel*

LISTA DE FIGURAS

Mapas

Mapa 1 - O modelo das Pan-Regiões de Haushofer.....	Pág.36
Mapa 2 - Teoria do Pivot Geográfico da História de 1904.....	Pág.42
Mapa 3 - Pivot Geográfico da História (1904) e o Heartland (1919) de Mackinder.....	Pág.43
Mapa 4 - Divisão do Mundo de acordo com Spykman.....	Pág.48
Mapa 5 - Zonas de Vegetação da Rússia Europeia.....	Pág.51
Mapa 6 - Relação entre os rios do Báltico e do Mar Negro e a formação do primeiro Estado Russo - Rus' Kíev.....	Pág.52
Mapa 7 - Extensão territorial máxima do Principado de Kiev.....	Pág.53
Mapa 8 - A expansão territorial do Principado de Moscovo entre 1300 e 1462.....	Pág.56
Mapa 9 - A expansão territorial da Rússia entre 1533 e 1894.....	Pág.59
Mapa 10 - Diferentes rotas ferroviárias do Transiberiano.....	Pág.63
Mapa 11 - Relação entre a distribuição geográfica dos países da NATO e do PACTO DE VARSÓVIA e a 3ª Teoria de Mackinder de 1943.....	Pág.65
Mapa 12 - Bases Navais Soviéticas no exterior e pontos de livre acesso da Marinha Soviética no Mundo entre 1973 e 1977.....	Pág.99
Mapa 13 - Mar Báltico.....	Pág.102
Mapa 14 - Mar Negro.....	Pág.107
Mapa 15 - Mar Mediterrâneo.....	Pág.112
Mapa 16 - Cáucaso antes e após o Tratado do Gulistão em 1813.....	Pág.116
Mapa 17 - Reservas petrolíferas do Cáspio.....	Pág.118
Mapa 18 - Rota Marítima do Norte e Rota Marítima do Sul.....	Pág.120
Mapa 19 - Instalações usadas pela Frota do Norte no Mar de Barents.....	Pág.123
Mapa 20 - Disputas territoriais pelo Ártico.....	Pág.127
Mapa 21 - O Mar de Bering.....	Pág.131
Mapa 22 - Principais batalhas da Guerra Russo-Nipónica de 1904-1905.....	Pág.132
Mapa 23 - Arquipélago de Spitzbergen.....	Pág.140
Mapa 24 - Canal Báltico-Branco construído em 1932.....	Pág.141
Mapa 25 - Canal Moscovo-Volga.....	Pág.142
Mapa 26 - Canal Volga-Don.....	Pág.142
Mapa 27 - Canal Báltico-Volga após a sua reestruturação em 1964.....	Pág.143

Mapa 28 - Ligação entre os rios siberianos e a Rota Marítima do Norte.....	<i>Pág. 144</i>
Mapa 29 - Relação geográfica entre o Transiberiano e os três grandes rios siberianos - Lena, Yenesei e Obi.....	<i>Pág. 145</i>
Mapa 30 - Grandes centros industriais da Rússia.....	<i>Pág. 146</i>
Mapa 31 - Lista de países de <i>Blue Water Navy</i> e de <i>Green Water Navy</i>	<i>Pág. 150</i>
Mapa 32 - Federação Russa e respectivas divisões administrativas.....	<i>Pág. 156</i>
Mapa 33 - Países membros da CEI.....	<i>Pág. 159</i>
Mapa 34 - Influência russa no leste da Ucrânia e na Península da Crimeia.....	<i>Pág. 160</i>
Mapa 35 - Zona de segurança ocupada por tropas russas e ucranianas na região da Transnístria.....	<i>Pág. 161</i>
Mapa 36 - Enclave de Nagorno-Karabakh.....	<i>Pág. 161</i>

Tabelas

Tabela 1 - Desenvolvimento da Marinha a Vapor na Rússia entre 1856 e 1860.....	<i>Pág. 88</i>
Tabela 2 - Lista dos principais países com frotas de navios quebra-gelo, liderada pela Rússia.....	<i>Pág. 122</i>
Tabela 3 - Quantidades existentes e estimadas de Petróleo e Gás Natural no Ártico e na Rússia.....	<i>Pág. 126</i>

Figuras

Figura 1 - Emblema utilizado pelo Império Russo e que ainda hoje persiste na actual bandeira da Federação Russa.....	<i>Pág. 67</i>
---	----------------

ACRÓNIMOS

CEI – Comunidade de Estados Independentes

CPRF – Partido Comunista da Federação Russa

ELP – Exército de Libertação Popular

EUA – Estados Unidos da América

FSB – *Federal'naya sluzhba bezopasnosti Rossiyskoi Federatsii* (Serviço Federal de Segurança)

GNL – Gás Natural Liquefeito

GULAG – *Glavnoye Upravleniye ispravityelno-trudovykh LAgerey i koloniy* (Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colónias)

IAEM – Instituto de Altos Estudos Militares

IDN – Instituto de Defesa Nacional

IESM – Instituto de Estudos Superiores Militares

ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

LDPR – Partido Liberal Democrata da Rússia

NATO – *North Atlantic Treaty Organization* (Organização do Tratado do Atlântico Norte)

ONU – Organização das Nações Unidas

OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

SPS – União das Forças de Direita

SSBN – *Ship Submersible Ballistic missile Nuclear powered* (Submarino Nuclear lançador de Mísseis Balísticos)

SVR – *Sluzhba Vneshney Razvedki* (Serviço de Inteligência Externa)

UE – União Europeia

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

A existência de conflitos entre duas ou mais entidades políticas é algo que recorre praticamente desde o início da formação de territórios administrados ou governados por um determinado poder, seja ele religioso, militar, cultural ou político. No entanto é desde a Paz da Vestefália e consequente aparecimento do Estado-Nação, que as questões territoriais mais têm sido abordadas. Há quem diga que os movimentos de expansão ou de conquista de uns Estados sobre outros resultam das circunstâncias envolventes, da vontade do mais forte, da recusa em resistir do mais fraco, da inevitabilidade do processo ou até mesmo por motivos espirituais. Mas na realidade, existe sempre um denominador comum na construção deste ou daquele mapa político: o território. É sempre sobre ele que são dirigidas as atenções, as ambições e todas questões que historicamente colocaram os Estados em guerra uns contra os outros, independentemente de se fazerem acompanhar de motivações religiosas, ideológicas ou políticas. As justificações podem ser muitas, mas no final o objectivo sempre foi e sempre será garantir a soberania sobre determinada parcela de território que se encontra na posse de outrem.

Mas porque se torna assim tão vital adquirir determinados territórios, estando-se mesmo na disposição de entrar em longos e mortíferos conflitos? Um Estado com um território imenso é condição única para ser mais forte que os restantes? Será a quantidade mais determinante que a qualidade? Se assim fosse, o Canadá, a Austrália, o Cazaquistão, ou o Sudão seriam dos países mais fortes do mundo. Mas não. As características físicas que cada território possui são efectivamente determinantes para a projecção do Estado que o controla e que aspira a ter uma posição dominante. Vejamos os exemplos da Grã-Bretanha, infinitamente mais pequena geograficamente que o Sudão, mas que durante vários séculos conseguiu ser a maior potência mundial, e tudo porque a sua influência e o seu poder resultavam do controlo de pontos estratégicos espalhados por todo o planeta. Os EUA seguiram depois o seu exemplo. É sobre estas características geográficas que um território possui e que possibilita a quantificação do poder nacional que o controla, que no fundo trata a Geopolítica: estudar a relação existente entre a política e o espaço a que esta se destina, ou seja, o que é que determinado território tem ou carece para que esta ou aquela forma de poder sejam postos em prática.

Depois de várias décadas censurada, em virtude de ser considerada como a “ciência maldita” dos regimes belicistas e expansionistas europeus da primeira metade do séc. XX, a Geopolítica tem vindo nos últimos anos a entrar em força em nossas casas, pela televisão, pela internet, pelos livros, pelos jornais ou mesmo pela escola. No entanto, se é verdade que a génese desta ciência é muito mais do que uma justificação científica para as ambições e ganâncias do *III Reich* ou da URSS, também existe uma tentação demasiado errónea de atribuímos o termo “Geopolítica” a tudo o que diga respeito a questões ou diferendos territoriais entre Estados ou entidades internacionais. E na realidade isso não é nem certo, nem muitas das vezes coincidente com o que é na sua essência esta ciência aqui em estudo.

Tal como referem o Professor António Marques Bessa e o Tenente-Coronel Carlos Manuel Mendes Dias, quando muitas das vezes ouvimos falar em Geopolítica deste ou daquele Estado, na realidade trata-se de uma “... *«geopolítica popular», que tem na sua parte mais visível, quando muito, uma espécie de jornalismo informado, parente menor do esquecido e importante jornalismo de investigação...*”⁴ Por várias vezes também o meu orientador, o Senhor Professor Doutor Luís Fontoura, me alertou para o facto das pessoas habitualmente se referirem à Geopolítica sem saberem que esta difere da Geografia Política, da Geoestratégia ou simplesmente das Relações Internacionais e da Política Externa. Como tal, um dos objectivos desta dissertação passa por desmistificar o conceito em estudo, procurando demonstrar as diferenças entre a Geopolítica e outras ciências que a compõem, de modo a que o seu nome não seja utilizado de forma banal, incorrendo assim num erro de definição que todos certamente, desde os emissores da mensagem aos receptores da mesma desejariam evitar.

Embora tenha sido muitas vezes considerada promotora da guerra, o aprofundamento teórico da Geopolítica pode e é com certeza o objectivo de quem a estuda e lecciona: propiciar conhecimentos suficientemente amplos e vastos que evitem precisamente o aparecimento de conflitos, sejam eles armados ou meramente políticos, entre duas ou mais entidades estatais⁵. Quanto melhor é o conhecimento do meio que habitamos, das suas características, das suas potencialidades e vulnerabilidades e da relação entre estas e o poder que dispomos para explorá-las, mais facilmente poderemos delinear uma estratégia eficaz. E

⁴ Bessa & Dias, 2007, p. 14.

⁵ É certo que em função desse mesmo aprofundamento do conceito, hoje podemos alinhar a Geopolítica com outros actores ou instituições extra-Estado, mas limitemo-nos por agora a inclui-la unicamente na esfera estatal, para assim facilitar a sua compreensão e a sua relação com o outro conceito aqui em estudo – a Rússia.

uma coisa é certa: nenhuma grande potência mundial, conseguiu alguma vez adquirir tal *status* sem recorrer à análise, ao estudo e ao desenvolvimento de uma acção geopolítica coincidente com os objectivos que se traçam para esse espaço.

É com base neste pressuposto que nasceu a Rússia e se consolidou enquanto grande potência mundial, chegando mesmo durante quase meio século, a atingir o prestigante estatuto de Superpotência. A Rússia que hoje conhecemos tem origem nos Principados de Kiev e de Moscovo, que em virtude das condições geográficas de destaque que apresentavam permitiram a fixação de uma grande porção de povos eslavos do Leste europeu que beneficiando das mesmas conseguiram projectar o seu poder para locais bem mais longínquos.

O que importa neste trabalho é perceber como é que a Geopolítica teve influência na formação da Rússia enquanto Estado e qual o alcance desta no sentido de tornar o país numa grande potência mundial. Poderia a Rússia conseguir construir um grande Império no séc. XIX sem fazer uso da Geopolítica? Poderia a URSS ter aguentado cerca de sete décadas se deitasse para o lixo as teorias de Mackinder, de Mahan, de Haushofer ou de Ratzel? É óbvio que geograficamente a Rússia é o maior país do mundo, mas o que possui afinal o seu território e o seu povo de tão especial para que se conseguisse superiorizar a tantos outros Estados? É de facto impressionante como uma ciência específica mas complexa ao mesmo tempo, consegue determinar os diversos factores que contribuem para que um Estado disponha das condições ideais para se sobrepôr a muitos outros. O caso da Rússia não é de todo o único. Poderíamos referir os exemplos da Alemanha, da Grã-Bretanha, da China ou mesmo dos EUA, pois todos eles apresentam fortes indícios de se terem sustentado nos factores geográficos, políticos, económicos e estratégicos para se afirmarem neste nosso mundo.

Porém o caso russo apresenta características muito próprias, na medida em que o podemos descrever geopoliticamente desde a sua formação até à actualidade. Ainda antes da Geopolítica e da sua “irmã mais velha” – a Geografia Política – terem aparecido em força nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, já nós podemos testemunhar a sua presença nos motivos que levaram ao nascimento da Rússia; na explicação para que as cidades de Kiev e Moscovo se tenham destacado das demais durante esse nascimento; nas condições que favoreceram os constantes invasores do território russo a terem tido sucesso nas suas

manobras; na libertação da Rússia desses invasores e na posterior expansão e consolidação do seu império. Enfim, todo o percurso deste gigante e magnífico país que é a Rússia, fez-se, quer se concorde ou não, partindo das relações entre o homem e o meio que ele habita; entre o poder que ele exerceu e os factores físicos que potenciaram esse poder. A Rússia é portanto, o exemplo perfeito de como a Geopolítica pode conduzir um Estado a uma posição hierárquica de destaque face a outros. Daí um dos motivos pela escolha deste país como demonstração da aplicação efectiva do estudo das relações entre a política e o espaço.

Se por um lado, no domínio terrestre, a Rússia conseguiu adquirir esse estatuto de grande potência mundial ou de potência continental, ainda permanecem algumas dúvidas acerca da sua capacidade de poder nos mares. É certo que embora seja de longe o maior país do mundo, com uma dimensão continental e possua uma das maiores costas litorais do planeta, a verdade é que a Rússia sempre esteve presa na sua continentalidade e foi contra isso que os czares Pedro I e Catarina II lutaram arduamente, ou seja, conduzir a Rússia aos oceanos e mares navegáveis (visto que os mares fechados ou gelados não lhe favoreciam da mesma maneira que os abertos e quentes favoreciam as potências marítimas). Desde 1700 existe portanto uma busca incessante em contrariar o encravamento continental da Rússia e para isso, os seus governantes empregaram uma política de apoio à sua frota naval de modo a projectarem o seu poder além-fronteiras e assim reforçar a sua posição na cena internacional. Independentemente dos sucessos alcançados em terra, é no mar que a Rússia historicamente mais esperanças depositou mas que também mais “machadadas” recebeu, sendo portanto crucial percebermos quais os objectivos marítimos dos russos, porque são tão essenciais assim e se esses objectivos são passíveis de serem alcançados, isto é, se alguma vez a Rússia foi ou poderá vir a ser uma Potência Completa – marítima e continental simultaneamente.

JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

É através do conhecimento da Geopolítica que podemos ter acesso aos verdadeiros motivos, muitas vezes ocultos, por de trás de muitos conflitos ou de posições mais assertivas de diversos Estados. A Rússia é um dos poucos países no mundo que dispõe de um arsenal nuclear de respeito bem como de um poder militar considerável. Herdeira de uma Superpotência – URSS – que muitas vezes não hesitou em ameaçar o Ocidente em função das suas pretensões, torna-se portanto bastante pertinente e mesmo aconselhável que se desenvolva um estudo acerca do desenvolvimento da Geopolítica num país que tantas vezes é referido na Comunidade Internacional, mas sobre o qual permanecem ainda muitas falhas de compreensão e de julgamento acerca dos receios e inseguranças deste gigante euroasiático.

A Geopolítica está inerentemente ligada a este país. Ela fez nascer e alimentar a Rússia, do mesmo modo que a seduziu e iludiu, levando-a a uma perda considerável de influência mundial desde 1991. Importa por isso clarificarmos a sua posição no mundo actual, pois a história tem-nos provado que o desconhecimento das realidades dos diversos actores internacionais é um erro que muitas vezes assume proporções desastrosas. E neste caso, infundadas ou não, persistem uma série de prerrogativas carregadas de uma “russofobia” por entre nós, ocidentais, que convém serem explicadas, e cujo conteúdo após avaliação cuidadosa nos permitirá perceber se a Rússia é efectivamente uma entidade carregada de perigo e se for caso disso, quais os motivos que conduziram a tal facto.

Sem conhecermos a Geopolítica da Rússia nunca compreenderemos essa tal postura que tantas vezes dispersou o medo pelos países ocidentais. Nunca entenderemos porque é que milhões e milhões de russos pereceram pela defesa de pequenas porções de território. Nunca interiorizaremos a recusa de Moscovo em conceder a independência a regiões como a Chechénia. Nunca captaremos os verdadeiros motivos pela posse russa de enclaves como o de Kaliningrado. Todo o trajecto nacional e internacional do maior território político do mundo – Rússia – só é verdadeiramente justificado através de um conhecimento geopolítico.

OBJECTIVOS DESTE ESTUDO

- Clarificação do conceito de Geopolítica, enquanto ciência multidisciplinar que engloba disciplinas como a Geografia, a Política, a História e a Estratégia;
- Desmistificação da Geopolítica face à Geografia Política, evidenciando as diferenças entre ambas;
- Análise do percurso histórico da Geopolítica, desde os primórdios em que as relações entre o espaço e a política começaram a ser estudadas;
- Diferenciação entre os dois tipos de Teorias da Geopolítica Clássica (Restritas e Globais) e posicionamento dos autores principais em cada uma delas (Ratzel, la Blache, Kjellen, Mahan, Mackinder, Haushofer, Douhet e Spykman);
- Identificação dos factores geográficos que suscitaram o aparecimento do Estado Russo, herdeiro dos principados de Kiev e Moscovo;
- Verificação de como a Geopolítica esteve ao serviço dos impulsos expansionistas da Rússia desde o séc. XVIII até à Revolução Bolchevique;
- Clarificação da importância do *Heartland* para o estatuto de grande potência continental da Rússia;
- Identificação da presença dos conceitos geopolíticos de Ratzel, Mackinder, Mahan e Haushofer na Geopolítica da Rússia;
- Demonstração do papel do Eurasianismo na definição da Geopolítica russa a partir do séc. XIX;
- Enumeração das características próprias e únicas do povo russo que fortaleceram a sua posição na cena internacional;
- Relacionar o estatuto de grande potência mundial com a continentalidade russa;
- Descrever a história da Marinha Russa, desde a sua formação até ao fim da Guerra-Fria, enunciando os sucessos e fracassos da mesma face aos objectivos traçados;
- Identificar as principais áreas de actuação da Geopolítica Marítima da Rússia;
- Perceber se essa Geopolítica Marítima foi eficaz ou não e se alguma vez a Rússia foi ou poderá ser uma potência marítima;
- Referir alguns dos objectivos geopolíticos principais da actual Rússia;
- Perceber se o estatuto de Superpotência da Rússia pode vir a ser recuperado e de que maneira a Geopolítica pode ou não contribuir para tal.

METODOLOGIA APLICADA

A presente dissertação foi elaborada partindo de uma abordagem geral – neste caso a dimensão da Geopolítica e de que modo esta possibilita o aparecimento de Estados mais fortes tendo em conta as diversas e distintas teorias dos autores clássicos – para uma dimensão mais particular – o caso da Rússia e de como esta se afirmou na cena internacional como grande potência. Como tal, o método científico utilizado na investigação deste trabalho foi o método dedutivo, ou seja, partiu-se de uma premissa geral (a Geopolítica enquanto catalisador do poder dos Estados) para chegar a uma conclusão (a Rússia tornou-se numa grande potência internacional em virtude da Geopolítica).

Tendo em conta a complexidade do tema da Geopolítica por um lado e a diversidade histórica, política e cultural da Rússia por outro, o processo de investigação para o presente trabalho baseou-se numa tentativa constante de aliar uma pesquisa quantitativa com uma pesquisa qualitativa, na medida em que são muitas e diferentes as opiniões de diversos autores acerca dos dois conceitos aqui em estudo, ao mesmo tempo que na maioria dos casos encontramos apenas a visão “ocidental” da Rússia, sendo extremamente complicado (até por desconhecimento da língua russa) aceder a informação proveniente do país em questão.

Mas colocando o foco no enriquecimento e valorização dos factos presentes nesta dissertação, a pesquisa obedeceu a algumas regras elementares sem as quais poderíamos estar a incorrer numa abordagem insuficiente ou incorrecta. Acima de tudo procurou-se verificar:

1. A credibilidade do autor no meio académico ou político;
2. O seu conhecimento das questões aqui expostas nesta dissertação;
3. A adequabilidade das obras literárias ao tema;
4. O discurso utilizado (preferencialmente isento);
5. A actualidade ou validade das obras utilizadas.

Desta forma, a recolha de informação necessária à elaboração desta dissertação foi sustentada na procura de uma base bibliográfica ampla, diversificada, justificativa dos conceitos em estudo e adaptável aos mesmos. Para tal, procedeu-se primeiramente a uma pesquisa prévia dos livros, documentos, relatórios, notícias, artigos científicos e artigos de opinião que pudessem ser úteis para o projecto a ser desenvolvido nesta dissertação. De

seguida foi feita uma filtragem dos mais importantes e pertinentes para o estudo em questão, tendo em conta os requisitos acima descritos. O método de pesquisa mais utilizado foi a internet, acedendo a bases bibliográficas de relevo para este assunto, como foi o caso do ISCSP, IDN e IESM, para depois requisitar os livros pretendidos.

Desta forma, a presente dissertação – “*A Geopolítica enquanto instrumento de afirmação mundial da Rússia*” – encontra-se dividida em quatro capítulos essenciais e uma conclusão onde será feita uma revisão dos conceitos expostos e uma projecção para o futuro da Rússia. No **Capítulo I** expõe-se a temática da Geopolítica, identificando a sua evolução histórica, os seus conceitos base e os contributos dos principais autores.

No **Capítulo II** relacionamos a Geopolítica com o nascimento e consolidação da Rússia enquanto Estado e posterior afirmação desta enquanto grande potência mundial, recorrendo aos principais factores geopolíticos que contribuíram para esse estatuto, desde o *Heartland*, ao Eurasianismo, à génese do povo russo e à continentalidade russa.

O **Capítulo III** conduz-nos à eterna procura da Rússia em fugir ao seu encravamento continental, analisando assim os mais diversos aspectos da Geopolítica Marítima da Rússia, desde a sua evolução, às zonas de actuação e aos resultados obtidos.

Finalmente, o **Capítulo IV** pretende demonstrar alguns traços da Geopolítica na actual Federação Russa, abordando os seus objectivos geopolíticos no imediato e os principais trunfos utilizados, agora claramente distintos do antigo arsenal nuclear soviético.

CAPÍTULO I

*Da Geografia Política à Geopolítica: contributo
dos autores clássicos para o estudo desta ciência
multidisciplinar*

1. A evolução na relação dos fenómenos políticos com o espaço

Em termos históricos, a actividade que se dedica à Geopolítica, provém de há muitos anos atrás. No entanto, é preciso ter em atenção que nesta altura ainda embrionária do tema aqui em estudo, o fenómeno era ainda praticamente descritivo, alinhando-se mais numa Geografia Política do que propriamente numa Geopolítica pura. Assim, poderíamos referir autores clássicos como Heródoto, Tucídides, Aristóteles ou Estrabão, todos eles historiadores e filósofos que se dedicaram a descrever ou mesmo explicar os motivos por de trás das imensas guerras entre os gregos e os seus opositores asiáticos e mais tarde as características (geográficas na sua maioria) que propiciavam a supremacia da Europa face aos outros continentes conhecidos de então (África e Ásia) e dos romanos face às outras entidades políticas da época. Esta foi claramente uma época propícia ao nascimento de uma cartografia rica, diversa mas em muitos casos exagerada.

A Idade Média é marcada por um retrocesso no desenvolvimento da Geografia Política, uma vez que a Igreja assume um papel central na formação e instrumentalização das mentalidades. Todas as atenções são focadas na importância do binómio Homem-Deus em detrimento do estudo das características do espaço físico e respectiva influência deste nas decisões do Homem. O ensino era monopolizado pelo Clero, segundo o qual, todos os problemas do Homem encontrariam resposta na Bíblia e noutros textos religiosos. Ainda assim, se esta era a situação no continente europeu, o mesmo não se verificava a oriente, onde quer os chineses quer os muçulmanos empreenderam uma política de apoio e desenvolvimento do estudo do meio físico que os rodeava, não só como forma de se defenderem dos inimigos mas também de potenciarem as suas ambições noutras paragens. Não é portanto de espantar que quando os muçulmanos chegam às ruínas do que foram outrora as províncias romanas na Europa, tenham trazido consigo uma série de inovações desconhecidas.

A época dos Descobrimentos Ibéricos marca a viragem na história das relações da política com o meio físico, estando inevitavelmente relacionado com a geografia como forma de se atingir a hegemonia colonial. A procura em conseguir controlar o comércio de produtos vindos do Oriente (evitando passar por território hostil muçulmano) do lado dos portugueses e o desejo de encontrar avultadas riquezas no Novo Mundo (continente americano) por parte dos espanhóis levou os respectivos governantes a promoverem uma política de expansão

além-mar que lhes trouxe imensas vantagens. De uma maneira geral, o objectivo era claramente geopolítico e passava por aumentar as potencialidades estratégicas e fontes de recursos destes países e assim se sobreporem a outros reinos mais poderosos na Europa, algo que veio a acontecer. O Tratado de Tordesilhas (1494) é não só o momento em que Portugal e Espanha colocam de parte as suas reclamações pessoais e decidem dividir o Mundo entre si, mas sobretudo o início da era da Globalização, para a qual teve extrema importância todo o riquíssimo legado deixado pelos navegadores de ambos os países na pormenorizada descrição geográfica dos locais por onde iam passando. Este sucesso não foi indiferente a Inglaterra e Holanda que rapidamente seguiram os passos dos seus congéneres ibéricos. Mais tarde, França e Alemanha, embora com grande poderio a nível continental, decidiram que não poderiam ficar para trás face às potências marítimas e começaram também a procurar aumentar a sua influência noutros continentes. Embora Portugal e Espanha tivessem claro protagonismo, lá fora muitos foram os autores que se dedicaram ao estudo de factores que privilegiavam o poderio destes pequenos “grandes” países, desde o clima, os recursos naturais que obtinham dos locais por onde iam passando, a organização do Estado, o poder militar e outros. Nesta matéria destacaram-se ilustres figuras como Maquiavel, Montesquieu, o Cardeal Richelieu, Kant e Hegel.

Apesar da importância das épocas já referenciadas, é sem dúvida alguma nos sécs. XIX e XX que os fenómenos geopolíticos atingem um patamar nunca antes alcançado. No primeiro consolida-se a Geografia Política com Friedrich Ratzel, dando assim aso a que nos primórdios do séc. XX surja o nascimento do conceito de Geopolítica pela primeira vez levado a público pelo sueco Rudolf Kjellen. A Europa, cansada de desgastantes guerras por causa de disputas territoriais, lança-se numa demanda pela conquista do continente africano. Nas Américas, os EUA, terminada a sangrenta Guerra da Secessão, procuram expandir o seu poder além-fronteiras, sendo que Porto Rico, Filipinas e Cuba são apenas o prólogo para a sua maior conquista geopolítica até então: a construção e controlo do Canal do Panamá. No Pacífico, o Japão da Era *Meiji*, começa a sua aventura além-mar na procura de maiores fontes de recursos e de matérias-primas capazes de sustentar a máquina industrial que se vinha a consolidar. Um marco importante neste *boom* geopolítico é a Conferência de Berlim de 1885, onde se declara o fim do direito de ocupação histórica das colónias que era agora substituído pelo direito de ocupação efectiva, isto é, um Estado só tem direito a possuir uma colónia se a explorar, desenvolver e ocupar efectivamente. Já não interessava quem tinham sido os

primeiros a lá chegar. Para responder a estes desafios, começam a desenvolver-se as Sociedades de Geografia, com forte investimento dos Estados.

As duas Guerras Mundiais na primeira metade do séc. XX são antes de tudo o mais, o choque entre potências estabelecidas e consolidadas há já alguns séculos e outras que se formaram e se fortaleceram nos finais do séc. XIX, muito graças às teorias geopolíticas de então. Mais à frente veremos como por exemplo, o nacional-socialismo alemão se aproveitou dos ensinamentos de Ratzel e Haushofer para justificar a sua postura expansionista pela Europa, tirando partido do entusiasmo e credibilidade que essas teorias geopolíticas tinham na época, não só como forma de legitimar a nível internacional acções beligerantes muito pouco ortodoxas, mas sobretudo para mobilizar a opinião pública alemã para uma demanda de conquista de maiores parcelas de território, não por ganância mas sim por questões geopolíticas que trariam, no fim de contas, mais estabilidade e bem-estar aos povos desses países.

O resultado da apropriação das ideias da *Geopolitik* da Escola de Munique por parte do Estado Hitleriano trouxe consequências terríveis, não só para os alemães mas para toda a Europa. Não é portanto de estranhar que após 1945, a Geopolítica tenha caído em desgraça, sendo por muitos considerada a ciência promotora dos fascismos europeus e da guerra. Serão precisas três décadas para que o termo volte novamente a ser discutido abertamente, principalmente devido ao contributo dos franceses Ives Lacoste e Paul Claval. Porém, embora tenha sido publicamente atacada, a Geopolítica não desapareceu nem se esmoreceu. Muito pelo contrário. Adquiriu uma postura mais global, principalmente devido ao conflito entre os dois Blocos durante a Guerra-Fria⁶.

⁶ “De 1946 a 1989, a guerra fria dividiu o mundo em dois. O conflito teve uma dimensão geopolítica enorme, já que as estratégias assentavam em conceitos como a formação de blocos e redes de alianças à escala mundial. As doutrinas «dos dominós» (Eisenhower), «dos três mundos» (Deng Xiaoping), «do terceiro mundo» e dos «três círculos» são todas visões do espaço e, portanto da geopolítica mundial.” (Baud et al., 1999 apud Dias, 2005, p. 57)

2. Geografia Política e Geopolítica

Aqui importa talvez dedicar algum tempo ao esclarecimento destes dois pontos complementares mas distintos, ou seja, a Geografia Política e a Geopolítica. Com efeito, a primeira distinção que vem ao de cima está no facto da Geografia Política ser antes de mais, um ramo da Geografia e ao mesmo tempo da Geopolítica. Assim sendo, podemos afirmar que se a Geografia é o estudo do fenómeno da superfície terrestre, então a Geografia Política consiste no estudo do Estado enquanto fenómeno espacial, isto é, das relações entre o poder e o território. No seguimento disto, surge a Geopolítica como ciência que se debruça sobre o estudo espacial das relações entre Estados e as implicações que essas relações produzem na morfologia dos mapas políticos (Parker, 1994). É usual dizer-se que a Geografia Política é como a foto de um Estado, ao passo que a Geopolítica se constitui como o filme desse mesmo Estado (Dias, 2005).

Assim sendo, a Geopolítica é uma ciência multidisciplinar que entre outras temáticas, engloba a Geografia Política. Podemos especular neste campo, se esta última e o seu desenvolvimento não terão tido o papel mais preponderante para o crescimento da Geopolítica que as outras, ou se pelo contrário, esta nasceu e se desenvolveu pelo proporcional contributo de todas as outras disciplinas que a compõem. Segundo o Almirante Célérier, a Geopolítica é mesmo o resultado da Geografia Política, distinguindo-se desta pois “*Mais que situações estáticas descritas num dado momento [Geografia Política], a Geopolítica tenta iluminar as suas causas, as suas tendências, a sua evolução. Permite pois, não prever, mas descobrir as eventualidades. Ela estabelece as consequências geográficas de uma política*”.⁷ Também a definição protagonizada pelo IAEM faz referência à relação indissociável entre estas duas ciências: “*Entende-se como geopolítica a procura de relacionamento entre tipos comuns de comportamentos políticos com as diversas áreas geográficas, e o estudo da influência da geografia no enunciado dos objectivos dos povos.*”⁸

As grandes diferenças entre estes dois conceitos decorrem exactamente do facto da Geografia Política ser um ramo da Geopolítica. Veja-se por exemplo que a Geopolítica devido à sua complexidade, acarreta sempre outros objectivos políticos frequentemente difundidos

⁷ Célérier, *apud* Bessa & Dias, 2007, p. 26.

⁸ IAEM, 2000, p. 5.

através de discursos e que visam uma análise do passado e do presente, com vista à manutenção ou alteração do *status quo* no futuro. Por outro lado, a essência puramente descritiva da Geografia Política leva-a a ter como principal objectivo analisar/descrever os factos históricos, sem com isso pressupor directamente qualquer tipo de intenção ou intervenção na cena política. De uma forma mais simples, uma análise geopolítica apresenta quase sempre segundas intenções, contrariamente à vocação meramente descritiva da Geografia Política.

Igualmente interessante para o aprofundamento desta temática será analisarmos a relação entre os conceitos-chave aqui em discussão, isto é, a Política, a Geografia e a Estratégia, visto que são as bases do que hoje conhecemos como a Geopolítica. Neste sentido, podemos afirmar que a Política será a habilidade de se obter determinados objectivos através das relações humanas; a Estratégia será o plano para se alcançar esses objectivos; surgindo finalmente a Geografia como o tal objectivo que se está a tentar alcançar. Do mesmo modo, e tendo em conta todo o historial de conflitos a que temos assistido principalmente desde o séc. XIX (visto que os anteriores eram marcados essencialmente por questões religiosas e outras), é possível verificar que as chamadas “guerras” de independência, de libertação ou de conquista se têm debruçado sobre um factor essencial: a luta pelo território, demonstrando assim claramente a influência que a geografia incute na política e na estratégia (Ward, 1992). Isto exemplifica bem como a Geografia Política e a Estratégia (ou, para sermos mais rigorosos, a Geoestratégia⁹) se apresentam como bases essenciais no carácter multidisciplinar da Geopolítica, às quais podemos também acrescentar a (Geo)Economia¹⁰, a História e outras mais.

Igualmente relacionado com o fenómeno geopolítico está a noção de poder de um Estado ou de uma entidade nacional, cujo seu exercício promova alterações significativas num dado espaço físico, ou vice-versa, isto é, a existência de características nesse espaço físico que conduzam a uma mutação do exercício do poder que por si só já é dinâmico. A Geopolítica faz uso do Poder Nacional e este alimenta-se das teorias da ciência multidisciplinar aqui em

⁹ “O estudo das constantes e variáveis do espaço acessível ao homem que, ao objectivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego, ou ameaça de emprego de formas de coacção, projecta o conhecimento geográfico na actividade estratégica.” (IAEM, 1993, p. 11)

¹⁰ No mundo pós Guerra-Fria, muitos foram os autores que defenderam que a Geopolítica seria posta de parte em detrimento da Geoeconomia: “[...] *with great political conflict concluded, old-style geopolitics is now being replaced by a new geo-economics*” (Luttuwak, 1990, *apud* Taylor, 2000, p. 377).

estudo. Atendamos à definição que nos apresenta o Professor Luís Fontoura nesta matéria: “*O poder nacional é a soma dos atributos que capacita um Estado para atingir os seus objectivos externos sempre que eles se opõem aos objectivos e vontade de outro actor internacional.*”¹¹ Não será portanto de estranhar que a Geopolítica de um Estado com um elevado nível de Poder Nacional seja muito mais assertiva, impositora, definitiva e irredutível do que a de um Estado que carece desta base nacional de poder. Ou seja, a Geopolítica será tanto mais forte quanto forte for o Poder Nacional do Estado que pretende fazer uso dela.

O final do séc. XIX e consequente aperfeiçoamento do estudo da Geopolítica trouxe à tona o trabalho notável de diversos autores, professores, militares, geógrafos e outros que procuraram, cada um à sua maneira e do seu ponto de vista, alargar os horizontes da ciência geopolítica. De entre os vários que poderíamos aqui abordar, será inevitável referirmos os contributos daqueles que são por muitos considerados como os fundadores da Geopolítica Clássica: Ratzel e Mackinder¹². No entanto, será dada alguma atenção igualmente a outros autores clássicos de referência, por ambos influenciados, como sejam Kjellen, Haushofer, Vidal de la Blache, Mahan, Spykman ou Douhet.

Da mesma maneira que cada um dos autores acima referenciados tinha a sua própria visão do que consistia a Geopolítica e como esta deveria agir, é também de salientar que no geral, as suas teorias se baseiam no alcance que almejam obter e na projecção do poder que sustenta essas mesmas teorias, ou seja, restritas (a um determinado território ou Estado) ou globais (visando todo o espaço mundial).

¹¹ Fontoura, 2006, p. 7.

¹² “*Its two ‘founding fathers’ come from each tradition – the Englishman Mackinder contributes especially to the ‘geo’ which has largely been interpreted as ‘global’, and the German Ratzel contributes especially to the ‘politics’ which has largely been interpreted as the power politics of states.*” (Taylor, 2000, p. 376).

3. Teorias Restritas da Geopolítica

3.1. *O Determinismo Ratzeliano*

Como já foi referido anteriormente, a segunda metade do séc. XIX caracteriza-se não só pela emergência dos Estados-Nação mas também pela promoção do colonialismo¹³ como forma de responder às exigências da Revolução Industrial iniciada no século anterior. É neste ambiente de mudança e numa recém-formada Alemanha imperial que se sentia já apertada dentro das suas fronteiras após a unificação dos Estados germânicos sob a Coroa da Prússia de Bismarck (IAEM, 1982), que surge Friedrich Ratzel (1844-1904) que devido à sua obra é por muitos considerado o “Pai da Geografia Política Moderna”.

Ratzel baseou-se no sucesso do expansionismo alemão do séc. XIX para demonstrar que o Espaço (*Raum*) e a Posição (*Lage*) eram sinónimo de poder, isto é, possuir mais espaço é ter mais poder. Daqui decorre igualmente o conceito de Espaço Vital (*Lebensraum*), que ele entendia como toda a parcela de território necessário para que um Estado fosse forte, seguro e respeitado pelos seus semelhantes, justificando mais uma vez os motivos que desde sempre levaram a que os Estados lutassem entre si por pequenas ou grandes parcelas territoriais, levando a que neste caso, somente os Estados mais fortes resistissem¹⁴, não restando outra alternativa às unidades políticas mais pequenas senão serem absorvidas¹⁵. Aqui há um fenómeno de continuidade inerente, uma vez que conquistas/expansões tendem a multiplicar-se quando são obtidas com sucesso.¹⁶ É na sua obra mais carismática – “*Politische Geographie*” (1887) – que este geógrafo alemão coloca sobre a mesa os conceitos acima descritos. Com efeito, para Ratzel a relação entre o Homem e o Solo é indissociável, sendo que ele entende que o Estado enquanto organismo é o resultado da ligação de um povo ao seu território.

¹³ Do qual Ratzel fora um grande defensor, tendo sido inclusive um dos fundadores do *Kolonialverein* (Comité Colonial).

¹⁴ “O primeiro impulso para o desenvolvimento territorial de um Estado vem do exterior, duma civilização mais adiantada” (IAEM, 1982, p. 24).

¹⁵ “A expansão de um Estado inicia-se com a fusão e absorção de unidades menores” (*Idem*).

¹⁶ “A absorção reforça a tendência para a expansão o que confere maiores possibilidades para a subsequente conquista de mais espaço” (*Idem*).

O Determinismo Ratzeliano é praticamente indiferente a outros factores importantes de afirmação de um Estado enquanto organismo, como sejam a “raça” ou a “língua”. Será a ligação ao solo e conseqüente extensão territorial e distribuição populacional por esse território que irá determinar a fraqueza ou poderio de um Estado, levando a que o factor “fronteira” seja muito volátil.¹⁷ No entanto, ele também se apercebeu que essa relação não conseguia *per si*, determinar o poder de um Estado. Esse seria tanto maior quanto fosse a aptidão natural de um determinado povo para se mobilizar, organizar e desenvolver no espaço que ocupa.¹⁸ A isso corresponde aquilo que o alemão definiu como o Sentido de Espaço (*Raumsinn*). Como tal, é perfeitamente visível para Ratzel, a importância e influência da geografia nos comportamentos dos Estados (Dias, 2005).

Ratzel utilizou frequentemente os casos da criação do *II Reich* alemão, da China e dos EUA como exemplos do seu determinismo geográfico-político e de como essas entidades, em virtude das grandes aquisições territoriais se tornaram capazes de ser auto-suficientes e de rivalizar com os britânicos¹⁹.

3.2. *Vidal de la Blache e o Possibilismo*

A rivalidade franco-alemã também se fazia sentir ao nível das teorias geopolíticas. Desta forma e fazendo oposição ao determinismo geográfico de Ratzel, surgia Paul Vidal de la Blache (1845-1918), geógrafo e historiador francês que se distanciou claramente das teorias do seu homólogo alemão, enveredando mais por uma Geografia Humana, na qual os factores naturais não constituíam por si só a base das acções políticas do Homem.

Rejeitando o fatalismo ratzeliano segundo o qual, o poder de um Estado se reflectia nos determinismos que o seu território físico lhe destinava, Vidal de la Blache defende que a vontade, a cultura e o nível civilizacional de um Estado se sobrepõem aos factores naturais do seu território, pelo que em última análise, estes servem apenas de auxílio à tomada de decisão política que será sempre procedida da livre escolha do Homem:

¹⁷ “A fronteira, como órgão periférico de um Estado, evidencia a sua vitalidade ou dinamismo; as fronteiras são, portanto, variáveis e dinâmicas, reflectindo a força expansiva dos Estados” (*Idem*).

¹⁸ “La mobilité des peuples. La force politique élémentaire consiste dans la mobilité. Plus un peuple est mobile, plus il occupe d’espace.” (Ratzel, 1987, p. 90).

¹⁹ “Les États-Unis d’Amérique, depuis qu’ils ont intégrés Porto Rico, Hawaii et les Philippines, sont devenus un État Autosuffisant, encore plus parfait que la Chine.” (*Idem*, p. 107).

*Uma individualidade geográfica não resulta de simples considerações de geologia e clima. Não foi fixada pela natureza com uma antecipação. É um depósito onde dormem energias, cujo gérmen aí foi depositado pela natureza, mas cuja utilização depende do homem que é quem, adaptando-as ao seu uso, ilumina essa individualidade.*²⁰

Embora rejeite o determinismo geográfico, Vidal de la Blache atribui uma significativa importância à questão histórica no fenómeno geopolítico, na medida em que este, para além de ser condicionado pela acção humana também sofria a influência do tempo e da duração desta última.

À semelhança de Ratzel, o francês também focou grande parte dos seus pensamentos teóricos e obras literárias²¹ em torno dos motivos que ele encontra para que a Alsácia e a Lorena façam parte da França e não da Alemanha.

3.3. O aparecimento do termo “Geopolítica” com Kjellen

Apesar de toda a importância e mérito reconhecido a Ratzel pelo seu contributo para a matéria aqui em estudo, o mérito da invenção da palavra Geopolítica pertence ao professor sueco Rudolf Kjellen (1864-1922) que o introduz pela primeira vez em 1899 num artigo relativo à problemática das fronteiras da Suécia. Contudo, é em 1916 que Kjellen, na sua obra “*Staten som livsform*” define o conceito de Geopolítica como “*A ciência do Estado, enquanto organismo geográfico, tal como se manifeste no espaço.*”²²

Para Kjellen, professor de ciência política na Universidade de Gotemburgo, a *Geopolitik*) era um dos ramos da *Politik*²³ que mais não era do que a ciência do Estado, cujo a

²⁰ IAEM, 1982, p. 32.

²¹ “*La France de L’Est*” publicada em 1917, em plena I Guerra Mundial, é exemplo dessa fixação para com os territórios perdidos para o *Reich* Alemão em 1870, ao mesmo tempo que é geralmente aceite como a primeira grande obra de geopolítica francesa.

²² Kjellen, *apud* Dias, 2005, p. 76.

²³ “*For Kjellen, Geopolitik was actually one category in a wider system of analysis which he devised, the other major ones being Demopolitik (demopolitics), Economopolitik (economopolitics), Sociopolitik (sociopolitics)*”

principal arma era a detenção do poder. Fortemente influenciado pelas ideias de Ratzel,²⁴ o sueco dedica-se ao estudo do Estado e define-o como um organismo vivo, uma espécie de homem que nasce e cresce²⁵ num permanente estado de conflito com os restantes (Dias, 2005). Tal como Ratzel, Kjellen atribui uma grande importância ao fenómeno do espaço, enquanto fórmula de poder de um Estado. No entanto ele vai mais longe do que Ratzel, quando atribui a este uma característica organicista e humana, dotando o Estado de inteligência e portanto este deixa de estar “subjugado” à sua aptidão natural e meramente instintiva de aplicação e obtenção do poder/espaço. O “Estado de Kjellen” é portanto, um ser vivo que actua de acordo com as leis e que tal como uma criança nasce e cresce apegada à sua família, dependendo invariavelmente do espaço ou território que ocupa, não podendo jamais se desprender deste, sob pena de perder a sua razão de existência (Dias, 2005). Kjellen afirma que o Estado é constituído por cinco elementos interdependentes: Governo, Sociedade, Povo, Património e Império.

A importância dada por Kjellen ao factor espaço não é em nada inferior à que Ratzel lhe havia atribuído. Basta atentarmos na diferenciação que o sueco faz entre Estado como organismo geográfico e Nação como organismo étnico, sendo o primeiro muito mais forte e importante que o segundo,²⁶ na medida em que era ele que dispunha dos instrumentos necessários a educar e disciplinar o segundo, nomeadamente através do Direito (Dias, 2005). No entanto, Kjellen reconhece que a Nação e mais propriamente o sentimento nacional são factores cruciais à sobrevivência do Estado, visto que este, enquanto organismo também acaba por “morrer”, seja pela perda de território ou pelo desvalorizar e gradual desaparecimento do sentimento nacional, entendido como o apreço e orgulho em pertencer a um determinado grupo.

and Cratopolitik (power politics), (...) Kjellen came to the conclusion that Geopolitik was the most important of them all since it underlay all the others.” (Parker, 1998, p. 17).

²⁴ *“The German geographer’s ideas on the influence of geographical factors on the nature and behavior of the state were a revelation to Kjellen, and introduced him to an entirely new way of thinking about international relations and the state.” (Idem, p. 10).*

²⁵ *“Thus he conceived of the state as being very much a person having a life cycle from youth through maturity to old age.” (Idem, p. 18).*

²⁶ *“Para o demonstrar sublinha que o Estado é capaz de suportar melhor a perda de vidas humanas – mesmo uma grande parte da população – do que a perda do território.” (Borges, apud Dias, 2005, p. 81).*

Toda a obra de Kjellen reflecte os anseios e inquietudes próprias de uma viragem de século. O final do séc. XIX mostrava cada vez mais a competição feroz entre as grandes potências, adivinhando-se para breve um conflito à escala global, como se verificaria em 1914. Esta permanente rivalidade entre os grandes impérios europeus tinha como centro da questão a geografia, e o facto de todos aqueles espaços em branco ou por descobrir nos mapas já estarem completamente definidos. Durante séculos, existia a expectativa de descobrir e explorar todo um mundo desconhecido, com as consequentes vantagens e riquezas que daí se obteria. Mas no final do séc. XIX, esta espécie de “conclusão geográfica”²⁷ levava a que os sonhos de outrora dessem lugar a ambições sobre parcelas territoriais que já tinham o seu dono, e neste contexto, Kjellen reflecte as suas preocupações, não só relativamente à sua Suécia, mas a toda a Europa.

²⁷ “It was this new cartographic precision, producing a sense of geographical finality, which lay behind the heightened international tension, increased rivalry and great-power imperialism.” (Parker, 1998, p. 14).

4. Teorias Globais da Geopolítica

4.1. A “*Geopolitik*” de Haushofer

O general alemão Karl Haushofer (1869-1946) foi sem dúvida alguma uma das figuras no que respeita à Geopolítica da primeira metade do séc. XX. Ratzel e Kjellen (que foram para ele grandes influências) haviam iniciado os estudos desta matéria, mas seria com Haushofer e a chamada Escola de Munique, que a Geopolítica entraria para as primeiras páginas de muitos jornais e revistas da época.

Nascido no início da formação do *Reich* alemão, Haushofer presenciou o declínio da sua pátria com a derrota em 1919 e posterior renascimento com a chegada do Nacional-Socialismo, do qual este general e professor seria, numa fase inicial, um grande entusiasta, não tanto pelo seu carácter belicista e agressivo, mas mais pelo esforço que foi empreendido no fortalecimento da Alemanha enquanto grande potência mundial. Com efeito, toda a obra geopolítica de Haushofer, iniciada com a criação da “*Zeitschrift für Geopolitik*” (Revista de Geopolítica) patrocinada pela Universidade de Munique, é demonstrativa das ambições que este general alemão tinha relativamente ao seu país em particular e ao mundo em geral.

A experiência militar de Haushofer (combatera na 1ª Guerra Mundial, onde conheceu Rudolph Hess) e a sua estadia no Japão durante dois anos (1908 a 1910) permitiram-lhe aceder a uma série de constatações que influenciariam a sua doutrina geopolítica. Contudo, foi em Ratzel que Haushofer vislumbrou algumas das ideias que mais tarde aperfeiçoaria, sendo mesmo aplicadas na prática pelo seu país. Uma delas foi o *Lebensraum* ou Espaço Vital, que Haushofer recuperou após a derrota na I Guerra Mundial. A “Humilhação de Versalhes” imposta à Alemanha pelos vencedores e respectiva perda de grandes massas territoriais, quer na Europa quer em África²⁸, desenvolveu em Haushofer o sentimento de que agora mais que nunca, era absolutamente “vital” que a Alemanha alargasse a sua influência (principalmente a Leste) como forma de se precaver contra futuras derrotas como a que havia sucedido em 1919. Assim sendo, não é de estranhar a definição que Haushofer atribuiu à Geopolítica:

²⁸ Na Europa, a Alemanha foi obrigada a restituir os territórios da Alsácia e Lorena à França, e uma grande parcela do seu território a Leste ficou nas mãos da Polónia. No que respeita ao continente africano, todas as colónias alemãs foram entregues ao Império Britânico e à França.

“*Geopolitics is the scientific foundation of the art of political action in the life-and-death struggle of state organisms for ‘Lebensraum’.*”²⁹

Herdeiro do romantismo alemão do séc. XIX e do Determinismo Ratzeliano, Haushofer acreditava que entre o Homem/Estado e o Solo existia uma relação perpétua e indissociável, na qual os conceitos de Sangue (que ele entende como o nível de civilização cultural e a raça) e Solo (associado ao espaço geográfico de um Estado) tinham um papel preponderante para garantir a sobrevivência do Estado. Efectivamente, Haushofer acreditava que na cena internacional, a política e a geografia eram instrumentos de uma batalha dura e possivelmente catastrófica entre os Estados e que como tal, a Alemanha para preservar e mesmo alargar a sua posição de grande potência mundial deveria alargar o seu espaço vital de forma a sentir-se segura. Esta busca incessante da hegemonia mundial não se constituía, no entanto, como um apelo ao expansionismo belicista alemão. Para o general, essa hegemonia teria que ser alcançada através de uma política de alianças que favorecesse a estabilidade do *Reich*.

É no seguimento disto que a Alemanha Nazi emprega a chamada “Política dos Eixos”, empreendendo primeiramente uma aliança com a Itália (que não só garantia o livre acesso ao Mediterrâneo e ao Norte de África como afastaria as potências europeias rivais – Grã-Bretanha e França – da sua esfera de influência); alargada depois ao chamado Eixo Berlim-Roma-Tóquio (que ao entregar o controlo do Pacífico e do Extremo Oriente ao Japão, ameaçava o poderio britânico na Ásia e ao mesmo tempo a URSS, impedindo-os assim de desenvolverem esforços no enfraquecimento da Alemanha na Europa) e finalizada com o Pacto Germano-Soviético (que visava garantir a paz nas fronteiras orientais da Alemanha e impedir uma guerra de desfecho imprevisível com a Rússia). Se todas estas alianças fossem levadas avante, a Alemanha conseguiria isolar as duas potências marítimas – EUA e Grã-Bretanha – e ao mesmo tempo a potência continental rival – França.

Ainda à semelhança de Ratzel, Haushofer olha para a fronteira não como um elemento histórica e geograficamente estático, mas sim com muito dinamismo. Desta forma, as fronteiras não deveriam estar associadas às características geográficas que a natureza pressupunha nem ao estabelecimento de tratados internacionais (criticando como sempre o Tratado de Versalhes), mas sim ao nível de penetração cultural que um determinado país tinha

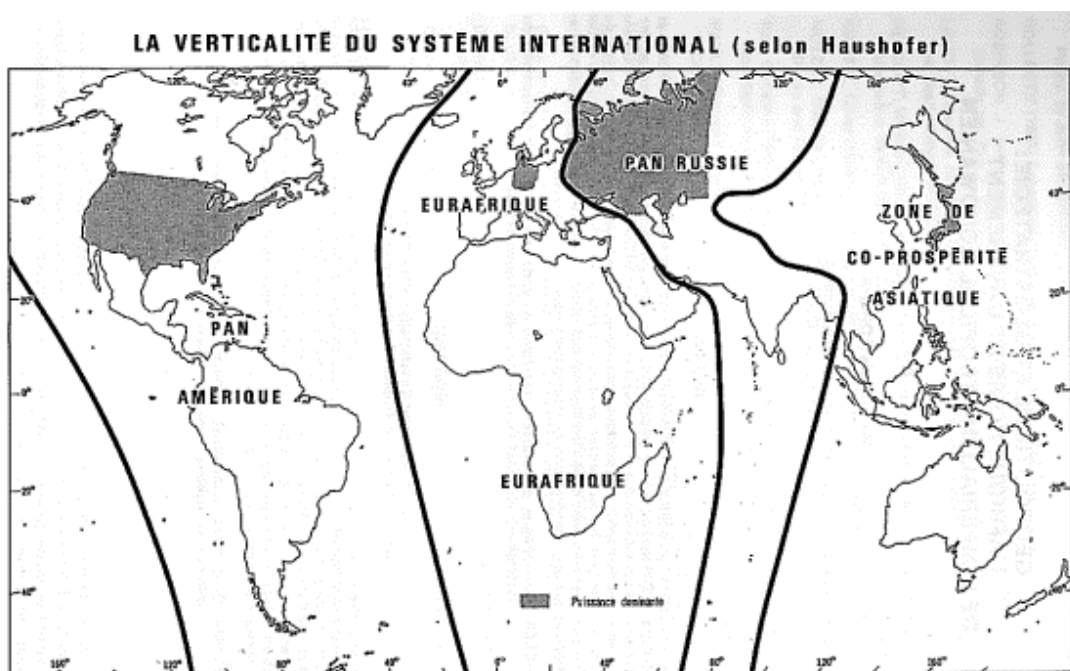
²⁹ Haushofer, *apud* Weigert, 1942, p. 9.

noutros espaços (Dias, 2005), tendo sempre em memória que o Estado enquanto organismo vivo, tinha o dever de intervir no seu espaço vital.

Uma das novidades introduzidas por Haushofer foi a ideia de autarcia, isto é, a capacidade da Alemanha ser independente em termos económicos, ou seja, não estar refém da exploração de matérias-primas em regiões ou Estados que lhe eram rivais ou antagónicos. Esta posição de autarcia explica em parte o motivo que levou a que a Alemanha Nazi dedicasse tanto tempo e tantos esforços na obtenção dos territórios soviéticos no Cáucaso (ricos em hidrocarbonetos), nomeadamente na célebre Batalha de Estalinegrado. Por outro lado, em caso de conflito seria necessário convencer a opinião pública que uma entrada em guerra traria vantagens para a população, recompensando-a assim pelos sacrifícios e privações próprios de tempos como esses.³⁰

Seguindo as influências de Mackinder, Haushofer também viu na divisão do mundo em zonas de influência/domínio por parte das grandes potências a melhor forma de garantir a paz e prosperidade entre elas, reservando a cada uma delas uma grande porção de território que com base nas suas características geopolíticas lhes permitiria prosperar e desenvolver sem haver necessidade de anexar territórios de potências rivais. É neste contexto que Haushofer apresenta em 1931 a sua obra “*Geopolitik der Pan-Ideen*”, dividindo o mundo em quatro Pan-Regiões, cada uma delas auto-suficiente em população, recursos e acesso ao mar (Dias, 2005). O objectivo deste projecto consistia em manter um aparente equilíbrio entre as grandes potências mundiais por forma a que cada uma delas estivesse satisfeita com a “fatia” que lhe estava reservada. Esta espécie de “Tratado de Tordesilhas versão séc. XX” não era no entanto novidade, na medida em que o próprio Mackinder já tinha proposto algo semelhante. Na sua base de funcionamento, cada uma das Pan-Regiões seria dirigida por um Estado mais forte e desenvolvido económica e militarmente que tinha o dever de garantir o desenvolvimento dos restantes Estados que estavam na sua órbita.

³⁰ “Sem um plano de guerra e as tentadoras promessas inerentes à conquista, nenhum governo consegue obter o apoio popular, com vista a um programa de restrições destinado a alcançar a autarquia. Este conceito foi-se transformando, na Alemanha, numa «Economia de Defesa», variante da «Economia de Guerra».” (IAEM, 1982, p. 66).



Mapa 1 - O modelo das Pan-Regiões de Haushofer. É possível verificar que os Estados a negro correspondem aos líderes de cada região, ou seja, EUA, Alemanha, URSS e Japão (fonte: http://www.stratisc.org/Strategie_80_Ropivia.htm)

- *Pan-América*: comandada pela potência industrial com maior parcela de território e de população, os EUA. Correspondia no essencial a todo o continente americano e ainda algumas ilhas do Atlântico e do Pacífico.

- *Pan-Euro-África*: zona de controlo da Alemanha, que englobava toda a Europa, África e Médio-Oriente (incluindo a península arábica e a parte ocidental do Irão³¹). Aqui estava implícito o objectivo primordial da *Geopolitik* alemã, isto é, empurrar a URSS para a Ásia e privar a Grã-Bretanha do seu poderio marítimo, dando assim a hegemonia à Alemanha.³²

- *Pan-Rússia*: correspondendo a todo o território da URSS (excepto o Leste europeu) e por esta liderado, sendo que lhe atribuía ainda acesso ao Oceano Índico, através do Irão e da Índia.

³¹ Não é por acaso que Haushofer engloba estas regiões do Médio-Oriente na posse da influência alemã. Estamos a falar das regiões onde estão concentradas as maiores reservas do mundo de combustíveis fósseis, factor essencial para garantir a hegemonia e independência económicas e a já referenciada Autarcia (Autarquia Económica).

³² Embora à data desta apresentação das Pan-Regiões, a Alemanha se apresentasse como uma grande potência industrial e militar, seria talvez mais realista (e quem sabe até mais benéfico para a própria Alemanha) se esta zona Euro-Africana fosse resultado de uma liderança tripartida com a Grã-Bretanha e a França, mantendo sempre a Alemanha em destaque, visto que nas outras três Pan-Regiões não parecia haver muita oposição ou crítica quanto ao realismo e veracidade das mesmas.

- *Zona de Co-Prosperidade Oriental*: constituída pela China, Sudeste asiático, Indonésia e Austrália, onde o Japão, devido à sua superioridade industrial, económica e militar, assumiria o papel de Estado-Director.

Analisando todo legado conceptual de Haushofer, não é fácil conseguirmos distanciá-lo da política nazi seguida pelo *III Reich*. De facto, são inúmeros os autores (principalmente os da época) que olhavam para o general alemão como o filósofo da política expansionista e agressiva de Hitler. Weigert, por exemplo, não tem qualquer hesitação em atribuir a Haushofer um papel determinante se não fulcral na relação entre a *Geopolitik* da Escola de Munique a seu cargo e a aplicação no terreno da política nazi:

*Haushofer's Institute is no mere instrument for Hitler's use. It is the other way round. Dr. Haushofer and his men dominate Hitler's thinking (...) It is Haushofer who now tells the German General Staff whom to attack and when, as well as the exact strategical and psychological results of their action.*³³

Embora possa parecer um pouco exagerada esta colagem da *Geopolitik* de Haushofer ao Nazismo, a verdade é que a chegada ao poder de Hitler, favorece o general e professor alemão que também sobe na carreira, recebendo inúmeros apoios do Estado para continuar os seus estudos sobre Geopolítica. Apesar de não haver registos de encontros entre Haushofer e Hitler, não podemos negar que a relação próxima entre o professor e Rudolph Hess nos leva a especular acerca da possibilidade de Hitler se ter apropriado das ideias de Haushofer.³⁴ Aliás, o entusiasmo de Haushofer para com a nova Alemanha era por demais evidente a quando dos Acordos de Munique que entregaram ao controlo do *III Reich* parte da Checoslováquia, ao qual já se juntava a *Anschluss* da Áustria. Haushofer acreditava cada vez mais que o Nacional-Socialismo traria de novo a grandeza à Alemanha e a paz no mundo.³⁵

³³ Weigert, 1942, p. 9.

³⁴ "Hitler's significant chapter on 'Eastern Orientation or Eastern Policy' (*Mein Kampf*) clearly accepts the premise of geopolitics that states and their history are determined by their geographical situation." (Gyorgy, 1944, p. 181)

³⁵ "Europe, renovated for a new life in the beloved city of Munich, is reborn." (Haushofer, *apud* Gyorgy, 1944, p. 186).

No entanto, é justo reconhecermos que a visão geopolítica de Haushofer em nada se traduziu nas atrocidades cometidas pelos nazis durante o seu postulado. Com efeito, na fase final da Guerra, o próprio Haushofer seria colocado de parte (devido às várias críticas que começou a lançar à política de Hitler, nomeadamente à invasão da URSS), chegando mesmo a ser preso devido ao facto de ser casado com uma judia.

4.2. *Mahan e o Poder Marítimo*

O Almirante Alfred Thayer Mahan (1840-1914) foi não só um dos grandes apologistas da supremacia do poder marítimo face aos restantes, mas sobretudo um dos pioneiros no que toca à Geopolítica elevada a um nível global. Ainda antes dos importantes contributos de Mackinder ou Haushofer, já o norte-americano “ousara” dividir o mundo em quatro zonas geopolíticas distintas entre si, que aspiravam a deitar mão ao poder marítimo. A saber:

- *O Oceano Global*: constituído pela união do Pacífico com o Atlântico e Índico (visto que os oceanos glaciais Ártico e Antártico não eram consideráveis passíveis de navegação).

- *A Eurásia*: dominada pela Rússia que se apresentava como uma massa continental de proporções gigantescas.

- *Os Estados Insulares*: dos quais faziam parte as grandes potências marítimas do Japão, Grã-Bretanha e EUA.

- *Os Estados Marítimos da Europa e do Sul e Leste da Ásia*: onde se incluía a França, a Alemanha e a China.

É em 1890, que Mahan publica a sua obra que mais notoriedade recebe: “*The influence of Sea Power upon History, 1660-1763*”. Adquire uma projecção mundial tal que muitos dos chefes de Estado de potências emergentes (como a Alemanha ou o Japão) e de outras já consolidadas (Grã-Bretanha) não hesitam em torna-la como leitura obrigatória para todo o pessoal das respectivas marinhas. À semelhança de Mackinder, também o almirante norte-americano se baseou muitas vezes na História para demonstrar que as grandes potências mundiais sempre foram dominantes nos mares, dando o exemplo de Portugal, Espanha, Holanda e Grã-Bretanha.

O facto de Mahan atribuir ao *Sea Power* um grande destaque não é fruto do acaso. O seu pensamento era sustentado numa premissa muito simples: se aproximadamente 70% do Mundo era preenchido por mares, então quem conseguisse controlar essa região estaria na posse de um poder inigualável. As únicas preocupações de Mahan estavam no espaço da Eurásia e na sua legítima herdeira – a Rússia.

A um nível mais nacional, digamos assim, Mahan estabeleceu um importante contributo para o fim do tradicional isolacionismo norte-americano, defendendo que os EUA só seriam a grande potência que ambicionavam ser quando alargassem a sua influência e domínio a outras regiões estrategicamente fulcrais. O almirante não ficara de fora do entusiasmo expansionista dos finais do séc. XIX e como tal promoveu o colonialismo, mas não enquanto fonte de riqueza através da exploração dos seus recursos naturais (como o faziam de certo os europeus), mas sim através do estabelecimento de portos e infra-estruturas terrestres que servissem de base de apoio à execução do *Sea Power*. É então no seguimento disto que os norte-americanos apostam forte no desenvolvimento de uma marinha que lhes permitiria dominar o mundo económica e militarmente. As anexações de Porto Rico, Havai e Filipinas, juntamente com a construção do Canal do Panamá e o controlo de Cuba são exemplos dessa nova vaga geopolítica dos EUA que certamente não ficou indiferente às ideias de Mahan.³⁶

4.3. *Mackinder e o Poder Continental*

Contemporâneo de Haushofer e Mahan, o geógrafo britânico Halford John Mackinder (1861-1947) é incontestavelmente um dos pioneiros das Teorias Globais do Poder, muito embora ele não fosse adepto da palavra Geopolítica (preferindo mais o termo “Geografia Política”) e haja até suspeitas que a rejeitasse por completo.³⁷ O seu maior legado está na importância que ele deu ao poder continental face ao marítimo (divergindo de Mahan),

³⁶ “Mahan further saw the sea as a wide common, over which men may pass in all directions, but on which some well-worn paths emerge for controlling reasons. These controlling reasons were predicated on the efficient movement of goods, and the geography of the Earth provided natural corridors of trade. The state that could control these corridors would realize such enormous commercial benefits, that through its subsequent wealth it would dominate other states both militarily and politically.” (Dolman, 2002, p. 33 e 34, *apud* Dias, 2005, p. 151).

³⁷ “During World War II his early ideas on political geography were hailed as prophetic and were organized under the sign ‘geopolitics’, a word Mackinder never himself used and apparently disliked.” (Thuathail, 1996, p. 76).

nomeadamente a uma extensa massa territorial na região da Eurásia que por ele ficaria celebrizada como o *Heartland*.

De facto, Mackinder dedicou toda a sua vida ao estudo do fenómeno do poder e de como este se projecta no espaço, ou seja, de que maneira a geografia influencia o tamanho e quantidade de determinado poder. Como já foi mencionado, para ele o poder continental ou terrestre beneficia de uma série de vantagens *a priori* que o tornam mais temível que o poder marítimo. As potências que forem capazes de projectar o seu potencial continental são por norma mais difíceis de ser atacadas/conquistadas, na medida em que a sua profundidade estratégica é muito maior do que nas potências marítimas ou insulares, isto porque as primeiras dispõem de espaço de recuo suficiente em caso de ataque para se reorganizarem e aguentarem a ofensiva, enquanto as marítimas, embora seja verdade que beneficiem da grande flexibilidade e espaço de manobra que o mar oferece, também empregam meios mais dispendiosos e longos do que acontece nas potências terrestres. A grande quantidade de recursos naturais e de efectivos humanos que estas potências continentais possuem no interior do seu território (geralmente constituído por fronteiras naturais de relevo – montanhas, rios, planaltos) evita que se tenham de lançar em grandes travessias oceânicas para obter esses recursos que não existem nas metrópoles, como é o caso das potências marítimas, que carecendo de recursos suficientes têm obrigatoriamente de possuir colónias (e de defendê-las tal como defendem a metrópole) pois é através do comércio marítimo e do estabelecimento de portos nessas colónias, que as potências marítimas vão conseguir sustentar a sua frota naval além-fronteiras e ao mesmo tempo obter os recursos que existem em menor quantidade na metrópole.

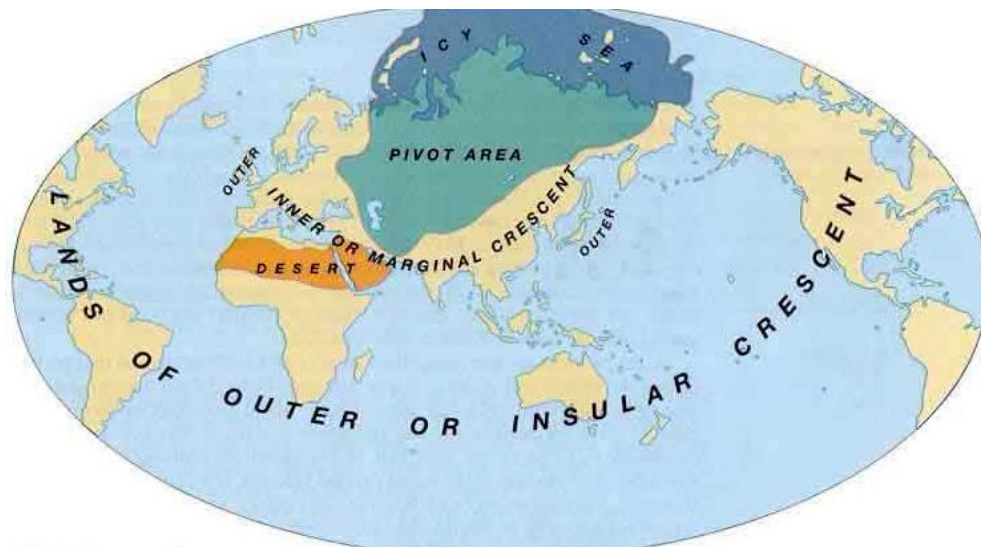
À semelhança de Mahan, também Mackinder atribuía grande importância à região da Eurásia e conseqüentemente à Rússia, olhando com desconfiança para a extensa massa territorial que estava nas mãos dos russos e que aos seus olhos, tenderia a expandir-se para o Ocidente após ter controlo efectivo sobre todo o Oriente do continente asiático. Mas neste quadro de possibilidades, Mackinder temia ainda mais uma aliança entre as duas potências continentais do centro e leste europeu – a Alemanha e a Rússia (e para ser mais coerente, até porque Mackinder estava ao corrente da grande diferença entre o poderio militar russo e o germânico, o que ele receava verdadeiramente era que a Alemanha conquistasse a Rússia). Se tal viesse a acontecer, a Grã-Bretanha embora dominasse os mares, não teria capacidade para fazer frente à combinação de poderes continentais preconizada por alemães e russos.

Mas no que consistia esta região da Eurásia e de que modo as suas características geográficas influenciavam tanto o poder, do ponto de vista de Mackinder? De uma maneira geral e como já foi referido, esta massa continental – Eurásia – consistia no essencial a grande parte do território do Império Russo, com uma área total de cerca de 54,39 milhões de Km², constituindo quase metade da superfície terrestre “habitável”, ou seja, excluindo as grandes regiões desérticas. As imensas riquezas desta vasta região ajudam a explicar de que forma o poder terrestre se podia superiorizar ao marítimo, na medida em que este território “*tão extenso e as suas possibilidades em população, trigo, algodão, petróleo e metais são tão incomensuravelmente grandes que se torna inevitável que se forme ali um vasto mundo económico mais ou menos afastado, e inacessível ao comércio oceânico.*”³⁸

É com base nesta ideia de uma massa continental dominante que Mackinder apresenta ao longo da sua vida três teorias que sustentam a supremacia do poder continental. A 1ª Teoria surge em 1904 e baseia-se na existência de um Pivotal Geográfico da História, ou seja, na possibilidade da tal massa territorial da Eurásia poder vir a ser controlada por uma potência continental (Alemanha ou Rússia) através da conquista de uma região situada no interior dessa Eurásia e cujas características eram a de uma fortaleza terrestre, de difícil acesso pelos mares, com uma grande profundidade estratégica e características próprias ao nível dos efectivos populacionais, da extensão territorial e do clima, permitindo-lhe assim, adquirir uma posição defensiva *suis generis* face às ameaças das potências marítimas. Esta região interior é então o que Mackinder designa por Pivotal Geográfico da História.

Estrategicamente, esta região possuía um valor equiparável ao que correspondia a posição central da Alemanha na Europa. Além disso privilegiava a circulação interior em virtude de aqui se localizar a maior planície do mundo (Dias, 2005) e ao mesmo tempo de estar rodeada por fronteiras naturais difíceis de serem transpostas (o Oceano Glacial Ártico, as grandes cadeias montanhosas do Cáucaso e do Oriente asiático e ainda os grandes desertos da Ásia Central). O grande receio de Mackinder era que o controlo desta região permitisse à potência detentora a capacidade não só de se manter segura em terra, mas ao mesmo tempo iniciar um projecto de desenvolvimento da sua frota naval, o que em última análise retiraria a supremacia das potências marítimas.

³⁸ Arias, 1968, *apud* Dias, 2005, p. 102.



Mapa 2 - Teoria do Pivot Geográfico da História de 1904, segundo Mackinder (fonte: <http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=6423>)

Nesta divisão que Mackinder fez do mundo, existiam outras regiões para lá da chamada Zona Pivot. Assim, nas margens desta estava o Crescente Marginal ou Interior, que no essencial correspondia aos Estados da Europa que mantinham ligação aos mares, embora fosse de carácter continental o seu poder (Alemanha, França, Turquia) e ainda a China e a Índia no continente asiático. Seguem-se as zonas desérticas do Saara e da Península Arábica e para lá destas está aquilo que Mackinder designou de Crescente Exterior que se diferenciava do Interior pela preponderância do poder marítimo nas potências que dele faziam parte (Grã-Bretanha, EUA, Japão).

Embora tenha sido atentamente acompanhada pelos críticos, esta primeira teoria de Mackinder que no geral alertava para o perigo russo acabou por receber algum descrédito, na medida em que poucos dias após a sua apresentação, o Japão causa choque na comunidade internacional ao atacar de surpresa a armada russa no Pacífico causando a sua total destruição. Esta guerra russo-nipónica que termina em 1905 com a vitória do Japão fez com que os receios que muitos tinham da Rússia diminuíssem consideravelmente, ao mesmo tempo que os grandes apologistas do poder marítimo se regozijavam com a queda do gigante continental aos pés de um Japão em plena ascensão mas claramente com menos estatuto internacional que o Império do Czar. Como tal, em 1919, ano em que terminava a Grande Guerra, Mackinder publica a sua 2ª Teoria no livro “*Democratic Ideals and Reality*”, que de uma maneira sucinta mantém o tónico da importância da região pivot que ele agora denomina de *Heartland*, dando-

se a sua expansão essencialmente para incorporar a Europa Oriental e os mares Negro e Báltico, sendo que a grande novidade está no conceito de Ilha Mundial, no qual ele engloba a África e a Eurásia.



Mapa 3 - Comparação entre o espaço ocupado pelo Pivot Geográfico da História (1904) e o Heartland (1919) de Mackinder (fonte: <http://www.biztonsagpolitika.hu/?aid=800&id=16&title=Afganiszt%C3%A1n, 1979-89-99-2009>)

A evolução da teoria de Mackinder é facilmente explicada pelo contexto em que surge. A I Guerra Mundial tinha posto fim aos impérios europeus e a grande ameaça russa era agora completamente posta de parte perante a confusão interna que lá se gerava (fruto da revolução bolchevique e posterior guerra civil). Assim sendo, e em virtude do susto que a Alemanha pregou, será ela a maior fonte de preocupações, nomeadamente na possibilidade de conseguir esticar-se para o leste europeu e assim conquistar o Heartland. E era precisamente nesta grande massa continental interior que residia a chave para conseguir controlar a Ilha Mundial e assim adquirir a supremacia no mundo, tal como Mackinder celebrenemente avisou: “*Who rules East Europe commands the Heartland; who rules the Heartland commands the World-Island; who rules the World-Island commands the World.*”³⁹ Toda a tónica do seu livro “*Democratic Ideals and Reality*” está de facto na procura incessante de Mackinder em avisar as democracias ocidentais e marítimas do grande perigo que enfrentavam se fossem demasiado descuidadas com a Europa do Leste.⁴⁰ Daí a preocupação, após o Tratado de

³⁹ Mackinder, *apud* Lowe, 1982, p. 1.

⁴⁰ Podemos até especular sobre o início da II Guerra Mundial. Se repararmos, os ingleses e franceses conseguiram ser muito tolerantes com as anexações germânicas da Áustria e dos Sudetas na Checoslováquia. No entanto, essa mesma paciência caiu por terra quando os alemães decidiram invadir a Polónia (um dos tais

Versalhes, não só de deixar a Alemanha numa posição debilitada, mas sobretudo de criar e desenvolver os chamados Estados-Tampão⁴¹ com vista a impedir que quer alemães quer russos esfriassem as suas ambições sobre a parte oriental do velho continente.

Na sua essência, o Heartland continuava a assumir o papel de uma grande fortaleza terrestre, inacessível à navegação (e conseqüentemente ao poder marítimo) na medida em que os grandes rios que por lá corriam ou desaguavam nos mares gelados do norte ou em mares interiores do sul (Cáspio e Aral). Mackinder decide nesta 2ª Teoria englobar o Mar Báltico e o Mar Negro pois considerava-os demasiado próximos do Heartland e com características especiais (mares quase fechados por estreitos) que os tornavam passíveis de serem dominados pela potência continental.

Mas o tempo foi passando e muitos avanços quer a nível político, quer a nível tecnológico (onde o poder aéreo começava a ganhar protagonismo) foram ocorrendo. E foi já em 1943, perante a insistência dos norte-americanos⁴² em confrontar Mackinder com uma possível extinção ou desvitalização das suas teorias da supremacia do poder continental, que o geógrafo britânico publica o artigo “*The round world and the winning of the peace*” na revista *Foreign Affairs*, correspondente portanto à sua 3ª e última Teoria (visto que ele morreria quatro anos depois) que ficaria conhecida pelo conceito do *Midland Ocean*.

Os EUA tinham entrado na Guerra e adivinhava-se uma mais que provável derrota do *III Reich*, como tal, Mackinder alertava para os perigos iminentes de deixar que a URSS conquistasse e derrotasse sozinha a Alemanha nazi,⁴³ uma vez que ficaria dona e senhora do Leste europeu e assim, de quase toda a totalidade do Heartland, constituindo-se assim como a maior potência terrestre que alguma vez existiu na História da Humanidade. No entanto, o britânico soube reconhecer que os avanços tecnológicos e as sucessivas vitórias das potências

Estados-Tampão no Heartland). Não será portanto de admirar que a quando das declarações de guerra da França e Grã-Bretanha, as teorias de Mackinder tenham sido tidas em conta.

⁴¹ Resultantes essencialmente do desmembramento do Império Austro-Húngaro (Checoslováquia, Hungria, Áustria) excepto a Polónia que adquiriu maiores parcelas de território à custa da Alemanha e da Rússia.

⁴² Que tinham claramente pretensões sobre a nova ordem mundial que iria sair da guerra e na qual os EUA aspiravam a adquirir um papel preponderante.

⁴³ “(...) *the manpower, natural resources, and strategic location of Russia, made her the strongest natural fortress on earth, and provided her with the basis of becoming a mighty sea base, one that was capable of overcoming the rest of the world, particularly if, as he said, she could ‘add an oceanic frontage to the resources of the great continent, an advantage as yet denied to the Russian tenant of the pivot region.’* (Mackinder, *apud* Lowe, 1982, p. 35)

marítimas (EUA e Grã-Bretanha) sobre a Alemanha de Hitler poderiam vir a servir de contrapeso importante.

Desta forma, o Heartland sofre uma reconfiguração (diminuindo pela primeira vez o seu raio de acção) dando azo a que Mackinder identifique toda uma região circular a Oeste deste a que ele designa de Midland Ocean e que correspondia essencialmente aos países que eram banhados pelo Atlântico Norte na Europa Ocidental e no Leste da América do Norte e Caraíbas. Para Mackinder, toda esta região era composta pelas potências marítimas ocidentais, que para além de serem as mais avançadas tecnologicamente também possuíam laços históricos e afinidades políticas (quase todos os países eram democracias) que facilitavam uma união ou convergência de esforços para assim fazer frente ao poder continental da Alemanha nazi em primeira instância e depois dirigir atenções ao grande perigo proveniente do Heartland soviético, aliança essa que teria evitado muitas das então atrocidades próprias de uma guerra longa e dura.⁴⁴ Mais uma vez, a influência de Mackinder é notória e tal como ele previra, foi essa conjugação de esforços que permitiu derrotar a Alemanha e impedir que a URSS controlasse toda a Europa. Seis anos depois de ter publicado este artigo onde defendia a tese do Midland Ocean, era criada a NATO que mais não era do que a materialização da sua 3ª Teoria de 1943.

De salientar ainda que Mackinder viveu grande parte da sua vida com a sua pátria de costas voltadas para si. Com efeito, uma potência marítima como a Grã-Bretanha admirava muito mais o trabalho do almirante norte-americano Mahan. Até mesmo a Escola de *Geopolitik* de Munique e o seu protagonista Karl Haushofer dedicavam mais tempo ao estudo das obras de Mackinder. No entanto, o britânico não era um admirador, no sentido lato da palavra, do poder continental. Na verdade ele apenas temia os efeitos que este teria para países como o seu, que prosperavam através do poder marítimo. É preciso termos em conta que embora Mackinder fosse antes que tudo um geógrafo, ele não descurava de pensar na política e na forma como ambos os conceitos estavam interligados, tal como ele refere no seu livro *“Democratic Ideals and Reality”*: *“A geografia ou está na base da estratégia da paz, ou*

⁴⁴ *“Such an association might have avoided this second World War, and ought to have done so if the triple alliance of the United States, Great Britain and France, negotiated after Versailles had not been abandoned before it became operative.”* (Mackinder, 1942, *apud* Gray, 1988, p. 11)

*ela torna-se colaboradora na estratégia da guerra.*⁴⁵ Apesar das críticas apontadas às teses da supremacia do poder continental de Mackinder, como referiu Colin S. Gray:

*Despite the changes wrought by World War II, the great geographical realities remained: land power versus sea power, Heartland versus Rimland, centre versus periphery, and individualistic Western philosophy versus a collective Eastern doctrine rooted in a communal past. Mackinder died but his ideas live on.*⁴⁶

4.4. Douhet e o Poder Aéreo

Embora não possamos considerar o general Giulio Douhet (1869-1930) como um teórico da Geopolítica mas mais um teórico da Estratégia (Dias, 2005), é importante ressaltar que toda a obra do italiano é bastante inovadora, na medida em que ele é talvez o primeiro a defender que o poder aéreo (enquanto factor geopolítico) seria o maior e mais decisivo instrumento de poder dos Estados no séc. XX. A potência que dominasse o espaço aéreo possuía enormes vantagens face às restantes devido a uma série de factores que ele procura desenvolver nalgumas das suas obras mais carismáticas.⁴⁷

Douhet elaborou toda a sua obra numa época em que a aviação conhecia enormes avanços e alguns anos mais tarde, já em plena II Guerra Mundial, as suas teorias haveriam de ser comprovadas no terreno, pois cerca de quinze anos antes deste conflito, o general italiano já advertira para o facto de na próxima guerra que surgisse, os meios terrestres e navais seriam praticamente os mesmos em contraste com os meios aéreos que conheceriam avanços tecnológicos astronómicos e inovadores, sendo portanto extremamente decisivos para o desfecho do conflito.

Embora reconhecesse a importância dos poderes marítimos e terrestres suficientemente desenvolvidos por Mackinder, Haushofer e Mahan, Douhet não tinha quaisquer dúvidas que um país detentor de uma aviação moderna, numerosa e eficaz estaria

⁴⁵ Mackinder, 1919, p. 152, *apud* Andrianova, 1996, p. 41.

⁴⁶ Gray, 1998, p. 4.

⁴⁷ Das quais são exemplos “*Il Dominio dell’Aria, Saggio Sull’Arte della Guerra Aérea*” de 1921 ou ainda “*Probabili Aspetti della Guerra Futura*” publicada em 1928.

um passo à frente dos restantes. Desde logo ele começa por referir duas das grandes proezas que a aviação trouxe consigo em tempos de guerra: o efeito surpresa e efeito vulnerabilidade. De facto, numa guerra entre potências fortemente armadas, os bombardeamentos da aviação militar constituíam uma vantagem clara na medida em que eram rápidos, mortíferos, precisos e conseguiam causar danos mesmo em aéreas de difícil acesso (via mar ou terra) ou bem defendidas pelo inimigo, fazendo com que este estivesse sempre vulnerável e incapaz de responder a tempo. Além disso, a utilização das “armas aéreas” acabariam também por ser mais económicas e seguras pois não eram necessárias todas as infra-estruturas técnicas e humanas como numa guerra no terreno.

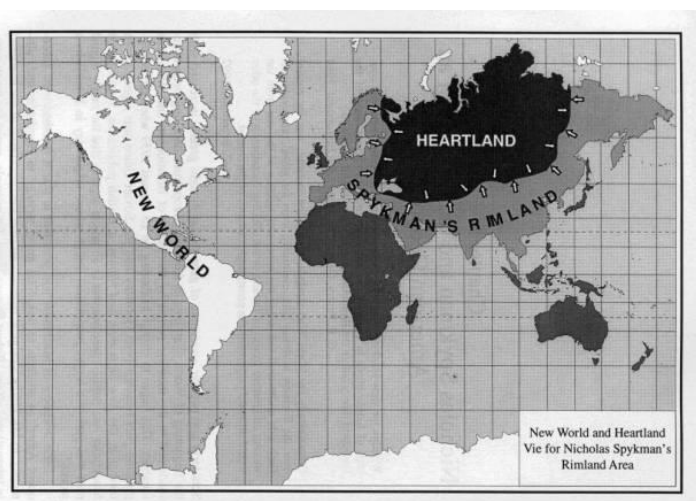
Outra das grandes vantagens deste poderio aéreo está no facto de contrariamente aos restantes, ele não ter um alvo homólogo, isto é, uma aviação conseguiria ao mesmo tempo combater/atingir forças inimigas na terra e no mar, ao passo que estas somente combatiam umas com as outras, ou seja, exército contra exército e marinha contra marinha (Dias, 2005).

Douhet finaliza o seu raciocínio afirmando que esta supremacia da potência que detivesse o poder aéreo decorria igualmente do facto de para tal, haver necessidade de possuir grandes meios em termos marítimos e terrestres, que serviriam de rampa de lançamento e de apoio para as ofensivas aéreas. Assim, podemos concluir que para Douhet, o desenvolvimento do poder aéreo acarreta de igual forma o mesmo nos restantes poderes e que tal facto, por si só, garantiria uma força militar capaz de subjugar os inimigos e assim dominar os territórios em disputa.

4.5. *Spykman e os Poderes Conjugados*

Nicholas John Spykman (1893-1943) foi um professor norte-americano da Universidade de Yale que centrou toda a sua teoria geopolítica em dois conceitos distintos mas indissociáveis: a ameaça e o equilíbrio de poder. No seu entender e face à grande ameaça de então – a Alemanha – somente uma conjugação entre os poderes navais anglo-americanos e o poderio continental da Rússia, poderia travar os alemães de controlarem as zonas do Heartland e dos seus limites ribeirinhos a que ele dava o nome de *Rimland*. Spykman apoiou-se no modelo geográfico de Mackinder e na supremacia do poder marítimo de Mahan, para defender que a chave do controlo mundial estava não na Europa de Leste mas sim no tal *Rimland* e que por isso, caso a Alemanha tivesse controlo do *Rimland* europeu, possuía

condições favoráveis para se lançar na conquista do Novo Mundo (continente americano) e assim possuir o domínio mundial. Era portanto, imperioso que se evitasse a todo o custo que ao poderio continental alemão se juntasse (por via da vitória na guerra) o poderio naval inglês, uma vez que nesse cenário, nem os EUA nem o Heartland (Rússia) teriam hipóteses.



Mapa 4 - Divisão do Mundo de acordo com Spykman (fonte: <http://www.oldenburger.us/gary/docs/TheColdWar.htm>)

simultaneamente continentais e marítimas (Dias, 2005). O facto de estes territórios constituírem um espaço de competição entre as duas grandes correntes de poder aqui mencionadas, é que os torna tão importantes para Spykman, mais ainda do que o Heartland. Nascia a teoria dos poderes conjugados (marítimo e continental), na qual se defendia que para se obter o controlo do Mundo era necessário controlar o Heartland (aceitação das teses de Mackinder por parte de Spykman), mas tal só se conseguiria ser levado a cabo se a zona envolvente do Rimland também fosse conquistada. Tal como refere o também geopolítico norte-americano Saul Bernard Cohen: *“In essence, Spykman had the same global view as Mackinder, but he rejected the land-power doctrine to say ‘Who controls the Rimland rules Eurasia; who rules Eurasia controls the destinies of the World’.*”⁴⁸

⁴⁸ Cohen, 2008, p. 23.

CAPÍTULO II:

*A criação de uma Grande Potência Continental
chamada Rússia*

1. A Geografia ao serviço da construção do *Rus'Kiev* e do Principado de Moscovo

*Geography has had a vital and determining influence upon the historical development of the Russian people. Russia is geographically isolated, for, except in the west, her borders rest on closed seas, deserts, and mountains. But if one aspect of the land of Russia may be said to be more impressive than any other, that aspect must be the enormous area covered by the modern Russian state.*⁴⁹

A História da Rússia apresenta-se aos olhos de qualquer pessoa como algo tão vasto e diversificado quanto a sua impressionante geografia. Se falarmos nas questões de fronteiras então, teríamos certamente muitas páginas ainda que escrever. E é precisamente esta relação inseparável entre os factores geográficos e a expansão do Estado que torna o caso russo quase único na Europa. A chamada “Rússia Europeia”⁵⁰ é topograficamente composta por zonas de vegetação distintas bem como por uma rede hidrográfica, onde as características de ambas ajudam a entender a formação e localização dos dois Estados medievais que precederam o moderno Estado Russo: o *Rus' Kiev* e o Principado de Moscovo.

Quanto à vegetação, toda esta região é preenchida por sete zonas diferentes. No Norte junto ao Ártico está a Tundra, uma região de temperaturas muito baixas, com um clima frio e seco onde não abundam os solos férteis nem as condições propícias ao estabelecimento demográfico. Mais abaixo, englobando grande parte da Península Escandinava (essencialmente a Suécia e a Finlândia) e do Norte da Rússia existe uma imensa região de Floresta Conífera e também denominada de Taiga, onde imperam as grandes árvores como os pinheiros e os salgueiros que juntamente com o seu Inverno bastante frio, longo e seco dificultam não só a passagem mas também a existência de grandes centros populacionais. Continuando em direcção ao Sul chegamos à zona da Floresta Decídua que se prolonga desde a Polónia e Báltico até aos territórios orientais de Moscovo. Eis que finalmente se começam a encontrar os grandes centros populacionais. Tal como o nome indica, as árvores desta região

⁴⁹ Wren, 1979, p. 1.

⁵⁰ Que nós entendemos como a porção de território que se estende desde a actual Polónia até aos Montes Urais a Leste e o Cáucaso a Sul.

são de folha caduca (carvalhos, faias e nogueiras) e o clima é muito menos severo, podendo ser possível identificar claramente as quatro estações do ano. A fauna é abundante e diversificada favorecendo a caça para alimentação. De seguida encontramos a famosa zona da Estepe, uma enorme massa territorial de planície gramínea, onde o clima semiárido e a existência de muita erva favorecem a criação de animais desde o gado aos cavalos. No geral, esta região representa um enorme corredor livre de obstáculos naturais, uma espécie de auto-estrada desde a Ásia Central até ao Mar Negro, não sendo portanto de estranhar que tenha



Mapa 5 - Zonas de Vegetação da Rússia Europeia (fonte: Pounds, 1947, p. 163)

sido por aqui que os Mongóis tenham aparecido. Por último, existem ainda as três regiões mais próximas dos mares Mediterrâneo, Negro e Cáspio: a zona Semidesértica que no essencial corresponde ao actual Cazaquistão; a zona de Vegetação Mediterrânica que alberga não só o Sul da Península Balcânica mas também a costa Sul e Oriental do Mar Negro; e menos extensa que todas estas a zona de Vegetação Montanhosa que se pode encontrar no Cáucaso, na Bulgária, Roménia e Sérvia. Tendo isto tudo em conta, é possível verificar que os grandes centros populacionais da Rússia Antiga (Kiev, Novgorod, Smolensk, Moscovo) estão distribuídos pelas

regiões vegetacionais mais apelativas – A Floresta Decídua e a Estepe.

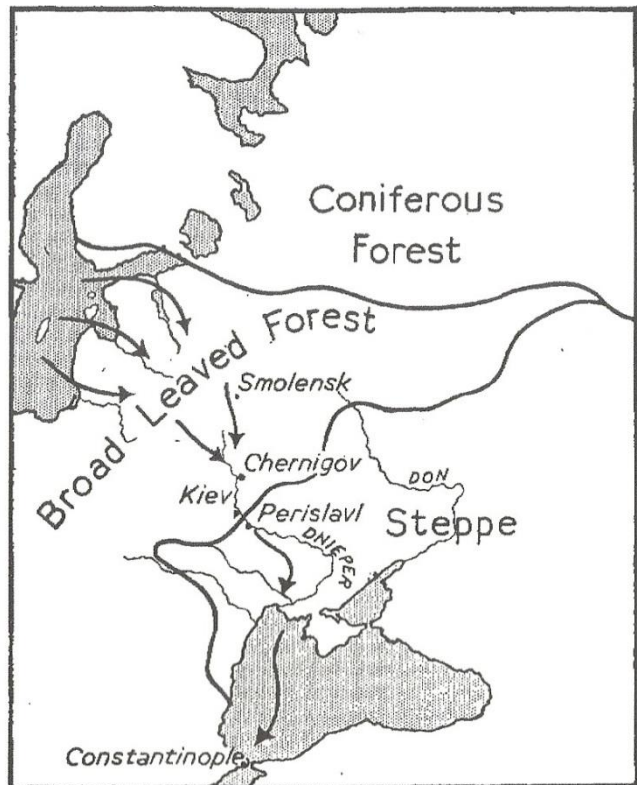
Também a orientação dos próprios movimentos de expansão da Rússia pós Moscóvia⁵¹ reflectem a disposição vegetativa do território, ou seja, foram feitos maioritariamente e mais demoradamente para Oeste e para Leste, e não tanto para Norte ou Sul. Aqui a expansão parte de uma base continental. O mesmo não sucede à expansão para Norte e Sul que tem as suas origens nas vias marítimas, nomeadamente nos dois mares –

⁵¹ Nome pelo qual também era conhecido o Principado de Moscovo.

Báltico e Negro – e nos rios que neles desaguam. De facto, a construção da Rússia Antiga fez-se de igual forma de Norte para Sul e vice-versa, mas neste caso não em função das características vegetativas do território, mas sim da bacia hidrográfica do mesmo.⁵²

A história da formação do Principado de Kiev ou *Rus' Kiev* assenta na ideia de que vários povos eslavos orientais que se espalhavam um pouco por todo o Leste europeu, foram-se estabelecendo junto ao rio Dnieper, dedicando-se no essencial a actividades relacionadas com a pesca, caça, pecuária e pequenas plantações ou culturas (como

o mel). Por volta do séc. VI, alguns povos escandinavos – de onde se destacavam os Varangos e os Russ – desceram pelos grandes rios do Báltico (Dwina, Volkhov e Ilmen) em direcção ao Sul com o objectivo de chegar ao Mar Negro e assim abrir uma porta de comércio entre Bizâncio e o Norte da Europa. Pelo meio, foram fundando uma série de cidades fortificadas que seguiam os cursos dos rios como Smolensk, Novgorod, Perislavl. Mas a que mais se destacaria seria mesmo Kiev, localizada na margem ocidental do Dnieper e com uma posição estratégica, no limite entre a Estepe e a Floresta Decídua que lhe permitiu adquirir uma importância sem igual face às restantes cidades eslavas.⁵³



Mapa 6 - Relação entre os rios do Báltico e do Mar Negro e a formação do primeiro Estado Russo - *Rus' Kiev* (fonte: Pounds, 1947, p. 165)

⁵² "The former [north and south movement] has been assisted by the Russian rivers, the largest of which rise on a watershed stretching south-west of Moscow, and flow to the Black and Caspian Seas. The early medieval traders, whether Arab or Varangian, followed these river-routes, crossing by easy portages the low-wooded divide between the Black Sea and the Baltic rivers. The earliest Russian state [*Rus' Kiev*] lay along these rivers, held together by the easy means of communication which they afforded. The second Russian state [*Muscovy*] grew up in the mixed woodland of the Moscow region, near the watershed of European Russia." (Pounds, 1947, p. 162)

⁵³ "Its exposed position on the steppe-frontier gave it a position of greater political importance, and it gathered beneath its sway the smaller territories which had been organized around the Russ towns." (Idem, 1947, p. 164)



Mapa 7 - Extensão territorial máxima do Principado de Kiev (fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Kievan_Rus_en.jpg)

Durante cerca de cinco séculos, o Principado reuniu sobre o seu seio a grande comunidade dos povos Eslavos do Leste⁵⁴ e pautou pelo grande crescimento e desenvolvimento que ia apresentando, sendo que a cidade de Kiev rivalizava com as maiores da Europa Ocidental, em termos de comércio, população e arquitectura. Conheceria o seu período áureo durante os reinados de Vladimir, *O Grande* (980-1015) e do seu filho Yaroslav, *O Sábio* (1019-1054), sendo que o primeiro foi o responsável pela grande interacção cultural com o Império Bizantino (de onde importou aspectos da cultura e da religião, nomeadamente o Cristianismo Bizantino), ao passo que o segundo destacou-se na organização social e militar do Principado.

⁵⁴ Para além destes, existiam ainda os Eslavos do Sul (croatas, macedónios, búlgaros, eslovenos e sérvios) e os Eslavos do Ocidente (eslovacos, polacos e checos).

Após este grande período de expansão, o principado entrou em declínio no final do séc. XII dividindo-se noutras regiões autónomas e acabando por desaparecer definitivamente nos princípios do século seguinte, após as terríveis invasões mongóis, que levaram à quase destruição das principais cidades e conseqüente fuga dos povos eslavos desta região para outros principados, de entre os quais se vai destacar o Principado de Moscovo ou Moscóvia, antecessor da Rússia. Mas o protagonismo de Moscovo face aos principados vizinhos foi tudo menos obra do acaso.

A sua posição geográfica é apontada como o grande factor de sucesso desta cidade que lhe valeria a prestigiada nomeação de capital da Rússia.⁵⁵ Situada mesmo no meio de dois importantes rios – o Volga e o Dnieper – Moscovo beneficiou das inúmeras rotas de comércio que se efectuavam ao longo desta região, não só em termos marítimos mas também ao nível terrestre. Através do Dnieper, o Principado estava em contacto com todas as mercadorias e novidades trazidas do Império Bizantino através do Mar Negro, ao passo que o Volga permitia ter acesso às especiarias, armamento e todo o tipo de bens que se podiam trazer do Oriente através do Mar Cáspio.

Para além dos benefícios resultantes do comércio via Volga e Dnieper, a própria localização de Moscovo auferiu-lhe um estatuto de cidade segura para todos aqueles que por lá se decidissem estabelecer ou simplesmente passar. Situada numa zona central da Rússia, Moscovo beneficiou em larga medida da sua posição estratégica face aos tradicionais invasores: no Leste, os principados de Riazan, Nizhni Novgorod e Rostov eram sempre os primeiros a levar com a fúria das invasões mongóis; no Oeste cabia aos principados de Tver e Smolensk absorver o choque das permanentes tentativas de conquista do poderoso reino da Lituânia e também da Suécia. Em ambos os casos, Moscovo estaria sempre protegida do grande impacto dos invasores e muitas vezes estes, ainda que obtendo sucesso sobre estas cidades-escudo para os moscovitas, optavam por voltar para trás com receio de serem derrotados perante um Principado de Moscovo mais forte, sem baixas e fresco para a luta.

⁵⁵ Melvin Wren aponta a localização geográfica de Moscovo como um factor de sucesso para o crescimento deste principado: *“Moscow’s geographical location gave the town a tremendous advantage and must be noted first among the factors which gave it importance (...) it was ideally located, then, at the heart of a network of trade routes, both land and water, which could offer rich opportunity to the merchants who chose to settle there.”* (Wren, 1979, p. 72)

No entanto seriam mesmo as bacias hidrográficas, um dos grandes factores de crescimento de Moscovo. Ainda antes do Império se formar e da construção do Transiberiano, a Rússia, à mercê do seu encravamento continental, encontrou nos seus rios a única forma de chegar aos mares e oceanos que se constituíam como a mais rápida e eficaz via de comunicação da altura e conseqüentemente a melhor via para atingir o progresso. No entanto, a grande maioria dos seus rios desaguavam em mares fechados (Cáspio, Aral, Negro) ou inacessíveis à navegação (Ártico). E também não deixa de ser verdade que embora estivesse protegida pela sua fortaleza natural, a Rússia sempre sofreu de ataques ou tentativas de invasões realizadas através desses mesmos rios. No entanto é inegável o papel determinante que os principais rios como o Volga ou o Dnieper tiveram na construção e estabilização de massas populacionais em regiões como a de Moscovo.⁵⁶

É portanto de destacar o papel que o comércio marítimo (fluvial em particular) teve na solidificação deste Principado e conseqüente hegemonia sobre os restantes. Se atentarmos à localização central de Moscovo, podemos rapidamente observar que esta cidade se localiza entre duas importantes correntes marítimas de comércio, uma espécie de eixo de rios entre o Báltico, o Negro e o Cáspio, fazendo assim a ligação entre o Norte e Sul da Europa e o Oriente asiático. Ora, se o Principado de Moscovo da época conseguisse deter o controlo das rotas comerciais que se faziam através desse eixo, possuiria um enorme poder e uma vantagem geopolítica de importante cariz face às grandes potências de então. Num piscar de olhos, o pequeno principado saído das cinzas do *Rus' Kiev*, ganharia controlo sobre todas as rotas comerciais efectuadas em quatro mares distintos: o Ártico, o Báltico, o Negro e o Cáspio. Não é portanto de estranhar que o mais carismático líder do Principado de Moscovo – Ivan IV, *O Terrível* – tivesse empregado todos os esforços possíveis para o controlo absoluto do maior e mais importante rio da Rússia – o Volga.⁵⁷

⁵⁶ “It was the Volga and the Dvina which, with the growth of commerce, became the main arteries of trade, and it was along their banks that the most populous parts of Russia were to be found.” (Mitchell, 1949, p. 45)

⁵⁷ “So in 1552 the Volga River had carried the infantrymen, and along its banks had ridden the cavalymen, in the forces which Ivan the Terrible sent to Kazan. When they captured that city the Russians got command of the Middle Volga. Four years later, when they secured Astrakhan at the mouth of that river, they gained the most important port on the Caspian Sea. For the first time the Volga became a Russian river, and from that time on, the rulers of Russia were determined to keep it so.” (Idem, p. 53)



Mapa 8 - A expansão territorial do Principado de Moscovo entre 1300 e 1462
(fonte: Wren, 1979, p. 81)

1.1. Outros factores: diplomacia e ortodoxia

Aliada à geografia, esteve também a política de alianças dos Príncipes de Moscovo. Perante o domínio do Khan, os sucessivos líderes do principado optaram por uma abordagem diferente dos restantes vizinhos. Enquanto estes resistiam como podiam aos sucessivos raides mongóis, entrando em guerras infinitas perante um adversário muito mais forte, os Príncipes de Moscovo cedo aceitaram a soberania do Khan e por isso acabaram por obter a paz necessária para o seu crescimento interno. Para além disso, aos poucos e poucos, o Khan

acabou por atribuir a Moscovo um papel de soberano sobre os outros principados, ou seja, muito em breve praticamente todos estavam subjugados à autoridade judicial e tributária do Principado de Moscovo, embora em última análise fosse o Khan o soberano supremo de todos eles. Ao mesmo tempo que caía nas boas graças do Khan e obtinha receitas provenientes dos impostos cobrados aos restantes principados, Moscovo cresceu e expandiu-se no espaço envolvente. O poder do Principado resultante desta expansão e da protecção mongol, em última análise acabou por ameaçar o Reino da Lituânia que embora fosse mais poderoso do que Moscovo, preferia muitas vezes negociar tratados de paz que até lhe eram prejudiciais, com receio de enfrentar uma vaga de ataques russo-mongóis.

Finalmente, o papel da Igreja Ortodoxa também foi fundamental para o protagonismo de Moscovo. Desde o início da sua expansão que o Principado procurou atrair uma grande parcela do clero ortodoxo para si. A construção de igrejas, atribuição de terras, isenção de impostos e colocação nos mais altos cargos do Estado acabaram por conferir grande importância a Moscovo enquanto garante da fé ortodoxa. No entanto, o Khan não achava muita piada a este crescente religioso no principado. Nada que uma série de subornos e outras regalias oferecidas pelos Príncipes de Moscovo não acalmassem. Obtendo a benevolência mongol, a gota final na atribuição a Moscovo de capital dos ortodoxos veio com o Concílio de Florença em 1438, onde Constantinopla (ameaçada pelas invasões otomanas) decide unir-se a Roma. Os ortodoxos ou “verdadeiros cristãos”, sentindo-se ignorados e mal tratados, viram-se para Moscovo que os acolhe de braços abertos. O Principado rompe relações com o Patriarcado de Constantinopla e funda o seu próprio Patriarcado, independente desta. É aqui que os historiadores ortodoxos designam o nascimento da Terceira Roma – visto que a primeira (Roma) tinha sucumbido à heresia e ao domínio papal, a segunda (Constantinopla) tinha atraído a fé ortodoxa ao aliar-se a Roma e mais tarde acabar por ser conquistada pelos infieis muçulmanos (Otomanos) e somente a terceira (Moscovo) havia sobrevivido para manter viva a chama da Ortodoxia. Daqui em diante, todos os povos ortodoxos olhavam para Moscovo com outros olhos e conseqüentemente para a Rússia, designando-a muitas vezes como “Santa Rússia” (Wren, 1979).

Durante os séculos seguintes, russos e polacos rivalizaram no leste europeu, participando em inúmeras guerras entre si para obterem o controlo da maior parcela de território possível, entre as quais estavam as zonas do Báltico e as actuais Bielorrússia e Ucrânia. No séc. XVIII é formalizado o Império Russo, sob o comando do czar Pedro I, *O*

Grande, em 1721, sendo que daqui em diante a Rússia agora estabilizada internamente, alargaria os seus objectivos para o exterior, ganhando respeito internacional após as sucessivas expansões territoriais.

Até então, os estrategistas consideravam que o poder da Rússia era apenas defensivo, a coberto da fortaleza inexpugnável com que a natureza a tinha contemplado – o seu clima e os seus desertos – conforme Napoleão tinha descoberto à sua própria custa. Mas na realidade, desde o reinado de Pedro ‘O Grande’, os súbditos do Czar tinham aumentado quatro vezes, de 15 para quase 60 milhões. Ao mesmo tempo, as fronteiras da Rússia tinham avançado cerca de 800 km em direcção da Constantinopla e cerca de 1 500 em direcção a Teerão, a uma razão de mais de 50 000 km² por ano (...) Todo este território tinha sido conseguido furtivamente, através de astúcia e pequenas invasões sucessivas, nenhuma delas suficientemente importante para causar fricções importantes com os outros poderes europeus.⁵⁸

⁵⁸ Santos, 2008.

2. Heartland Russo: fortaleza e trampolim para a expansão

2.1. *O Núcleo Central origina a expansão do Heartland*

A expansão de um grande império obedece a uma série de prerrogativas que na maioria das vezes leva à conjunção ideal de factores que permitem o sucesso desse alargamento territorial. No geral, o império continental enquanto massa territorial extensa tem a sua génese num núcleo central de onde emana o poder e a autoridade para a conquista e expansão. A formação de uma identidade política e nacional é influenciada por uma série de factores (sejam eles de ordem geográfica, económica, demográfica, cultural ou religiosa) que suportam a necessária coragem e ambição para partir além-fronteiras. É este processo de estabilização interna e unificação no interior do núcleo central que constitui a base para a formação de qualquer potência continental.



Mapa 9 - A expansão territorial da Rússia entre 1533 e 1894 (fonte: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=267>)

O núcleo central da Rússia está no *Heartland*⁵⁹ e foi tendo sempre em mente que essa zona lhes pertencia e por eles era controlada que toda a história da expansão dos “impérios russos”⁶⁰ se delineou. O Heartland projectou o poder continental do Império Russo que, tal como o historiador John LeDonne refere, primeiramente tem que se consolidar a nível interno para depois se expandir para as unidades culturalmente mais próximas e sempre numa lógica de agregação das suas características comuns (personificada pelo Eurasianismo e Pan-Eslavismo) como forma de tornar todos mais fortes, desenvolvidos e realizados numa exaltação perfeita do lema “a união faz a força”. Esta força garante não só o respeito interno como externo, na medida em que o núcleo central do poder continental procura sempre rivalizar com outros do mesmo género.⁶¹ A própria extensão do território que estava aos olhos dos russos acabou por apelar a expansão, criando uma lógica de “mais terra acarreta sempre mais conquista”.⁶²

Assim a expansão da Rússia faz-se com um objectivo e na direcção de três zonas limítrofes do Heartland, estando ambos (objectivo e direcções) relacionados. O objectivo passa por atingir os mares quentes e navegáveis e assim garantir acesso à navegação livre pelo mundo. As três regiões limítrofes procuram de todas as formas impedir a sua absorção pelo Heartland, tendo cada uma delas diferentes opositores consoante os períodos históricos. O Heartland Ocidental começou numa fase inicial por ser disputado pelas potências nórdica (Suécia) e Orientais (Polónia e Lituânia) para depois ser definitivamente alvo de confronto entre a potência continental germânica e a sua homóloga eslava. O objectivo começou por ser a disputa pelo Báltico para depois ser a tentativa russa de chegar ao Atlântico. No Sul, a

⁵⁹ Sem nunca esquecer que formalmente a teoria do Heartland só surge no início do séc. XX com Mackinder, também é preciso ter em mente que essa região central da Eurásia sempre correspondeu à origem e centro de poder imperial da Rússia, daí que seja comum atribuímos essa definição ainda que se aplique a um período anterior ao aparecimento da mesma.

⁶⁰ Ao czarista adicionamos também o soviético.

⁶¹ “*More often than not, the process of internal unification includes a violent phase, even a civil war, in which the energy devoted to core area formation is not spent but renews itself and then focuses on expansion into the territory of first one parent culture and then other, in an attempt to capture their political, economic, and cultural centers. The expansionist drive creates its own ‘logic of unity’, a forward movement toward ‘natural’ boundaries, a term without an easy definition but one representing a complex of obstacles establishing ‘an optimum of conquest’. The core area remains an organism in search of an elusive equilibrium with other core areas.*” (Ledonne, 1997, p. 4)

⁶² “*La géomorphologie de l’espace où s’est formé l’Etat russe a contribué à l’unité politique de ce peuple et l’a contraente à l’autocratie. Faute d’être traversée par des barrières naturelles protégeant la formation de la nation, l’immensité du territoire l’incitait à l’expansion.*” (Gallois, 1990, p. 410)

Rússia procurou incessantemente chegar tanto ao Mediterrâneo como ao Golfo Pérsico,⁶³ encontrando feroz oposição de potências marítimas: turcos e britânicos. No Oriente, a expansão do Heartland foi talvez a mais bem-sucedida, uma vez que o objectivo de chegar ao Pacífico foi atingido e com relativa fraca oposição pelo caminho. No entanto, chegados lá, os russos tiveram que lidar com o poderio continental da China e marítimo do Japão.

2.2. *Ratzel e a importância do espaço*

O estatuto de grande potência que a Rússia adquiriu ao longo dos séculos nunca poderia ter vindo ao de cima se não fosse a gigante massa continental que ela procurou desde sempre dominar – a Eurásia. Toda esta região envolta em características geoestratégicas únicas contribuiu e de que forma para que o poder da Rússia se estabelecesse internamente e posteriormente se projectasse no mundo. Importa pois, recuperar os contributos de Ratzel, nomeadamente quanto à relação entre o espaço e o poder. Embora o determinismo ratzeliano não fosse propriamente um dos desígnios da Rússia pós Moscóvia (pelo menos até ao séc. XIX quando se dá o aparecimento do messianismo eurasiático), a verdade é que o *Raumsinn* (Sentido de Espaço) sempre esteve na agenda geopolítica da Rússia e desse modo, tendo um enorme espaço à sua frente, os russos mobilizaram-se sob a autocracia do czar e organizaram-se de forma a poderem agrupar os outros povos que iam conquistando, desenvolvendo assim esse mesmo espaço. O Heartland foi alvo de movimentos de expansão em todas as direcções (excepto a Norte) com vista ao alargamento do seu espaço e aumento do poder que desse fenómeno decorre, pois de acordo com a lógica do geógrafo alemão: ter espaço é ter poder e portanto, o poder do Estado Russo seria tanto maior quanto o seu território.

2.3. *Mackinder vs Mahan*

Tendo bem presente todas as características naturais que fazem do Heartland uma região cobiçada (como podemos verificar anteriormente no Capítulo I), não podemos deixar de relacionar esta teoria de Mackinder com a expansão imperial russa. Estando grande parte dos centros populacionais russos entre o eixo Cáucaso-Urais-Báltico,⁶⁴ toda esta região de

⁶³ Embora o objectivo primário fosse esse, como veremos no Capítulo III as ambições russas sobre estes dois mares constituem apenas uma rampa de lançamento para o verdadeiro objectivo: controlo do Índico e apropriação da Jóia da Coroa britânica – a Índia.

⁶⁴ Naquilo que LeDonne apelida da “Mesopotâmia Volga-Oka”, ou seja, o centro hidrográfico de emanação do poder russo (Ledonne, 1997).

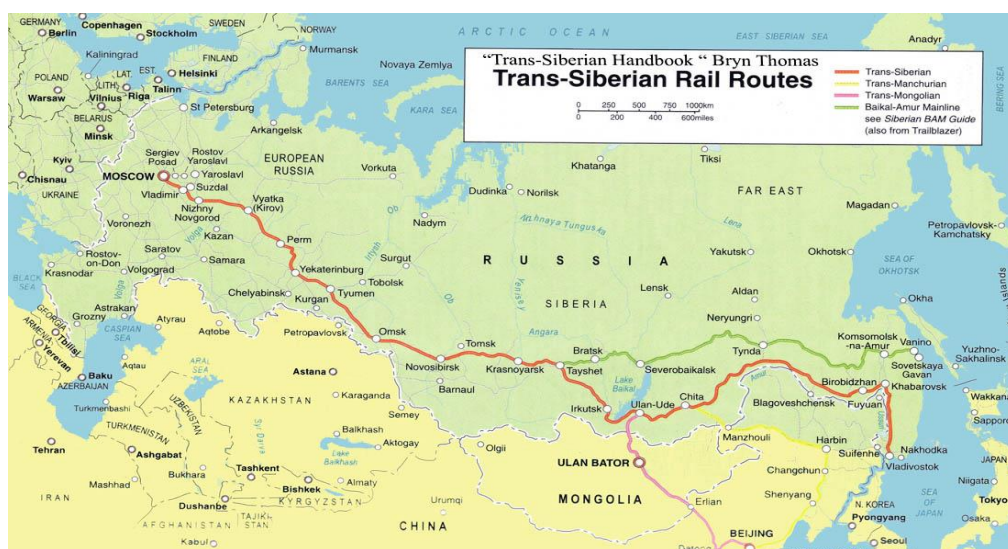
Estepe começou por ser “desbravada” pelos cossacos provenientes da Crimeia. Foram eles os primeiros eslavos a dirigirem-se para Leste ainda no séc. XVII. A tendência manteve-se no século seguinte sem que os governantes do Império colocassem qualquer restrição. Muito pelo contrário. Esta política de migração para Leste era apoiada pelos czares, com vista a poderem alargar os seus limites imperiais *Ot Morya do Morya* (do mar ao mar), ou seja, do Báltico ao Pacífico (Hauner, 1990).

No entanto, os grandes apologistas do poder marítimo mantinham a sua posição de que esta região estava ainda muito fechada em si mesma e que a grande mobilidade e flexibilidade do comércio marítimo se mantinha como a grande arma da supremacia marítima. E de facto não deixa de ser verdade que esta região da Eurásia, embora livre de acidentes de relevo e preenchida por um gigante corredor de planície, também não dispunha de vias de comunicação que favorecem o transporte de pessoas e bens. Grandes rios nasciam na Sibéria (Obi, Yenesei e Lena) mas corriam de Sul para Norte desaguando nas águas geladas do Ártico e deixando assim todo o corredor Oeste-Leste desprovido dessa capacidade de mobilização. E mesmo esta expansão russa na Eurásia não preocupava os defensores do *Sea Power* como Mahan que defendia o aumento da extensão imperial da Rússia para o Extremo Oriente não só como mais vantajosa para as potências marítimas (como os EUA e a Grã-Bretanha),⁶⁵ como arrasadora para a tradicional estratégia militar defensiva dos russos, na medida em que ele acreditava piamente que o Império continental russo não dispunha de condições para aguentar duas frentes de batalha tão longínquas uma da outra (uma no seu território europeu e outra no Extremo-Oriente) nem de se expandir simultaneamente para duas regiões marítimas diferentes (Golfo Pérsico e Pacífico).

Quanto a este ponto, Mackinder contrapôs com a importância da utilização dos caminhos-de-ferro, mais concretamente com a construção do Transiberiano, deixando o Heartland em pé de igualdade com as potências marítimas em termos de mobilidade. O britânico não tinha dúvidas que este gigantesco projecto colocaria os russos na posse de uma vantagem estratégica enorme (em termos de rapidez de movimentações, de custos associados ao transporte de pessoas e bens e ainda à possibilidade de circular em zonas inacessíveis

⁶⁵ “He suggested that it was less risky for Britain to allow Russia to expand in the Pacific, where the latter would inevitably be confronted by Japan, the United States, and probably Germany, in addition to the British hostility. In contrast, if Russia expanded in the direction of the Persian Gulf, where Britain would be alone she would be more difficult to contain, especially because of the additional heavy burden of guarding the communication lines with India.” (Hauner, 1990, p. 136)

muitas vezes até aos próprios cavalos – principal meio de transporte terrestre na altura), prevendo que isso seria o início do fim da supremacia marítima.⁶⁶ O impacto dos caminhos-de-ferro na balança de poderes seria de tal ordem que Mackinder não hesitou em comparar esta projecção de poder militar russo com o seu homólogo britânico.⁶⁷ Este gigantesco caminho-de-ferro com mais de 7 200 km (o maior do mundo) ligaria Moscovo a Vladivostok sendo que “*seria capaz de transportar mercadorias e matérias-primas em ambos os sentidos em menos de metade do tempo que demorariam por via marítima, causando assim sérios embaraços à hegemonia da Grã-Bretanha sobre as rotas marítimas.*”⁶⁸



Mapa 10 - Mapa das diferentes rotas ferroviárias do Transiberiano (fonte: <http://www.baikalcomplex.com/transsibmap.htm>)

O Transiberiano representa de facto uma grande viragem geopolítica na história dos Impérios: se até então era comumente aceite que a base do poder imperial e colonial estava no poder marítimo, a conclusão desta enorme linha ferroviária transcontinental veio colocar isso em causa e o poder continental passa também a ser associado ao Estado Imperial. No entanto, podemos aqui apontar uma crítica ao pensamento de Mackinder. É verdade que o Transiberiano fez expandir o poder continental da Rússia, podendo mesmo conduzi-la às condições necessárias para se tornar numa potência marítima (caso conseguisse articular

⁶⁶ “*Until the railroad, sea power’s advantage was its virtual monopoly on force projection over the world’s most efficient trade routes. Railroads, Mackinder reasoned, would fundamentally alter the global equation and allow the land based powers of Eurasia to regain the dominance they held when cavalry reigned supreme*” (Dolman, 2002, apud Dias, 2005, p. 97).

⁶⁷ “*The Russian railways have a clear run of 6,000 miles from Wirballen in the west to Vladivostok in the east. The Russian army in Manchuria is as significant evidence of mobile land-power as the British army in South Africa was of sea-power.*” (Lowe, 1982, p. 23).

⁶⁸ Santos, 2008.

eficazmente os seus meios terrestres com as bases navais na Costa do Pacífico). Mas também não podemos negligenciar o facto de que esta ligação ferroviária retirou a principal vantagem estratégica do Heartland aos russos, isto é, a sua inacessibilidade pelos mares. Será imprudente afirmarmos que o isolacionismo geográfico que o Heartland oferecia à Rússia foi desfeito por esta ferrovia que o tornava vulnerável ao *Sea Power*?

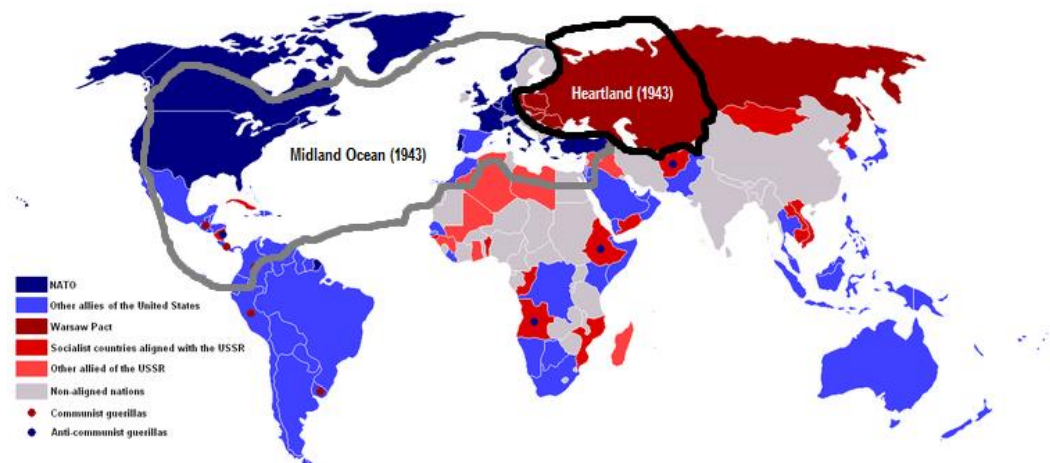
Independentemente de concordarmos ou não com as teorias de Mackinder, uma coisa é inegável: a Rússia cresceu e tornou-se numa grande potência mundial muito às custas do seu domínio do Heartland. Aliás, não deixa de ser extremamente interessante que ainda em 1904 na sua obra “*O Pivot Geográfico da História*” o geógrafo inglês tenha conseguido prever os comportamentos geopolíticos da Rússia durante as décadas seguintes caso ela conseguisse manter afastada do seu Heartland os principais concorrentes (Alemanha ou aliança da China com o Japão):

*Russia replaces the Mongol Empire. Her pressure on Finland, on Scandinavia, on Poland, on Turkey, on Persia, on India, and on China, replaces the centrifugal raids of the steppemen. In the world at large she occupies the central strategical position held by Germany in Europe. She can strike on all sides and be struck from all sides, save the north. The full development of her modern railway mobility is merely a matter of time. Nor is it likely that any possible social revolution will alter her essential relations to the great geographical limits of her existence.*⁶⁹

Também a 3ª Teoria de Mackinder, datada de 1943 e respeitante ao conceito de *Midland Ocean* está associada à própria formação dos blocos militares após a II Guerra Mundial. A NATO e o Pacto de Varsóvia são efectivamente uma demonstração clara das teses geopolíticas do geógrafo inglês, na medida em que a Aliança Atlântica englobava claramente aquilo que Mackinder entendia como o espaço de exclusividade das potências marítimas ocidentais – *Midland Ocean* – mais avançadas tecnologicamente e com laços culturais, sociais e políticos muito semelhantes que lhes permitiam manter uma relação de proximidade e de convergência de esforços perante o perigo vindo do Heartland. A resposta comunista traduziu-

⁶⁹ Mackinder, 1904, *apud* Hauner, 1990, p. 140.

se na junção do Heartland russo com a zona tampão da Europa de Leste que estava na posse da URSS. Sintetizando, a NATO corresponde ao Midland Ocean e o Pacto de Varsóvia ao Heartland, como podemos verificar no mapa seguinte.



Mapa 11 - Relação entre a distribuição geográfica dos países da NATO e do Pacto de Varsóvia e a 3ª Teoria de Mackinder de 1943 (fonte: adaptado de <http://mrkscoldwarb.wikispaces.com/NATO+v.+Warsaw+Pact>)

2.4. *Haushofer e o fracasso do Bloco Transcontinental*

Embora fosse um grande admirador de Mackinder e tivesse recebido alguma influência do britânico, Haushofer recusava a ideia do Heartland, mas na verdade só se incompatibilizava com as fronteiras e a génese deste. O alemão reconhecia a aptidão e força da Rússia para controlar uma grande parte da Eurásia e do seu Heartland. Daí que, tal como Mackinder ele tenha feito uma divisão geopolítica do mundo nas Pan-Regiões (descritas no Capítulo I). Mas o grande contributo de Haushofer está na criação do Bloco Transcontinental que visava acima de tudo, criar uma região de domínio exclusivo das potências continentais, isto é, Alemanha, Rússia e Japão⁷⁰ que pudesse contrabalançar o eixo marítimo anglo-saxónico protagonizado por americanos e britânicos. O Pacto Germano-Soviético foi visto por ele como o último passo para o fim da hegemonia do poder marítimo sobre o continental. Tivesse Adolf Hitler respeitado a sua vontade e talvez a balança de poderes hoje em dia fosse ligeiramente diferente. O problema é que a Alemanha, tal como a Rússia aliás, enquanto potência continental tenderia sempre primeiro a tornar-se hegemónica no seu teatro natural

⁷⁰ Embora fosse um Estado insular e tivesse uma capacidade naval impressionante (que os próprios russos testemunharam) Haushofer entendia que pelo seu domínio sobre a China, pelas características da sua sociedade (fechada) e do seu estado (imperial, autocrático), o Japão era uma potência continental.

(continente) e só depois ponderaria uma eventual disputa com as potências marítimas. Haushofer foi ingénuo demais ao achar que a proximidade geográfica e cultural do povo eslavo com o germânico seria suficiente para os unir contra o eixo Washington-Londres,⁷¹ ainda que à data do lançamento da sua tese do Bloco Transcontinental, a Alemanha Nazi ainda não tivesse invadido a URSS. Mas na verdade foi mesmo a ambição e reconhecimento por parte de Hitler da importância do *Herzland* (Heartland em alemão) que o levou a invadir o território russo, mais do que as suas teorias arianas ou anti-bolchevistas.



Independentemente das diversas teorias clássicas da geopolítica, a II Guerra Mundial e o seu desfecho vieram dar razão a Mackinder e a derrota da Alemanha Nazi no Heartland Russo confirmou a URSS como a única superpotência saída da Guerra capaz de rivalizar com os EUA. O segredo da vitória dos aliados esteve tanto na capacidade de mobilização do poder marítimo anglo-saxónico como na força de vontade e espírito de sacrifício dos russos em proteger a sua fortaleza do Heartland e projectar todo o seu poder continental em direcção ao inimigo. A Guerra-Fria que teria lugar durante as décadas seguintes foi o exemplo perfeito desta tentativa russa de não só manter a sua fortaleza continental mas se possível alargá-la. Assim se explica a presença soviética na Europa de Leste, o apoio ao Irão, à Índia, à Coreia do Norte e aos países da Indochina e mais tarde o conflito no Afeganistão nos anos 80. Expandir o Heartland Russo para fazer frente à superpotência marítima rival – os EUA. Era para isto que Mackinder avisava o Ocidente em 1943, ou seja, a possibilidade de surgir uma potência continental que ameaçasse as potências marítimas:

*If Soviet Union emerges from this war as a conqueror of Germany, she must rank as the greatest land Power on the globe. Moreover, she will be the Power in the strategically strongest defensive position. The Heartland is the greatest natural fortress on earth. For the first time in history it is manned by a garrison sufficient both in number and in quality.*⁷²

⁷¹ “Russia and Germany both lost the war because they fought on opposite sides. It took a long, much longer time than Sir Halford Mackinder had expected, for the Germans and Russians to find that out.” (Haushofer, *apud* Hauner, 1990, p. 177)

⁷² Mackinder, 1943, *apud* Hauner, 1990, p. 161.

3. O Eurasianismo enquanto motor da Potência Continental

A entrada em cena da dinastia dos Romanov marca o início das grandes actuações geopolíticas da Rússia imperial em termos globais. O emblema do Império Russo é um exemplo perfeito da imagem que os russos tentaram projectar – a Águia Bicéfala tem como significado histórico as palavras do monge Filoteu que no séc. XIV, perante a iminência da conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos afirmara que duas Romas tinham caído e que então se ergueria uma Terceira Roma e esta nunca cairia. Ele refere-se pois à queda dos dois símbolos do mundo cristão – Roma (capital do Império Romano do Ocidente) e Constantinopla (capital do Império Romano do Oriente). A Terceira Roma (implícita no emblema da Rússia, mais precisamente na coroa maior que se localiza no centro das outras duas) simboliza o Império Russo, enquanto defensor do mundo ortodoxo e pregador da sua fé.⁷³

Mas para além do significado histórico e patriótico do emblema, podemos retirar dele um outro significado, mais político e esse claramente visível e comprovado pela História do Estado russo. A Águia Bicéfala (importada de Bizâncio) direccionada para Oeste e para Leste demonstra também a eterna indecisão e ambiguidade na política externa russa, embora também não deixe de ser verdade que esta possa ser interpretada (principalmente por muitos teóricos e historiadores russos) como uma atitude de vigilância da “Grande Rússia” face aos dois continentes que a rodeiam – a Europa a Ocidente e a Ásia a Oriente.



Fig. 1 - Emblema utilizado pelo Império Russo e que ainda hoje persiste na actual bandeira da Federação Russa (fonte: http://www.stanford.edu/class/slavgen194a/images/russia_eagle2.gif)

⁷³ “*Désormais, tous les royaumes chrétiens ont pris fin et se sont fondus dans le royaume unique de notre souverain conformément aux livres de prophéties et c'est le royaume russe: car deux Rome ont sombré dans l'hérésie, la troisième est là et il n'y en aura pas de quatrième.*” (Filoteu, *apud* Ziouganov, 1999, p. 115)

De facto, estas duas correntes internas sobre o melhor meio de dirigir os destinos do país são antigas mas ainda hoje perduram e continuam a ser os grandes motores da Rússia além-fronteiras. De um lado temos os Ocidentalistas e do outro os Eurasianistas (herdeiros dos Eslavófilos⁷⁴). Ora se os primeiros argumentam com a necessidade de aproximação ao Ocidente como forma de modernizar a Rússia e torna-la mais integrada num espaço europeu que também lhe pertence, é óbvio que os segundos são acérrimos defensores da viragem da Rússia não só a Oeste mas sobretudo a Leste, pois (de acordo com a sua visão) a posição geográfica da Rússia obriga a uma necessária actuação constante em ambos os continentes, fazendo uma espécie de ponte entre a Europa e a Ásia, em toda aquela massa continental que os liga e que dá pelo nome de Eurásia. Muitos destes teóricos criticavam a atitude mais pró-Ocidente que a Rússia de tempos em tempos tomava, alegando que não era benéfica para os interesses e mesmo para o orgulho nacional.⁷⁵

Se é verdade que desde Pedro I, a elite política da Rússia se manteve mais ou menos fiel às teorias Ocidentalistas de aproximação e de intervenção nos assuntos europeus, durante o séc. XIX a emergência dos nacionalismos europeus difunde-se também pela Rússia, misturando-se com as teorias eslavófilas e com o messianismo ortodoxo. A Rússia desta altura era já um gigante continental que agrupava milhões de pessoas, provenientes de dezenas de etnias a quem muitas vezes eram concedidas determinadas condições ou privilégios que o povo eslavo (russo) não dispunha. Progressivamente gera-se uma crise de auto-identidade nacional, direccionando-se as frustrações eslavas contra o Ocidente e contra a penetração de culturas distintas no seio do Império, levando a que um “Nacional-Eslavismo” surja como resposta a esses problemas, defendendo para tal as Teorias Eurasianistas.

De uma maneira geral, o Eurasianismo alimenta-se das teorias eslavófilas. O russo, eslavo de alma, ortodoxo de crença, não deve sucumbir aos caprichos e ganâncias do homem europeu católico-protestante. Não lhe deve ser subserviente mesmo que isso cause impacto na economia do seu país. Os eslavos foram um povo que surgiu há muitos séculos atrás e que sofreu influências da antiga Pérsia, do Norte da Europa e de outros cantos da Eurásia, mas

⁷⁴ Os Eslavófilos foram um conjunto de teóricos e pensadores russos e não só, que durante o séc. XIX apregoavam a superioridade e genuinidade do povo eslavo face a todos os outros. Uma espécie de primórdios das teses arianas do nacional-socialismo alemão dos anos 30 do século seguinte.

⁷⁵ A propósito disto mesmo, escreveu o célebre poeta russo Fedor Dostoievsky que “*No nosso destino futuro, talvez seja precisamente a Ásia a nossa principal saída. Na Europa éramos escravos, enquanto na Ásia podemos estar como senhores (...) com as nossas aspirações pela Ásia, o nosso espírito e a nossa força serão regenerados.*” (Dostoievsky, *apud* Rego, 1997, p. 330)

nunca da Europa Ocidental. O povo eslavo do qual derivam os russos deveria orgulhar-se das suas raízes e da sua exclusividade. E por ser tão especial e único, estava-lhe reservada uma missão divina e ao mesmo tempo político-nacional: a da evangelização da Ásia, como forma de uma vez por todas renunciar às atrações e conseqüentes dependências que eram exercidas pelo Ocidente.⁷⁶ Os russos não se sentem nem europeus nem asiáticos, mas sim simplesmente “Russos”. Existe uma clara percepção no povo russo que a sua pátria é única e pioneira, não tendo igual no mundo inteiro.⁷⁷ Outros ainda advogavam que o segredo da grandeza da Rússia enquanto Potência Mundial estava no facto dela ser tanto europeia como asiática,⁷⁸ afirmando a capacidade congregante da nação russa como única esperança do mundo.⁷⁹

A grande diferença entre os movimentos eslavófilos do início do séc. XIX e os eurasianistas dos finais do mesmo século está precisamente nesta viragem para Oriente, visto que os primeiros concentravam as suas atenções nos povos eslavos dominados por potências ocidentais nos Balcãs e na Europa de Leste. Já os *Vostochniki* (Orientalistas) viam na penetração civilizacional no interior do continente asiático o futuro da Rússia e do povo eslavo. A proximidade de um continente asiático ainda pouco explorado despertava ainda mais vontade da missão civilizacional da Rússia aos olhos de eurasianistas como Grigorev que em 1840 escrevera o seguinte:

Who is closer to Asia than us?...Which of the European races preserved in itself more of the Asiatic element than the Slavs, who were the last to leave their primeval homeland? Yes, if the science and civic life of Europe must speak to Asia through the mouth of one of its peoples, then of course it will be us. Is it not clear that Providence

⁷⁶ “What they sought was nothing less than a national mission, a grand undertaking that could establish their national virtue and the fact that they indeed possessed a capacity for creative national achievement independent of the West.” (Bassin, 1994, p. 112)

⁷⁷ O testemunho de Fedor Tioutchev é exemplo do carácter excepcional que os russos atribuem a si mesmos: “Para compreender a Rússia, o espírito não é suficiente. Não lhe podemos aplicar as normas habituais. Devemos simplesmente crer na Rússia.” (Tioutchev, *apud* Rego, 1997, p. 335)

⁷⁸ “Selected by God as an intermediary between the West and the East, having received Christianity in the capital of an Eastern Empire [i.e., Constantinople], having spent its adolescence as a European hostage in captivity of Asiatic tribes, and having been cast by will of genius [i.e., Peter the Great] into the midst of European development, she has identical similarities to both Europe and Asia, and belongs equally to both parts of the world.” (Semyonov, 1855, *apud* Hauner, 1990, p. 42)

⁷⁹ “Dostoyevsky, en una especie de visión apocalíptica, había visto a la Europa occidental como un inmenso campo de batalla, condenado a la aniquilación en una lucha de fiereza y derramamento de sangre sin paralelo. Para él, el destino de Europa pertenecía a Rusia porque sólo los rusos poseen la capacidad de ser hermanos de todos los pueblos.” (Weigert, 1991, p. 38)

*preserved [Asia] as if intentionally from all foreign influence, so that we Russians would find it...more capable of, and inclined to accept those gifts that we [alone] bring to it!*⁸⁰

A situação tornou-se ainda mais radical após a Guerra da Crimeia na década de 50 do séc. XIX. Os eurasianistas souberam explorar bem a derrota da Rússia às mãos da França e Grã-Bretanha como um exemplo do desprezo e hostilidade do Ocidente face ao povo eslavo. A viragem para o Oriente já não constituía apenas uma vontade messiânica, mas também uma necessidade de demonstrar a força e poder do povo russo face a um território que lhe pertencia por direito, tal como exortava Alexander Balasoglo, um dos fundadores da Sociedade Russa de Geografia em 1847:

*It is time for Russia to understand its future, its calling in humanity...Russia is precisely another Europe, a Europe between Europe and Asia, between Africa and America – a marvelous, unknown and new country. In it, and only in it, are concentrated all the threads of world history...The Slavic soul is the chosen vessel for the melding of all peoples into humanity. The East belongs to Russia unchangeably, naturally, historically, voluntarily...It was bought with the blood of Russia already in the prehistoric quarrels of the Slavs with the Finns and the Turks, it has been suffered for in Asia through the Mongol yoke, it was welded to Russia by the Cossacks and has earned from Europe by protecting it from the Mongols.*⁸¹

No entanto, muitos eurasianistas não eram apenas românticos eslavos. Com efeito, muitos eram políticos ou homens de negócios que visavam única e exclusivamente um aumento de poder ou de lucro. O Eurasianismo é dirigido para a Ásia Central e para o Extremo-Oriente e contra a hegemonia britânica. Geopoliticamente falando, referimo-nos claro está à velha ambição russa de retirar a Índia aos britânicos e estabelecer o seu controlo

⁸⁰ Grigorev, 1840, *apud* Hauner, 1990, p. 42.

⁸¹ Balasoglo, 1847, *apud* Bassin, 1994, p. 120.

sobre o comércio oriental. Retirando essa hegemonia ao Império Britânico, a Rússia conseguiria não só garantir o respeito e admiração que tanto buscava nos seus pares europeus, mas também deitar mãos a uma verdadeira mina de ouro que Londres vinha explorando há muito. Coincidência ou não, na mesma altura começam as grandes expansões russas em direcção à Ásia Central e ao Pacífico, tendo o aparecimento do Transiberiano sido a ponta do icebergue desta estratégia oriental da Rússia.⁸²

A China torna-se um gigante populacional representante de um nível de mercado bastante apetecível para as potências europeias deixarem de parte, ao qual acresce também o medo no que toca à Rússia de uma migração em massa das populações chinesas para os territórios pouco habitados na Sibéria Oriental. Assim a Rússia, tal como a Grã-Bretanha havia feito nas Guerras do Ópio, envolve-se numa série de conflitos com os chineses de forma a garantir a posse de territórios do Leste da China junto à Manchúria e junto ao Rio Amur, este último de grande importância estratégica para o *Land Power* russo, na medida em que se constituía como a única entrada de fácil acesso do Pacífico em direcção ao interior da Sibéria. Seja pela vingança, pelo medo do perigo amarelo, pelo messianismo eslavo e ortodoxo ou pela procura e domínio de novos mercados, o Eurasianismo do final do séc. XIX é tão e somente a expressão mais visível da Geopolítica Continental da Rússia.

⁸² “The most effective ‘non-destructive weapon’ Russia can use to force industrial Britain to relinquish her rule over the peasant India, Fyodorov suggests, is the extension of a railroad to the gates of India” (Hauner, 1990, p. 53)

4. A Génese do Povo Russo

Os russos constituem-se como um povo distinto, com características próprias que justificam em larga medida muitas das opções estratégicas tomadas pelos sucessivos líderes. Desde o início da sua formação que a Rússia optou por ir ao encontro de fortes impulsos expansionistas, ora para Oeste ora para Leste. Mas tais sucessos geopolíticos não são um exclusivo da elite governativa do Estado Russo. O próprio povo russo possui elementos pessoais e outros aspectos que serviram de catalisador para o engrandecimento e fortalecimento a nível internacional da sua Nação.

4.1. A População

O factor população é determinante para um estado que aspire alcançar o estatuto de grande potência mundial, e no caso particular da Rússia ele tem assumido um papel de destaque em termos históricos. Um território de proporções continentais como é o russo é difícil de ser amplamente povoado. No entanto, desde os tempos do Império que as políticas expansionistas dos czares tenderam sempre para a aglutinação de diversos povos de línguas, culturas e costumes diferentes. Essa interacção cultural entre os diversos povos que sempre habitaram o território russo conduziu não só a um aumento nos conhecimentos tecnológicos de importância estratégica para o poder de um Estado (como sejam nas áreas militares ou de engenharia) mas também ao próprio crescimento demográfico da população. E embora a quantidade não seja sinónimo de poder, é inegável que o tamanho e a estrutura de uma população são factores decisivos para que um Estado defina a sua posição na hierarquia do poder mundial. Muita população significa muita mão-de-obra não só no âmbito civil mas também no militar, o que por si só garante pelo menos o respeito internacional.⁸³ Basta lembrarmo-nos do temível Exército Vermelho que tinha mais de cinco milhões de efectivos, sendo portanto o maior do mundo durante a Guerra-Fria (hoje situa-se na casa do milhão e meio, sendo suplantado pelo Exército de Libertação Popular chinês, este sim o maior do mundo).

⁸³ “*Manpower is the basis of military power. The size of population determines the size of the armed forces and the quantity and quality of their weapons...Throughout history, decline in population has entailed decline in national power...*” (Strausz-Hupé, 1945, *apud* Sprout & Sprout, 1951, p. 111)

E nesta matéria, a Rússia sempre se impôs aos rivais europeus. Desde a sua formação enquanto Império que o Estado russo é o mais populoso da Europa e essa extensa base demográfica tem dado os seus frutos para o estatuto de grande potência. Foi graças aos seus impressionantes efectivos populacionais que os russos por várias vezes enfrentando inimigos mais poderosos tecnológica e militarmente conseguiram impressionantes vitórias, aumentando a sua reputação de povo resistente e difícil de abater. Napoleão e Hitler foram alguns dos líderes europeus que aprenderam tal lição.⁸⁴ O caso russo parece comprovar a veracidade das palavras de Voltaire: “*God is always on the side of the biggest battalions.*”⁸⁵

Com efeito, a Rússia sempre garantiu o respeito das restantes nações em virtude das vitórias militares que foi tendo contra inimigos mais fortes, mas com muito menos poder em termos populacionais. Um país com 80 milhões de pessoas que ataca um outro com mais do dobro da população ou está demasiado confiante nas suas capacidades bélicas ou tal como Hitler pensou, confia demasiado no factor surpresa para anular essa desvantagem. Mas o caso russo não é a regra. Aliás, basta pensarmos na Alemanha que durante seis anos, sozinha, aguentou o esforço de guerra contra Estados muito mais populosos e com mais efectivos militares. Ou seja, aliada à quantidade da população estão outros factores como sejam o seu nível económico e social, a sua capacidade para fazer frente às adversidades, a resistência aos insucessos e frustrações e todo um rol de substâncias que completam este poder demográfico de uma potência como a Rússia.

A estrutura da população está directamente relacionada com a quantidade. Aqui referimo-nos à população activa (que trabalha ou tem capacidade para tal), à população jovem e às tendências demográficas existentes, ou seja, diferenças entre taxa de natalidade e mortalidade, esperança média de vida, entre outros. A Rússia sempre teve uma população jovem e não careceu de problemas de natalidade. Algo que tem apresentado um revés nas últimas décadas, com a diminuição gradual da taxa de natalidade no país (pelo menos no que se refere, etnicamente falando, aos “russos” porque as populações muçulmanas que habitam

⁸⁴ “*Whatever the shortcomings of the Red Army in June 1941, they were compensated for by the quantitative inferiority of the Wehrmacht. It was vast military manpower, estimated variously as two or three times greater than the German, which enabled the Soviet high command to maintain strong strategic reserves and repeatedly throw fresh troops into battle...No one knew better than the Germans themselves how greatly Russian human reserves exceeded their own...*” (Idem, p. 113)

⁸⁵ Idem.

na actual Federação Russa mantêm altos níveis de natalidade⁸⁶) o aumento dos divórcios e no geral toda uma mudança na estrutura familiar russa,⁸⁷ algo que preocupa os governantes.

4.2. O Patriotismo

Os russos são sentimentais em relação à Mãe-Pátria, como o são em relação à família. Existe uma palavra russa para expressar este sentimento, de difícil tradução, 'rodina'. No dicionário ela significa terra natal; país natal, pátria; país onde se nasceu. Para um russo, 'rodina' significa «oh meu país, pertence-te!», é uma devoção lírica pela pátria, irracional, incondicional, semelhante ao amor de mãe, cuja constância faz esquecer as complicações do dia a dia e os tormentos.⁸⁸

A multinacionalidade do Estado russo sempre foi um problema para os seus governantes. As inúmeras tensões que sempre se verificaram no seio do Império sempre empurraram a Rússia para a desintegração, que acabava sempre por ser combatida com a força militar, a violência e a repressão. Cedo os líderes russos entenderam que não existia nada melhor do que a percepção de um inimigo comum estrangeiro que ameaçasse a Pátria russa. Não é portanto de estranhar pois que os russos, especialmente nos últimos duzentos anos, tenham entrado em inúmeras guerras e outros conflitos, como forma de juntar o povo numa causa comum.

Por outro lado, o homem russo é por natureza extremamente patriótico e o seu sentimento de amor e dedicação à Pátria só encontra comparação com os ideais de Liberdade e Democracia defendidos pelos norte-americanos (também eles muito patriotas). As suas diferenças de opiniões, origens e outras posições são imediatamente postas de lado, quando

⁸⁶ "Actualmente, vivem quase 20 milhões de muçulmanos na Rússia. Dentro de vinte anos, representarão mais de um terço da população total e, por volta do ano 2050, excederão todos os outros grupos étnicos e religiosos juntos." (Popov, 2007, apud, Stuermer, 2009, p. 161)

⁸⁷ Se tivermos em conta que antes da Revolução Bolchevique a população rural russa era de 90% e que hoje a população urbana corresponde a 70% da população total (Rego, 1997), podemos desde logo associar estas migrações de pessoas do campo para a cidade com as mudanças nos hábitos familiares. As mulheres deixaram de se prender às tarefas domésticas e de criação dos filhos e vieram para as cidades trabalhar, não lhes restando nem tempo, nem condições financeiras para manter famílias numerosas. Esta é apesar de tudo, uma tendência geral nos países mais desenvolvidos do Ocidente.

⁸⁸ Rego, 1997, p. 345.

surge um perigo (externo) que ameaça a Mãe-Pátria. Todo este etnocentrismo da alma russa é herança do cristianismo ortodoxo de Bizâncio: a Rússia enquanto Terceira Roma, seria a protectora e única representante divina da verdadeira fé cristã, não sucumbindo às heresias ocidentais (católicas) nem aos infiéis orientais (muçulmanos).

E a verdade é que a História da Europa tem dado razão aos teóricos russos mais nacionalistas, pois por três vezes a Rússia salvou a Europa dos “inimigos comuns”: primeiro foram os mongóis, depois Napoleão e por fim foram os nazis a serem travados na famosa Batalha de Estalinegrado, marcando uma viragem decisiva no rumo da guerra que até então era extremamente favorável aos alemães. Estas foram memórias gloriosas do passado russo que enchem de orgulho o povo e acabam por ofuscar outros momentos mais embaraçosos como a da Guerra da Crimeia, a Guerra com o Japão ou mais recentemente aquele que foi considerado o “Vietname Soviético dos anos 80” – o Afeganistão.

Este carácter nacional imposto à política externa da Rússia reveste-se de uma importância notória para o principal objectivo desta no plano externo, ou seja, o reconhecimento e respeito mundiais pelo Estado russo enquanto grande potência mundial que foi no passado e que aspira a continuar a ser. É esta noção de Moral Nacional, que mais não é do que o grau de determinação com que uma nação apoia a política externa do seu governo na paz ou na guerra, que tem sustentado as sucessivas formas de interacção (com graus de intensidade variados) entre a Rússia e os outros países. O Poder Nacional sempre teve grande força na Rússia:

A disposição para lutar pela defesa dos interesses nacionais, a coragem, a disciplina, a persistência, a paciência, a própria forma de encarar a vida e a capacidade de sacrifício para as acções de defesa variam de nação para nação, sendo que a Rússia obtém uma pontuação elevada neste factor.⁸⁹

Directamente proveniente dos elevados índices de patriotismo dos russos está o seu moral, ou seja, o ânimo, a virilidade espiritual, a crença na vitória e a projecção do seu orgulho directamente para as frentes de batalha, sejam elas militares, diplomáticas ou

⁸⁹ Rego, 1997, p. 301.

puramente sociais. O povo russo sempre manteve altos níveis respeitantes ao moral da nação, o que faz dele um adversário indesejável para qualquer inimigo que seja, independentemente da sua projecção militar.⁹⁰

4.3. O Fatalismo

Existe efectivamente um fatalismo na alma do povo russo, no que respeita à inexistência de medo em morrer. Um oficial do exército alemão que havia combatido os russos descreveu de forma curiosa o homem russo que representa este conformismo típico de um povo continental isolado, sem predisposição para a interacção cultural ou para a aventura e que se limita a (sobre)viver:

*The Russian is matchless when the necessity arises for sacrificing himself and showing the glorious negative energy arising from his long course of training in patience, devotion, and subjection, which alone enable him to attain to this high degree of passive courage. His heart is free from fear of death, and with cold disdain the Russian Soldier meets his fate and goes blindly into action, suppressing absolutely all his human feelings (...) The Russian dies as calmly and as uncomplainingly as he lives. From his birth this feeling of being tired of life is innate in him, and truly his life is joyless, unattractive, and worthless.*⁹¹

Ao longo da História da Rússia, o seu povo raramente viveu momentos de liberdade e auto-realização pessoal e colectiva. O hábito em sofrer, em obedecer às instituições governativas, em aceitar o seu pesado destino e trabalhar na esperança de uma vida melhor é típica do povo russo. Este fatalismo ajudou a criar uma certa imunidade da nação ao sofrimento, tornando-a mais resistente às sucessivas “pancadas” que foi recebendo durante os tempos. No entanto, em determinados momentos e quando a situação atinge o limiar do insustentável, o homem russo não abdica de uma mudança, reforma ou revolução. Foi assim

⁹⁰ “For behind the army lies the nation; and the whole unwieldy mass, army and nation, is much more a mental unit than in any previous war, each dependent on the courage and good-will of the other.” (Hocking, 1918, apud Sprout & Sprout, 1951, p. 136)

⁹¹ Reynolds, 1989, p. 205.

em Agosto de 1991 da mesma maneira que fora em Outubro de 1917. É algo de único esta postura multifacetada da alma russa.⁹² Mais uma vez, recorremos à brilhante análise da Dr.^a Helena Cristina Rego que descreve assim esta ambiguidade no comportamento russo:

*O russo não é só resignado, apático, melancólico e indiferente, ele pode tornar-se, facilmente, colérico, irascível, impetuoso e apaixonado porque, tal como o clima, o seu temperamento é de extremos. O indivíduo, a sociedade e o governo tendem a pensar, a crer, a agir por repentes, numa sucessão de épocas de febre, energia e confiança, com épocas de acalmia e inércia em que o que outrora parecia possível, se torna, depois, impossível.*⁹³

⁹² “Quer salvaguardemos ou não a nossa existência física enquanto Estado, a cultura russa, no sistema de uma dúzia de culturas universais, permanece, quanto a ela, um fenómeno à parte, revestido de um rosto e de uma alma únicos. Não nos fica bem, em jeito de fatalistas, consentir na perda do nosso rosto, abandonar o espírito da nossa longa história. Mesmo que mais facilmente possamos perder aquilo que nos é caro do que adquirir em troca um bem estranho.” (Soljenitsyne, 2000, p. 244)

⁹³ Rego, 1997, p. 355.

5. A Rússia e a Continentalidade: uma união indissolúvel

5.1. A Herança da fortaleza russa

Toda a massa continental de que a Rússia é naturalmente herdeira – Eurásia – e as próprias características naturais desta, reflectem por si só a projecção do seu poder continental. O próprio Mahan, ainda que defensor da supremacia do poder marítimo (como já verificámos no Capítulo I), reconhecia a hegemonia dos russos neste gigantesco espaço transcontinental⁹⁴ que era praticamente intransponível e impossível de ser derrubado ou conquistado, uma vez que os centros de poder estavam longe das zonas costeiras, localizados portanto muito no interior e com grandes capacidades de defesa. Nesta concepção do “perigo russo” idealizada por Mahan, ele acreditava que embora ainda não estivesse ao nível da Grã-Bretanha, Alemanha ou França, a Rússia tenderia a atingir os níveis de industrialização dos seus parceiros europeus e nessa altura estaria pronta para procurar alcançar o seu grande objectivo: fugir ao encravamento continental e consequentemente alcançar uma saída para mares exteriores navegáveis – só assim se poderia tornar numa Superpotência Completa (Marítima e Continental).

Ainda de acordo com Mahan, o primeiro impulso expansionista dos russos seria dirigido para o continente asiático, na medida em que não dispunha de uma capacidade de defesa tão boa como na Europa. Assim que fossem capazes de obter o domínio de importantes portos que não só facilitassem o acesso ao interior do território mas também aos mares exteriores (oceanos), os russos estariam na posse de uma vantagem estratégica enorme, onde o poder continental se projectava no marítimo e vice-versa (Dias, 2005). Ele prossegue dizendo que a única hipótese de fazer frente a esta ameaça eurasiática estava na materialização de uma aliança entre as potências insulares (EUA, Japão e Grã-Bretanha) e as continentais da Europa que se haviam lançado aos mares recentemente (França e Alemanha). Juntos conseguiriam impedir o acesso da Rússia aos mares quentes e navegáveis e assim mantê-la confinada à sua massa continental, que apesar da grande vantagem defensiva que estrategicamente lhe conferia, também a mantinha encurralada.

⁹⁴ Para Mahan, o Império Russo constituía-se como o único detentor do Poder Terrestre/Continental.

Mais tarde surge Mackinder que tal como o seu homólogo norte-americano reconhece grande importância à Eurásia, mais ainda quando a define como o centro gravitacional do poder mundial, ou Heartland. As potencialidades geográficas desta região (descritas no Capítulo I) que sempre fora controlada pelos russos desde o fim da ocupação mongol, ajuda a perceber como a Rússia, através do seu poder continental conseguiu resistir a invasores militarmente mais fortes e superiores (casos da França de Napoleão e da Alemanha de Hitler). Embora persista a dúvida de como seria o desfecho de uma invasão semelhante mas levada a cabo por uma potência marítima.

5.2. *Forças Armadas demasiado ligadas à “terra”*

Tendo em conta as enormes proporções que o território russo atingiu desde muito cedo, os seus governantes não hesitaram um segundo em estabelecer uma política de defesa e vigilância das fronteiras, através de um exército massivo. É portanto fácil de entender que os exércitos de um Estado Continental sejam por natureza mais defensivos (com menor ou maior agressividade), dando grande importância à defesa das suas fronteiras. A Rússia não foi excepção e nunca mediu esforços para garantir a integridade física e às vezes cultural da sua fortaleza defensiva.⁹⁵

E tal como todas as potências continentais, havia um protagonismo excessivo das Forças Armadas, em especial do Exército. Tradicionalmente, o Exército sempre representou as forças e desejos de uma Rússia exclusivamente continental, com valores muito próximos (senão exactos) do conservadorismo, autocracia, militarismo, intolerância à liberdade de expressão, entre outros. Já a Marinha expressa uma visão mais ocidentalista, com vista a uma maior abertura que só é possível através da expansão ou presença russa além mares. O liberalismo, capitalismo, democracia e bem-estar económico e social estão associados a esta Rússia Marítima que os defensores do *Sea Power* sempre advogaram.

A própria “vizinhança” dos russos implica uma postura agressiva em termos militares no que respeita às questões fronteiriças. A existência de inimigos junto às fronteiras da Rússia

⁹⁵ “Throughout its history Russia has maintained fortified frontiers along its many exposed borders against the Mongols, Teutonic Knights, Turks, Swedes, Napoleon, Germans, Japan, and now China and NATO.” (Reynolds, 1989, p. 217)

leva a um constante armamento no interior do seu território, algo que não acontece nos EUA por exemplo.⁹⁶

5.3. *Trauma ofensivo, postura defensiva*

A construção da Rússia seja na fase imperial, soviética ou federal, sempre se fez com base num sentimento antigo que data dos primórdios do nascimento do país – o medo da invasão estrangeira. Contrariamente a outras grandes potências continentais, a experiência geopolítica da Rússia tem sido marcada ao longo do último milénio pelas sucessivas invasões a que foi sujeita, sendo que desde muito cedo, testemunhou o terror das invasões mongóis, que devido à sua extrema violência e crueldade com que derrotavam e castigavam as populações que lhes resistiam, deixaram traumas profundos na mentalidade russa durante os 240 anos de ocupação tártaro-mongol.⁹⁷ A imensidão do seu território implicou desde sempre a existência de inúmeros povos no interior da Rússia, pelo que o mais dominante deles todos – os russos – nunca olhou para as suas fronteiras como um dado fixo, na medida em que para se sentirem seguros, essa fronteira teria necessariamente que ser alterada.⁹⁸

Quando em 1480, Ivan III conseguiu finalmente expulsar os mongóis dos territórios do Principado de Moscovo, alguns poderiam pensar que a paz e prosperidade vinham para ficar, mas o calvário continuou. E até à chegada ao poder da dinastia Romanov, a Rússia teve ainda que enfrentar raides ofensivos vindos de toda a parte: do Sul e Oriente os tártaros e os turcos; do Norte os suecos e do Ocidente os polacos e lituanos. Controlados todos estes, ficaria reservado para os séculos XIX e XX as outras duas grandes invasões a que os russos heroicamente resistiram com algum sucesso⁹⁹: francesa e alemã respectivamente.

⁹⁶ “*Small wonder, then, that the Russian state must remain an armed camp – just as would the United States were it flanked territorially by a hostile NATO instead of Mexico or a billion-soul China instead of Canada.*” (Reynolds, 1989, p. 220)

⁹⁷ Ainda hoje, perdura o respeito da Rússia enquanto estado pelas grandes potências orientais asiáticas, cujos exércitos são vistos pelos russos como os descendentes naturais dos mongóis: China e Japão.

⁹⁸ “*The Russians were more compelled to expansion than the Spanish or Dutch because they had no natural or historically fixed boundaries (...) Since Russian borderlands have always held mixed populations, they have caused a perpetual anxiety and required a special effort to secure them. It was never taken for granted that boundaries should be fixed and the state limited; growth of the realm always seemed normal and elemental.*” (Wesson, 1974, p. 5)

⁹⁹ Se é que podemos definir invasões que causaram mais de 20 milhões de mortos em poucos anos de duração como algo passível de ser adjectivada de bem-sucedida.

Com efeito, é possível identificarmos desde logo duas características essenciais que as sucessivas invasões e guerras que a Rússia se viu envolvida causaram na sua estratégia de formação e construção estatal. O carácter defensivo da sua geopolítica é uma delas. Já o Almirante Mahan, perante as sucessivas críticas que lhe eram conferidas por não atribuir à Rússia um papel de grande potência tal como ele a definira para os EUA, Grã-Bretanha, França ou Alemanha, destacava em meados do séc. XIX a postura defensiva na mentalidade militar do país, algo que o distinguia dos países citados anteriormente e que o colocava num patamar inferior, com um nível de ameaça ou competitividade mais reduzido.¹⁰⁰ É com base nesta premissa defensiva da sua geopolítica que a Rússia se constrói de uma forma também muito *suis generis*, nomeadamente no que se refere ao período de reconquista que precede o fim do domínio mongol. Poderíamos até compará-la (a reconquista) com a sua congénere cristã na Península Ibérica. Contudo existe uma grande diferença entre ambas. Se é verdade que os povos ibéricos procuraram apenas reconquistar o território que já era seu antes da chegada dos mouros, também não se pode negar que os russos, antes da chegada dos mongóis não tinham propriamente um território definido, excepto o pequeno Principado de Moscovo, para onde haviam ocorrido grande parte dos eslavos orientais do *Rus' Kiev*. O medo que o terror mongol regressasse conduziu os russos a operar uma reconquista de carácter expansivo que os levaria a dominar uma massa territorial imensa, cujo pico máximo seria atingido no séc. XIX em direcção ao Pacífico. A propósito disto mesmo, o escritor russo Alexandre Soljenitsyne escreveu o seguinte:

*Século após século, as incursões continuaram: as dos Tártaros da Crimeia em direcção a Moscovo, depois as dos Chechenos, incessantes, que desciam através das planícies; outros ainda partiam de Kokand, de Bucará, de Khiva; uma grande parte da expansão da Rússia deve ser atribuída às guerras defensivas e não ofensivas.*¹⁰¹

A própria Cortina de Ferro que os soviéticos lançaram sobre a Europa de Leste não era mais do que uma extensão para o Ocidente da barreira defensiva da Rússia, que assim queria

¹⁰⁰ “Militarily, Russia as a nation is not surprising. She as an apathetic bias towards defensive and therefore utilized her navy in the imperial tsarist period as a Fortress Fleet (...) a dominant conception in Russian military and naval thought (...) [By] virtue of her territorial bulk and vast population, she has, so to say, let the enemy hammer at her, sure of survival [by] virtue of mass.” (Mahan, *apud* Reynolds, 1989, p. 198)

¹⁰¹ Soljenitsyne, 2000, p. 137.

prevenir a possibilidade de uma futura invasão, podendo derrotar o invasor em território que não era seu. Talvez a postura defensiva mais agressiva da Rússia tenha surgido durante a instalação de mísseis balísticos à porta dos EUA que levaram à famosa Crise dos Mísseis de Cuba. Ninguém (excepto os norte-americanos) acreditava que o objectivo da URSS fosse lançar um ataque em solo norte-americano. O que os soviéticos pretendiam era estender a sua fortaleza defensiva para Ocidente e assim encostar os EUA à parede e impedir que estes pensassem sequer em utilizar a Europa Ocidental como rampa de lançamento de um ataque à URSS. Mas também aqui, a experiência de um *Land Power* em território controlado por um *Sea Power* não correu bem aos primeiros.

A segunda característica deriva da primeira. O domínio do medo do invasor trouxe um isolacionismo político, social e cultural (económico nem tanto) que se abateu sobre a Rússia durante centenas de anos (interrompido apenas durante os reinados de Pedro I e Catarina II) até finais do séc. XIX. A ligação com o Ocidente foi praticamente nula, preferindo a Rússia fechar-se em si mesma e assim evitar o regresso ao passado. Mas isto também fez com que o país fosse ficando cada vez mais afastado dos progressos que se faziam sentir na Europa Ocidental, a nível social, económico, político e tecnológico. Tudo isto resultou num atraso nos níveis de desenvolvimento da Rússia face ao Ocidente e consequentemente ao aumento das hostilidades entre ambos. A propósito disto, o historiador Robert W. Daly escreveu um dia:

*Russia was amputated from Europe of Middle Ages and Renaissance, and the humanizing bases of justice and democracy common to the West are therefore missing in the development of Russia, which, to the contrary, acquired a tradition of absolute rule.*¹⁰²

5.4. O Modelo da Expansão Russa

Toda a expansão russa em direcção ao Oriente e ao Sul é descrita como o desejo implacável de chegar aos mares quentes e grandes oceanos. Mais do que uma tentativa de se tornar numa potência continental que já o era, a expansão russa para Oriente em direcção ao Pacífico no séc. XIX visava acima de tudo alcançar o estatuto de potência marítima. Os russos

¹⁰² Daly, *apud* Reynolds, 1989, p. 203.

acreditavam que tal como os EUA, só conquistando toda a faixa continental asiática e assim chegar ao Pacífico e por lá se estabelecer, lhes permitiria alcançar o estatuto de potência marítima. As construções de Port Arthur na China e de Vladivostok no seu território do Extremo Oriente eram apenas a ponta do icebergue daquilo que deveria ser o *Sea Power* russo. Mas contrariamente à expansão continental russa, a marítima deixou muito a desejar. A exemplo disso regista-se a venda da única posse ultramarina que a Rússia alguma vez teve aos EUA em 1867 – o Alasca.

Efectivamente, o modelo norte-americano de expansão em direcção ao Pacífico foi recheado de sucesso e seria normal que os russos procurassem fazer o mesmo. Mas um conjunto de diferenças estruturais impediam desde logo que estes pudessem alcançar os mesmos resultados satisfatórios que os seus rivais americanos. Em primeiro lugar, os EUA, contrariamente à Rússia partiram em direcção ao Pacífico provenientes de uma extensa base marítima que se estendia na Costa Leste junto ao Atlântico e cujas infra-estruturas e conhecimentos adquiridos já lhes haviam ali mesmo permitido rivalizar com os britânicos. Os norte-americanos possuem já as bases necessárias para o *Sea Power* quando se lançam na conquista do restante do continente: uma sociedade liberal, um regime democrático e um modelo económico capitalista dependente do volume de comércio marítimo (Reynolds, 1989). A Rússia representava exactamente o contrário: uma sociedade conservadora, um regime autocrático e um modelo económico muito fechado e proteccionista, praticamente dependente do sector agrário – todas características de um Estado Continental. Assim a expansão russa rumo ao Pacífico acabou por ser infrutífera.

No entanto, podemos encontrar uma semelhança entre os modelos de expansão de ambas as potências: tal como os norte-americanos, os russos, embora cientes do poderio que tinham em suas mãos, nunca se atreveram a enfrentar um inimigo mais poderoso. Nas duas “guerras ofensivas”, chamemos-lhe assim, que a Rússia combateu, foi efectivamente derrotada. Mas tanto no caso da Crimeia como no caso do Japão, os russos foram apanhados de surpresa pela entrada em cena da Grã-Bretanha e da França no primeiro caso e pelas capacidades inesperadas dos japoneses (ainda que auxiliados também eles pelos britânicos) no

segundo. A verdade é que a Rússia é provavelmente o país do mundo com mais sucesso nas guerras defensivas, facto que nunca conseguiu transpor para a parte ofensiva.¹⁰³

Em última análise, o que distingue no essencial a expansão continental russa e as restantes marítimas dos países ocidentais está no fundamento de ambas: se os russos procuravam prestígio, glória, difusão ou defesa da ortodoxia, as potências marítimas ocidentais expandiram-se única e exclusivamente na base do lucro económico.¹⁰⁴

¹⁰³ *“But never in modern times have the Russians attacked a major power; always expanding into areas of weakness, they have halted on encountering strong opposition. They have fought much better on the defensive than on the offensive (...) Always claiming to be defending themselves, they fairly well convinced historians that their empire was acquired as a result of self-defense or security.”* (Wesson, 1974, p. 8)

¹⁰⁴ *“The Western nations mostly proceeded from rather straightforward commercial motives. Russian expansion had an economic purpose in some cases, as in the quest for furs (mostly under official aegis); but the interests of the feeble mercantile classes were secondary. The aggrandizement of noncommercial Russia was usually undertaken for the greater power and glory of the state.”* (Idem, p. 10)

CAPÍTULO III

*A fuga ao encravamento continental expressa no
desenvolvimento da Geopolítica Marítima da
Rússia*

1. Nascimento, auge e decadência da Marinha Imperial Russa

A Marinha Imperial Russa nasce no ano de 1696, após a derrota no ano anterior na campanha do Mar Azov face aos otomanos. Pedro I, *O Grande*, percebeu que somente uma forte aposta na capacidade bélica naval conseguiria transformar a Rússia de uma potência regional terrestre numa potência global marítima, tornando-se poderosa não só a nível militar mas igualmente em termos económicos. Durante a sua juventude, Pedro I viajou pela Europa ocidental, passando quase incógnito (visto que ainda não se tornara czar) e aprendendo as mais modernas e sofisticadas técnicas da altura no que toca à construção naval, sobretudo nas grandes potências marítimas de então: a Grã-Bretanha e a Holanda. Regressado ao seu país, Pedro I assume o trono e começa desde logo a desenvolver esforços na construção e desenvolvimento não só de uma frota eficaz e temível, mas também de todas as infra-estruturas adjacentes a essa ideia. A construção da fortaleza de Kronstadt, no Golfo da Finlândia é um exemplo de como o desenvolvimento naval potenciou um aumento de população, de comércio e de poder. Foi a partir daqui, que a Marinha Imperial se lançou no seu primeiro grande teste: fazer frente à hegemonia da Marinha Sueca de Carlos XII no Báltico. Em 1725, o trabalho de Pedro I é recompensado e após as campanhas militares de 1719, 1720 e 1721 frente aos adversários escandinavos, a Rússia torna-se na maior potência marítima no Báltico suplantando a Suécia.

Após o sucesso da Marinha Imperial no Báltico, acrescentado com a construção da “janela para o ocidente” petrina – São Petersburgo (que se tornara capital do Império Russo) – o czar vira-se para o Sul, procurando frente aos inimigos muçulmanos (otomanos) garantir o mesmo desfecho que obteve no Norte. Mas o resultado foi inverso. De forma a travar a expansão otomana no Cáucaso, Pedro I instiga uma série de revoltas em regiões persas junto ao Mar Cáspio. As suas campanhas neste mar acabaram por ser brutalmente esmagadas pela Marinha Otomana em 1724 (um ano antes da morte do czar), beneficiando esta última da falta de preparação da Marinha Imperial Russa e da diferença entre a quantidade e qualidade da Frota Russa face aos inimigos otomanos. Seria somente no reinado de Catarina II, *A Grande*, que o Império Russo construiria a sua famosa Frota do Mar Negro, logo após a conquista da Crimeia aos otomanos, atribuindo à base naval de Sebastopol a mesma importância que tinha no Norte a cidade de Kronstadt.

Pedro I é efectivamente o “Pai da Marinha Russa”, mas a bem da verdade, após a sua morte e durante as décadas seguintes, o poder marítimo da Rússia mantinha-se no geral fraco, quando comparado com o dos seus rivais ocidentais. Uma explicação para esse facto poderá estar na própria génese desse Poder, que contraria logo à nascença as concepções mais tarde formuladas por Mahan.¹⁰⁵ A bem da verdade, é preciso reconhecer que a geografia não foi de modo algum simpática para com a Rússia. A grande extensão do seu território continental, a existência de inimigos poderosos junto às suas fronteiras que muitas vezes se lançavam em gigantescas invasões (via terrestre) deixando marcas terríveis,¹⁰⁶ a falta de coordenação e de organização de uma Marinha Imperial que historicamente sempre manteve uma aversão à unidade naval que caracterizava os poderes marítimos ocidentais,¹⁰⁷ a existência de teatros de acção muito deslocados uns dos outros (em virtude da própria extensão territorial da Rússia) e o diferente papel que os sucessivos governantes atribuíam ao Poder Marítimo são alguns dos exemplos que ajudam a explicar o falhanço dos objectivos navais de Pedro I, que ficariam expressos em meados do Séc. XIX durante a desastrosa Guerra da Crimeia.

De facto, o marasmo em que havia caído a Marinha Imperial Russa após os reinados dos czares Pedro I e Catarina II, conheceu um revés com a Guerra da Crimeia (1853-1856), durante a qual se dá uma transformação na mentalidade dos russos perante a sua capacidade naval. As vitórias iniciais da Frota do Mar Negro diante o inimigo Otomano trouxeram entusiasmo às populações civis tornando a Marinha Russa admirada e muito popular. Porém, a intervenção franco-britânica¹⁰⁸ neste conflito demonstrou mais uma vez as fraquezas do poder naval da Rússia. O atraso industrial do Império dos Czares face ao Ocidente era também visível na qualidade da sua Marinha. Os navios de guerra da coligação franco-britânica não precisavam de ser mais numerosos (como efectivamente não eram) visto que a sua grande vantagem estava na capacidade do seu poder de fogo e da resistência do material

¹⁰⁵ “*In contravention of Mahan’s concept of sea power evolving out of a nation’s civilian maritime calling, Russian naval power had to be planted and nurtured by an absolutist state directing a continental power, where naval power was the supporting instrument of national power.*” (Kipp, 2009, p. 150).

¹⁰⁶ O trauma russo das invasões mongóis que para além de desgastantes e mortíferas, proliferaram durante alguns séculos, às quais se juntariam mais tarde as de Napoleão ou de Hitler.

¹⁰⁷ A História da Marinha Imperial Russa é composta pela existência de divisões através de Frotas Locais (Frota do Báltico, Frota do Mar Negro, etc.) ao invés de uma única Marinha.

¹⁰⁸ A Grã-Bretanha e a França, temendo que o Império Russo obtendo controlo do Mar Negro caísse sobre Constantinopla e assim controlasse os estreitos e garantisse livre acesso ao Mediterrâneo, não hesitaram em auxiliar o Império Otomano e fixaram um objectivo claro que acabaria por ser conseguido: a destruição total da Frota do Mar Negro e da capacidade bélica marítima da Rússia neste mar.

com que foram construídos. O atraso tecnológico da Marinha Imperial foi determinante para o fracasso da Crimeia. Com a inegável incapacidade de lutar no mar, a Frota do Mar Negro foi destruída ou até mesmo abandonada pelos seus tripulantes e todas as defesas da Rússia centraram-se nos teatros terrestres, nomeadamente na manutenção da fortaleza de Sebastopol, que acabaria por ser praticamente deitada abaixo.

Para além de uma Marinha obsoleta, os russos falharam ainda mais no que toca ao próprio corpo naval. Os marinheiros estavam mal tratados, mal pagos, subnutridos e pouco valorizados. Não seria portanto de estranhar que o desempenho no combate também não fosse o mais motivador. A autocracia imperial estabeleceu os seus tentáculos também a nível naval.¹⁰⁹ O Tratado de Paris de 1856 apresenta-se como a machadada final nas aspirações marítimas da Rússia: embora mantivesse a soberania sobre a Crimeia, a Rússia foi forçada a uma desmilitarização das Ilhas Aland no Báltico e do Mar Negro, a juntar ainda à aniquilação da sua Frota neste mar e à destruição da fortaleza de Sebastopol. Seria após a Guerra da Crimeia que com o czar Alexandre II, a Rússia empregaria uma política de reformas alargada, onde se incluía a Marinha, por forma a renascer das cinzas e procurar novamente obter protagonismo no campo marítimo. Foram inúmeros os desenvolvimentos da Marinha Imperial, principalmente no que respeita aos Navios a Vapor.

Development of Russia's Steam-Screw Navy		
Type	1856	1860
<i>Ships-of-the-line</i>	1	9
<i>Frigates</i>	1	7
<i>Corvettes</i>	-	19
<i>Clippers</i>	-	7
<i>Schooners</i>	1	24
<i>Gunboats</i>	40	75
<i>Transports</i>	-	8
<i>Barks</i>	-	2
<i>Side-wheel Frigates</i>	10	10
<i>Side-wheelers</i>	43	47
<i>Yachts</i>	-	2
Total	96	210

Tabela 1 - Desenvolvimento da Marinha a Vapor na Rússia entre 1856 e 1860 (fonte: KIPP, 2009, p. 158)

¹⁰⁹ "On the basis of information provided by the staff-doctor of the Naval Ministry, the report listed 23,547 deaths in the Baltic Fleet and 11,529 for the Black Sea Fleet for the decade (1842-1851) (...) In Russian military service, in which enlisted personnel were treated as uniformed serfs and uncompensated labor, such concepts meant a fundamentally different way of regarding servicemen." (Kipp, 2009, p. 154).

Esta segunda grande transformação na cultura naval russa já pouco ou nada tem a ver com a concepção petrina na qual o grande papel da Marinha se resumia a servir de apoio às ofensivas do exército junto às áreas litorais do Báltico. O grande objectivo agora passava por criar uma Marinha moderna e numerosa que em termos pró-activos seja capaz de enfrentar as potências marítimas, em caso de invasão, onde elas são mais fortes – no mar – e preventivamente consiga impedir que tais invasões do já referenciado *Sea Power* cheguem sequer a ser pensadas, colocando uma Marinha forte ao serviço da diplomacia.¹¹⁰ O plano deveria seguir uma lógica de compra de navios e outras embarcações no estrangeiro (EUA, França e Grã-Bretanha) de modo a adquirir o *know-how* necessário para que posteriormente toda a frota comercial e de guerra fosse produzida em solo russo.

Uma série de estudos levados a cabo pelo Almirante Konstantin Nikolaevich (filho de Nicolau I e irmão de Alexandre II), criam as bases necessárias para uma estratégia naval mais clarificada e sustentável. O seu principal objectivo passava por tornar a Marinha numa força de elite. A construção de estaleiros navais e de todas as infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento da Marinha contrariaram a política económica centralizadora do Estado e assistiu-se a uma parceria entre entidades privadas e estatais. A reforma prosseguiu nas chefias militares: os velhos burocratas da Marinha foram sujeitos a purgas ao estilo estalinista do século seguinte com vista a mudar as mentalidades ultrapassadas e ao mesmo tempo impedir qualquer tipo de recusa das novas ordens e da nova estratégia naval. Descentralizou-se o poder na Marinha e cargos de alta responsabilidade foram atribuídos a oficiais mais jovens e da órbita da elite czarista de São Petersburgo. Talvez a maior reforma e mais importante tenha sido a que foi empregue junto dos marinheiros, nomeadamente a substituição do serviço obrigatório gratuito pela atribuição de salários. O fim dos chamados “servos dos almirantes” foi o primeiro passo para o enterro da servidão na Rússia.¹¹¹ Para além disso, todos os marinheiros passaram a obter instrução técnica e teórica nas mais diversas áreas de actuação dentro de um navio (navegação, artilharia, infantaria, manutenção, etc.) ao mesmo tempo que se promoveu um programa de estudos no qual aos Domingos, os

¹¹⁰ “As Konstantin Nikolaevich wrote, Russia needed naval forces that «can inspire in great powers such respect that will force them to seek either an alliance with Russia or her neutrality in their wars among themselves, and which will force [them] to undertake greater preparations and undergo greater costs in a struggle with Russia».” (Kipp, 2009, p. 159)

¹¹¹ “Ultimately the civilians associated with naval serfs – and became active proponents of the abolition of serfdom. The naval reforms became the basis of much more systemic reforms reshaping Russian society and institutions over the next three decades.” (*Idem*, p. 162)

oficiais mais novos ensinavam os marinheiros a ler e a escrever de modo a terminar de vez com o analfabetismo a bordo.

A própria Rússia “extra-Marinha” acaba por beneficiar desse esforço: são construídas novas linhas de caminhos-de-ferro com o objectivo de aproximar as zonas costeiras (principalmente os portos e as bases navais) do centro do Império, atraindo mais população através do emprego. Outra grande vantagem das ligações ferroviárias ao litoral está no facto de na iminência de um ataque anfíbio por parte do inimigo, os russos conseguirem responder com relativa rapidez utilizando as suas forças militares terrestres mais numerosas, com uma base de apoio segura na retaguarda que lhe permitiria impedir a incursão inimiga pelo interior do seu território continental.

No entanto e pese embora o grande esforço de modernização e desenvolvimento da Marinha Imperial, a Rússia cometeu um erro primário típico de potências continentais que aspiram a tornar-se igualmente poderosas nos mares, isto é, a manutenção de um poder marítimo só é possível perante a existência de infra-estruturas sólidas e de bases territoriais desenvolvidas capazes de sustentar, alimentar e reabastecer esse poder. Esta foi condição *sine qua non* para que a Grã-Bretanha fosse durante mais de duzentos anos a rainha dos mares, visto que controlava portos e cidades estratégicas um pouco por todo o mundo. Os russos, sedentos de um espírito expansionista em direcção ao Oriente, embarcaram numa guerra com os japoneses (1904-1905) para a qual não estavam preparados e pagaram uma factura demasiado elevada. A inexistência de bases em terra ou o seu isolamento dos recursos provenientes do poder continental, a juntar à falta de aliados e de experiência no teatro de guerra do Pacífico foram decisivos para a humilhante derrota que a Marinha e o Exército russos sofreram às mãos do rival nipónico. Embora a Marinha Japonesa fosse efectivamente inferior em número à sua rival russa, estava muito mais preparada do que esta última, não só em termos de teatro de operações mas também de tempo de treino e qualidade do seu *staff* naval.¹¹²

¹¹² “Os navios russos passavam pouco tempo no mar e dedicavam poucas munições ao treino das peças de bordo. Reflexo de um espírito burocrático e uniformizador, a frota do Mar Negro passava, em terra, os mesmos seis meses que a Frota do Báltico passava, devido ao congelamento do Golfo da Finlândia, embora o Mar Negro não congelasse. Por seu lado a Marinha Japonesa, debaixo de instrução britânica, passava muito mais tempo no mar e treinava com mais intensidade. Os marinheiros japoneses tinham nascido na costa ou perto dela e muitos eram pescadores, inclusive de baleias e até mesmo piratas. Por outro lado, os marinheiros russos nunca tinham visto o mar até ao dia que ingressavam nas fileiras.” (Freire, 2009)

A última aparição da Marinha Imperial ficou reservada para a I Guerra Mundial. No entanto, a sua actuação foi tão diminuta que se pode mesmo dizer que não passou disso mesmo: uma aparição. O que havia sobrado do descalabro naval no Pacífico frente aos Japoneses ficou concentrado na defesa do Báltico, ainda que quase infrutífera visto que os recentes submarinos alemães e respectiva marinha de superfície trataram de encostar os russos à sua fronteira Noroeste, estando praticamente presos em Kronstadt. Com efeito, a chegada ao poder dos Bolcheviques, fez com que uma das suas principais bandeiras fosse prontamente posta em prática – retirar a Rússia da Guerra. Mas o Tratado de Brest-Litovsk assinado com os alemães em Março de 1918 tornara o Báltico num “mar germânico”, obrigando os russos a sair da Finlândia (que garantira a sua independência tal como as repúblicas bálticas) e a colocar todas as suas forças navais em Kronstadt. Somente após a consolidação da Revolução Bolchevique e vitória destes frente aos “Branco” na Guerra Civil é que a então Marinha Soviética renasceria para ocupar novamente uma posição de destaque na cena mundial, numa dimensão nunca antes atingida.

2. A Marinha Soviética enquanto arma para atingir o *Sea Power*: mudanças no paradigma naval

A desfavorável posição geoestratégica quer da Rússia Imperial quer da Rússia Soviética saída da Revolução Bolchevique e da Guerra Civil foi uma das principais razões pela qual a Marinha Russa do início do séc. XX não conseguiu atingir os seus objectivos de supremacia nos mares, acabando por acentuar o declínio dos finais do século anterior. A URSS nascida em 1922 constituía-se como uma massa continental de proporções gigantescas, com uma extensão de mais de 14 000 km, englobando 11 fusos horários distintos que se estendiam por dois continentes (Europa e Ásia). A estrutura da Marinha para além de débil e obsoleta mantinha-se fragmentada em quatro divisões principais que correspondiam às respectivas zonas de actuação: a Frota do Norte (Ártico), a Frota do Báltico, a Frota do Mar Negro e a Frota do Pacífico (possuindo ainda uma flotilha de guerra no Mar Cáspio). Para tornar a situação ainda pior, à excepção do Ártico onde a URSS tinha liberdade e quase exclusividade de acção (embora as condições climatéricas não fossem favoráveis a uma boa navegação), todas as outras zonas marítimas de actuação eram muitas vezes vetadas pela existência de portos ou bases estratégicas pertencentes a potências hostis que dificultavam ao máximo a livre navegação da Marinha Soviética.

Assim sendo, era perfeitamente compreensível que em caso de necessidade ou de conflito, embora possuíssem meios capazes de responder eficazmente, os russos em virtude das suas frotas estarem em locais diferentes e muitas vezes longínquos uns dos outros, viam-se impossibilitados de auxiliarem uma ou outra. Mesmo no Báltico onde a Rússia sempre fora dominante, após a I Guerra Mundial e conseqüente independência das Repúblicas Bálticas e o alargamento da Polónia para Leste, a Marinha Soviética estava praticamente confinada à então Leninegrado (actual São Petersburgo) e uma parte do Golfo da Finlândia. Esta situação iria manter-se até 1940, altura em que a URSS invade essas repúblicas e ocupa a parte oriental da Polónia. Após o fim da II Guerra Mundial, o reforço do poder marítimo no Báltico é visível com a influência comunista na chamada Cortina de Ferro que colocou toda a Europa de Leste sob o domínio de Moscovo, dando liberdade para actuar no Báltico e também no Mar Negro.

A Revolução Bolchevique constituiu-se como uma mudança profunda não só na sociedade e no modelo económico e político da Rússia, mas também nas Forças Armadas. O Exército e Marinhas Imperiais foram formalmente extintos e deram lugar ao Exército Vermelho. Nos primeiros tempos, um role de questões levaram a que a Marinha em particular fosse posta de parte. O tempo da Guerra Civil (1918-1920) foi caracterizado por inúmeras batalhas entre Brancos e Vermelhos, mas onde a Marinha em particular pouco ou nada interveio, sendo combates realizados sobretudo em terra, cidade a cidade. Com a vitória dos Bolcheviques, muitos dos antigos oficiais czaristas juntaram-se ao Exército Vermelho, imbuídos de um forte espírito revolucionário e com aspirações profundas não só a nível militar mas também social e político. Mas desde logo o regime de Lenine fez questão de arrefecer os ânimos, gerando um grande descontentamento no meio dos marinheiros, levando a motins e revoltas como a de Kronstadt em 1921 que foi violentamente reprimida. Daqui em diante, as chefias comunistas do Kremlin deixaram de confiar nos oficiais navais (até mesmo pelo seu passado czarista) e empregaram uma política de apoio a jovens comunistas que quisessem aderir à Marinha.

Mas ainda assim, preocupando-se mais em estabelecer o seu poder internamente e colocar em prática os ideais comunistas, Lenine e as altas chefias do PCUS não tiveram outra opção senão colocar a Marinha de parte durante os primeiros anos da década de 20. A juntar à constante suspeita sobre as chefias navais, ainda se sobrepunha a difícil situação económica da URSS, que tinha travado duas guerras num espaço de oito anos. A grande atenção foi dada à Frota do Báltico, sendo que as restantes três foram praticamente deixadas ao abandono. Os primórdios do regime comunista na Rússia foram caracterizados não por refazer a Marinha, mas mais por uma limpeza da velha ordem czarista em substituição do Comunismo aplicado sobretudo numa primeira fase, a nível social e económico.

Após a consolidação do regime e subida ao poder de Estaline, começa então a reformulação da Marinha Soviética. Os Planos Quinquenais foram violentamente implementados com o objectivo de recuperar o atraso económico e industrial da URSS face aos “inimigos burgueses” do Ocidente. O 1º Plano Quinquenal (1928-1932) estabeleceu que os navios inacabados do tempo do Czarismo teriam que ser terminados, bem como a modernização e reparação de um navio de guerra, alguns cruzadores e contratorpedeiros. O orçamento disponível não permitia a construção de novos veículos para a Marinha durante este período. Outra das curiosidades é que embora dedicassem alguns dos seus discursos mais

inflamados ao inimigo fascista, foi precisamente a ele que a Marinha Soviética recorreu nos primeiros tempos. São inúmeros os casos de contratação ou partilha de conhecimentos entre engenheiros e funcionários navais da Alemanha e da Itália, como forma de dotar os russos do conhecimento necessário respeitante às novas técnicas de construção e de actuação de submarinos, torpedos, minas, contratorpedeiros, cruzadores e navios de guerra.

Em termos da melhor estratégia a adoptar para a Marinha, desde cedo que surgiram dois grupos opostos. De um lado estava a chamada “Velha Guarda” ou *Old School* da Marinha (Vego, 2009), constituída por comandantes navais que haviam prestado serviço nos tempos do Czar e por outros que advogavam o princípio do controlo dos mares de Mahan, o qual deveria ser feito através de uma Marinha composta maioritariamente por navios de guerra de dimensões elevadas que pudessem pelo menos controlar as costas litorais da URSS face a uma grande potência marítima. Em termos práticos, a Velha Guarda defendia que a Marinha tinha um papel decisivo na supremacia internacional da URSS e que esse poder só seria possível se conseguisse alcançar o tão ambicionado *Sea Power*, rivalizando e se possível derrotando as outras potências nos mares. Porém, a construção de tamanhas embarcações acarretava custos insustentáveis para uma débil economia soviética, pelo que estes ideais mahanistas foram desde logo rejeitados, chegando mesmo as altas chefias do PCUS a apelidarem-nas de capitalistas e burguesas.

A rejeição deste modelo estratégico levou ao surgimento da chamada Nova Escola dos Proletários ou *Young School* (Vego, 2009) que de uma maneira geral apregoava que a doutrina da Marinha deveria submeter-se aos princípios comunistas do Estado. Desta forma, a Marinha deveria desempenhar um papel de auxílio ao Exército, este sim detentor do protagonismo. Esta Nova Escola da Marinha acreditava que as batalhas navais da era moderna eram decididas pelos submarinos, pela aviação e pelos porta-aviões que assim haviam tornado os grandes navios de guerra com alto poder de fogo em peças obsoletas e sobretudo demasiado caras face às restantes.¹¹³ Seriam precisamente estes novos teóricos navais que sairiam vencedores desta disputa ideológica.

¹¹³ “The Young School’s ideas were based on a mixture of Marxist-Leninist teachings on dialectic materialism and the principles of ‘partisan’ (guerrilla) warfare at sea. In their view, decisive battles like those of Tsushima in 1904 and Jutland in 1916 were things of the past. They advocated building a fleet composed of submarines and small surface ships. Such a fleet would be cheaper to build and maintain.” (Vego, 2009, p. 207)

Porém, na segunda metade da década de 30, deu-se uma reviravolta na estratégia naval soviética. A corrida ao armamento das potências hostis à URSS e a Guerra Civil Espanhola (onde o auxílio naval dos russos foi claramente suplantado pelas marinhas alemã e italiana) mostraram tacitamente a debilidade da Marinha Soviética. O próprio Pacto Anti-Komintern assinado pela Alemanha nazi, Itália fascista e o Império do Japão deixava a URSS numa situação perigosa, numa altura em que se adivinhava já um novo conflito mundial. Assim sendo, Estaline estabeleceu a sua vontade de domínio além-fronteiras empregando uma política de construção de navios de guerra que pudesse fazer frente aos inimigos. As despesas para com a Marinha Soviética aumentaram de 7,5 biliões de rublos em 1936 para 18,5 biliões, correspondendo a cerca de 5% do total do orçamento estatal - 153,1 biliões de rublos. O plano de desenvolvimento naval impunha que a Marinha possuísse no mínimo 15 navios de guerra, 22 cruzadores de elevada dimensão e 31 de dimensão mais pequena, 162 contratorpedeiros, 412 submarinos e muitas outras embarcações mais pequenas (Vego, 2009). A juntar ao aumento da verba, também foi aplicado um novo estatuto à Marinha que deixou de estar na dependência directa do Exército, estabelecendo-se como um braço autónomo das Forças Armadas. A homogeneidade foi posta de parte, sendo cada uma das quatro frotas principais da Marinha independentes umas das outras. O objectivo passava por controlar as respectivas zonas de actuação na sua plenitude e garantir a segurança do território continental.¹¹⁴

Durante a II Guerra Mundial, o papel da Marinha Soviética para o desfecho final do conflito foi muito reduzido. A URSS combateu no Báltico, no Mar Negro, no Cáspio e no Pacífico, mas as vitórias foram praticamente nulas. Mesmo no caso do Báltico, onde a Marinha nazi era até inferior à soviética, os russos não se conseguiram impor, muito principalmente devido ao carácter defensivo da sua Marinha em detrimento de uma postura mais ofensiva. A própria confusão acerca de qual a melhor estratégia naval a ser aplicada (entre a Velha Guarda e a Nova Escola da Marinha) e as purgas de Estaline nos anos 30 (que afastaram grande parte dos comandantes navais com mais experiência e conhecimento) e a própria situação económica não foram favoráveis a um grande desempenho da Marinha. A defesa da URSS perante o inimigo nazi fez-se em terra, assumindo o Exército a despesas dessa missão. Em finais de 1944, a poderosa Marinha Soviética estava reduzida a 4 navios de

¹¹⁴ “Adm. P. A. Smirnov, the new and short-lived commander in chief of the Soviet navy, stated in 1938 that the main task of the fleet was to ensure the «impregnability of the sea approaches to our sacred land, to guard the motherland from attempts of attack from the sea by the fascist plunderers, to guarantee the travel of trading vessels under the red flag in any part of the world».” (Vego, 2009, p. 209)

guerra, 9 cruzadores, 53 contratorpedeiros e 175 submarinos. Mais de 118 embarcações foram destruídas pelo inimigo (Vego, 2009).

Após o término da guerra, a URSS conseguiu melhorar bastante a sua posição geoestratégica. As anexações no Báltico e a extensão da sua influência à Europa de Leste alargaram a zona de segurança dos russos, que agora possuíam armamento e efectivos militares fora das suas fronteiras e apontados aos países ocidentais. O inimigo era agora personificado pelos EUA e pela Grã-Bretanha (detentores do poder marítimo) que eram vistos pelos soviéticos como os herdeiros da fome imperialista dos fascistas derrotados em 1945. Mas se em termos de *Land Power* a URSS viu a sua posição reforçada, no que respeitava ao *Sea Power* ainda dispunha de uma situação inferior face às potências marítimas ocidentais. As Conferências de Ialta e de Potsdam nesse ano reforçaram a intenção russa de estender a sua influência além-mares, procurando para isso adquirir controlo de zonas estratégicas no Mar Negro (estreitos da Turquia) e no Mediterrâneo (ex-colónia italiana da Tripolitânia – actual Líbia).

No que respeita à constituição da Marinha, surgem duas grandes orientações estratégicas: o aumento da importância dada aos porta-aviões¹¹⁵ e a introdução de tecnologia nuclear¹¹⁶ (graças aos contributos de cientistas alemães capturados) ao serviço do poder marítimo soviético. Com efeito, durante o período “mais quente” da Guerra-fria (1950-1970), a entrada em cena destes dois factores foi decisiva para uma nova abordagem soviética no que respeita à estratégia naval. A Guerra da Coreia (1950-1953), o ataque franco-britânico na Crise do Suez (1956) e o desembarque dos *Marines* americanos no Líbano (1958) mostraram a real capacidade de ameaça que os porta-aviões representavam, principalmente através do lançamento de armas nucleares capazes de atingir território soviético a partir do Mediterrâneo ou do Mar da Noruega.

¹¹⁵ “The need for the Soviet navy to have aircraft carriers was expressed by a high-ranking naval official writing in the influential journal *Voyennaya mysl* (Military Thought) in 1946. The author stated ‘the conditions of modern war at sea demand the mandatory participation in the combat operations of navies of powerful carriers forces, using them for striking devastating blows against the naval forces of the enemy as well as for the contest within his aviation. Both at sea and near one’s bases these tasks can only be carried out by carrier aviation’.” (Vego, 2009, p. 214)

¹¹⁶ “New electronic sensors and communications equipment were also fitted on board Soviet warships in the early 1950s. The most significant development was the advent of nuclear propulsion for submarines and surface ships.” (Idem, p. 215)

O perigo para a segurança da URSS já não era atribuído à possibilidade de uma invasão via mar ou terra, mas sim à capacidade que os EUA tinham de lançar ataques nucleares ao território russo. Desta forma, é dado um grande incentivo à construção de submarinos de propulsão nuclear capazes de atingir as bases de lançamento de armas nucleares dos americanos no alto mar, nomeadamente os porta-aviões. Os clássicos navios de guerra eram agora vistos como obsoletos perante a ameaça nuclear. Somente os submarinos nucleares garantiam uma resposta eficaz a um ataque inimigo.¹¹⁷ Começou então uma gigantesca política de construção de submarinos de propulsão nuclear dotados de mísseis balísticos – os SSBN.¹¹⁸

Durante as décadas de 60 e 70, o poder marítimo russo atingiu o seu apogeu em termos de poderio e de prestígio. Para isso muito contribuiu o papel do Almirante Sergei Gorshkov enquanto Comandante-em-chefe da Marinha Soviética. Gorshkov era um experiente militar que já tinha comandado a Frota do Mar Negro e contava com uma longa experiência e conhecimento (técnico e teórico). Foi através da sua imensa força de vontade que conseguiu convencer as elites do PCUS que a concepção de uma Marinha preenchida quase que por completo por submarinos era um erro estratégico e a própria Crise dos Mísseis de Cuba (1962) veio dar-lhe razão.¹¹⁹

Mais do que ninguém, Gorshkov entendia o contributo de Mahan para a importância da *Sea Power* e procurou de todas as formas incutir nas chefias soviéticas a necessidade de desenvolver ao máximo a Frota mercantil e militar do seu país. O Almirante soviético aproxima-se claramente do seu homólogo americano quando reconhece que o poder marítimo é fortemente influenciado por três factores essenciais: a geografia, a economia e o tipo de liderança de um Estado. Deste modo, ele define o poder marítimo como “*The ability of a state*

¹¹⁷ “Khrushchev informed the Supreme Soviet that submarine forces had assumed great importance while surface ships could no longer play the part they once had.” (Vego, 2009, p. 217)

¹¹⁸ Corresponde à terminologia americana para “*Nuclear-powered ballistic missile submarine*” na qual o “SS” simboliza os submarinos, o “B” os mísseis balísticos e o “N” de propulsão nuclear.

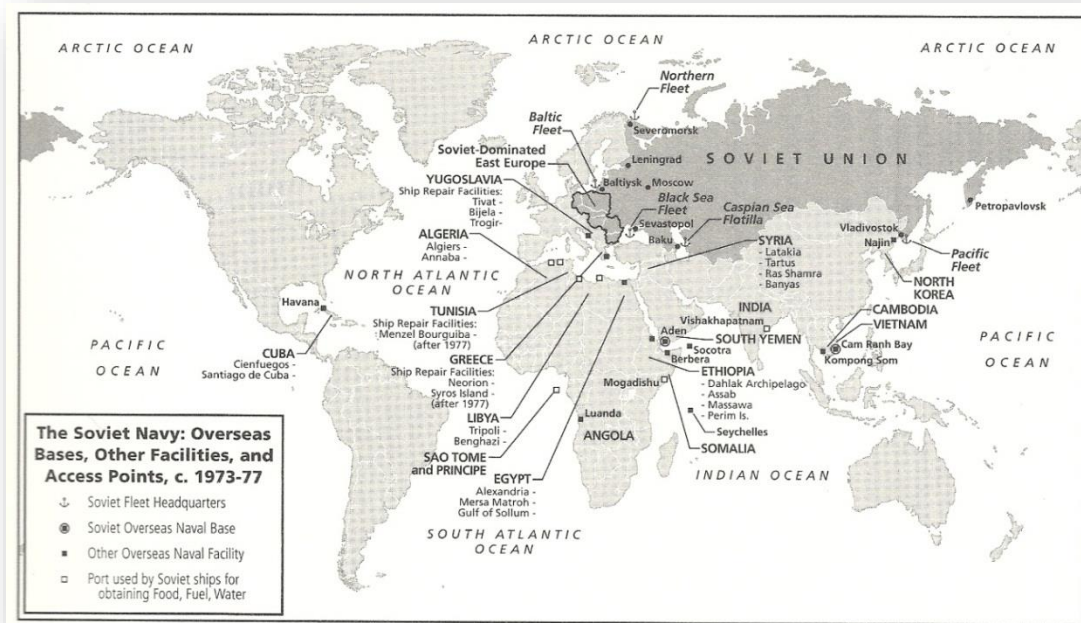
¹¹⁹ A presença de mísseis balísticos nucleares às portas dos EUA não surtiu o efeito dissuasor que fora planeado pelos soviéticos. O “feitiço virou-se contra o feiticeiro” e os americanos deram uma resposta breve e firme de que ou os russos retiravam o seu poder nuclear de Cuba ou um ataque americano seria posto em marcha. A URSS estando claramente em desvantagem no mar não podia contar apenas com os seus submarinos quando os EUA possuíam navios de guerra, contratorpedeiros, cruzadores pesados e todo um rol de veículos navais capazes de anular o perigo dos submarinos soviéticos. A grande lição tirada deste que foi o evento onde uma guerra russo-americana esteve mais perto de acontecer é que a Marinha Soviética estava perigosamente desequilibrada perante a excessiva aposta nos submarinos em detrimento das restantes componentes que tornavam, por exemplo, a Marinha Americana muito mais completa e dominadora.

to study (explore) the oceans and harness its wealth; the merchant and fishing fleet and their ability to meet the needs of the state and a navy matching the interests of the state.”¹²⁰

A grande diferença entre as ideias de Mahan e as de Gorshkov estava não na forma mas sim no conteúdo. O mesmo quer dizer que Gorshkov entendia que uma nação dotada de um poder marítimo global e respeitado teria o caminho lançado para atingir e difundir o socialismo ao invés do capitalismo. Para o russo, as potências marítimas ocidentais tinham como único objectivo espalhar os tentáculos do imperialismo às nações mais pobres, explorando os recursos destes em proveito dos primeiros e assim atingir o domínio do mundo. O mesmo é dizer que toda a teoria do poder marítimo de Gorshkov estava direccionada para o Comunismo, visto que para ele, a expansão do *Sea Power* soviético visava fortalecer a sua economia e assim criar condições necessárias à consolidação de laços de amizade com outros países (principalmente os do terceiro mundo) de modo a que também eles recebessem de braços abertos o Comunismo e o fim da exploração do imperialismo ocidental.

Os esforços de Gorshkov acabaram por ser recompensados e mais do que algum dos seus antecessores, ele conseguiu que as verbas disponibilizadas para o aumento, desenvolvimento e modernização da Marinha fossem as maiores de sempre. O objectivo era criar uma Marinha completa, que funcionasse de maneira harmoniosa e que não fosse exclusivamente dependente dos submarinos nucleares. Ao mesmo tempo e mais uma vez compreendendo os ensinamentos de Mahan, ele promoveu uma política de aproximação aos países nascidos das descolonizações das décadas de 60 e 70, com vista a encontrar pontos importantes que permitissem melhorar a posição geoestratégica da URSS e assim rivalizar com as potências marítimas. Gorshkov tinha plena noção que o futuro e a segurança da “Mãe Pátria” estavam nas zonas marítimas longínquas e afastadas da costa litoral soviética. Por outras palavras, seria no mar que um possível conflito com os americanos teria lugar, rejeitando por completo a hipótese de uma invasão anfíbia ao estilo da Normandia em 1944. A URSS vê assim alargado o seu raio de acção marítima pelo mundo, como podemos verificar no seguinte mapa:

¹²⁰ Gorshkov, *apud* Sakhuja, 2011, p. 11.



Mapa 12 - Bases Navais Soviéticas no exterior e pontos de livre acesso da Marinha Soviética no Mundo entre 1973 e 1977 (fonte: Vego, 2009, p. 200)

O raio de acção da Marinha Soviética foi amplamente alargado e se algumas décadas antes, esta estava confinada ao Báltico, Ártico, Negro e Pacífico, agora podíamos encontrar navios de guerra a partir da Somália no Oceano Índico, contratorpedeiros a serem reparados em Alexandria no Mediterrâneo e cruzadores a reabastecerem em São Tomé e Príncipe no Atlântico. Quanto à tecnologia, os russos sabiam que ainda estavam degraus abaixo dos seus rivais americanos, mas a verdade é que quando era chamada a actuar – caso da Guerra do *Yom Kippur*¹²¹ – a Marinha Soviética apresentava excelentes desempenhos.

No final dos anos 80 a Marinha Soviética entra em declínio e perderia para sempre (ou pelo menos até ao momento presente) o esplendor e robustez que espalhava pelos mares durante as duas décadas anteriores. A *Glasnost* (abertura) e a *Perestroika* (reestruturação) de Gorbachev visavam dar um novo fôlego ao Comunismo, mas na verdade abriram brechas num sistema que se fechou à força da repressão e da acção controladora de um Estado director da sociedade que englobava. Esta abertura fez com que muitas repúblicas soviéticas

¹²¹ Contrariamente à debilidade da Marinha Soviética face à americana durante a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, quando em 1973 se dá o conflito israelo-árabe do *Yom Kippur*, a capacidade dos soviéticos de actuarem em mares externos é muito maior, mostrando claramente que podiam causar sérios danos aos efectivos navais americanos. Além disso, a diplomacia soviética soube jogar muito bem com as diferenças de opinião existentes no seio da NATO. Foi o caso da Turquia que receando um ataque de Israel, permitiu a entrada e livre circulação das forças navais soviéticas no Mediterrâneo (que por seu lado foram rapidamente em auxílio dos seus “clientes” sírios e egípcios), ao passo que os americanos foram retidos na parte ocidental deste mar, o que em termos práticos os colocava na mira da Marinha de Guerra Soviética caso eles decidissem atacar, estando assim completamente expostos ao “perigo naval vermelho”.

manifestassem a sua intenção de sair da União – caso das repúblicas do Báltico (Estónia, Letónia e Lituânia). A situação económica da URSS era calamitosa e já não havia sequer a possibilidade de acompanhar os avanços tecnológicos das forças armadas americanas quanto mais rivalizar com elas. A Marinha foi severamente afectada, na medida em que na aproximação que Gorbatchev fez ao Ocidente empreendeu-se uma política de paragem nas corridas ao armamento e de redução dos arsenais nucleares. Muito do dinheiro que costumava ser investido nas Forças Armadas foi desviado para a esfera civil, de modo a tentar salvar a economia.

Mas tal não aconteceu e a URSS é oficialmente extinta a 21 de Dezembro de 1991, dando origem a uma série de novos Estados que saíram da órbita de Moscovo e manifestaram vontade de aproximação ao Ocidente. As perdas geopolíticas da nova Federação Russa são consideráveis. No que ao poder marítimo diz respeito, a Rússia perde todas as bases navais fora do seu território, à excepção de Sebastopol na Crimeia (Ucrânia) que se mantém na posse da Marinha Russa e onde está estacionada a Frota do Mar Negro. As restantes três estão sediadas em Baltiysk (Frota do Báltico), Vladivostok (Frota do Pacífico) e Severomorsk (Frota do Norte), às quais se junta ainda Astrakhan que acolhe a Flotilha do Mar Cáspio.

Embora a independência das ex-repúblicas soviéticas não tenha feito com que a Rússia neste caso tenha perdido embarcações da sua Marinha, a verdade é que sem as infra-estruturas necessárias à sua manutenção, elas foram lançadas ao abandono. As próprias frotas sofrem danos irreparáveis: a falta de dinheiro para a sua manutenção ou reparação, levou a que toneladas e toneladas de sucata naval se acumulasse nos portos russos ao passo que diversas embarcações (navios, submarinos e outros) acabaram mesmo por ser demolidos. A decadência da Marinha Russa foi amplamente testemunhada pela comunidade internacional após o incidente do submarino nuclear *Kursk*. Embora a situação tenha vindo a conhecer melhorias nos últimos dez anos, é muito improvável que a elite política do Kremlin esteja disposta a esquecer a sua tradicional política de continentalidade e por isso se mantenha um quanto ou tanto adversa à capacidade de projecção marítima do país através da sua Marinha.¹²²

É portanto absolutamente inegável que nos tempos da URSS, os grandes formuladores da geopolítica soviética procuraram de todas as formas rejeitar a um nível oficial os conceitos

¹²² Até mesmo devido às perdas geoestratégicas já referidas que retiraram protagonismo e capacidade de projecção na cena internacional.

de *Sea Power* de Alfred T. Mahan. No entanto, nem por um segundo, os centros de decisão russos, estivessem eles na Marinha ou no próprio Partido Comunista, deixaram de reconhecer a importância de uma capacidade naval forte e estável capaz de controlar regiões estratégicas nos mares e oceanos. Porém, em virtude da própria continentalidade russa que lhe permite ter uma base sólida a nível defensivo e económico (não tendo necessidade de procurar recursos noutras regiões distantes), também não deixa de ser verdade que dentro das Forças Armadas, o exército sempre manteve uma posição de hegemonia face à marinha. Não é portanto de estranhar que após o colapso do Comunismo, a Marinha Soviética tenha entrado num declínio profundo, resultado da falta de verbas económicas que lhe permitissem manter-se numa lógica de confronto/competição com os adversários ocidentais. A incessante busca da Rússia em se tornar uma potência marítima e não somente continental falhou.

3. O Báltico

Historicamente, o Báltico sempre foi alvo de disputas entre as grandes potências que o rodeiam, adquirindo especial significado para a Rússia na medida em que é ele que marca a sua fronteira com o Ocidente. De igual forma, marca também o início da grande planície russa que termina no Oriente da Sibéria, mais precisamente no rio Yenesei, constituindo-se também como um paradoxo: facilita a navegação interior (via fluvial) mas ao mesmo tempo dificulta a defesa do território (devido à ausência de cadeias montanhosas de relevo, à exceção dos Urais). A bem dizer, este é o mar que traz os ventos do Ocidente à Rússia mas que também lhe causou muitas dores de cabeça.¹²³



Mapa 13 - Mar Báltico e respectivos países por ele banhados (fonte: <http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/balticsea.htm>)

Antes da chegada ao poder do czar Pedro I, *O Grande*, verifica-se uma predominância do domínio germânico do Báltico (muito embora, para lá das zonas costeiras a maioria da população fosse eslava) até ao séc. XIV que é depois reacendida pelo *III Reich* no séc. XX por

¹²³ “For the Soviet Navy, the Baltic must always have looked like a well-designed trap; and so it proved to be during the Second World War.” (Fairhall, 1971, p. 52)

motivos estratégicos e económicos¹²⁴ (como iremos ver mais adiante), e sobretudo da Marinha Sueca (descendente efectiva dos memoráveis *Vikings*). A grande explicação para este domínio germânico e escandinavo no Báltico prende-se não só com a maior consolidação e organização destas duas potências, mas sobretudo com a inexistência de uma Marinha Russa capaz de aplicar o seu poder neste mar. O Báltico é portanto o grande impulsionador e causador do nascimento da Marinha Imperial Russa em 1696 que trinta anos mais tarde conseguirá finalmente obter o domínio neste mar quase fechado.

Porém, o domínio marítimo da Rússia era aplicado única e exclusivamente no mar, sendo que a pequena extensão de costa litoral russa no Báltico resumia-se à região envolvente da capital do Império – São Petersburgo – e da fortaleza de Kronstadt. Catarina II, *A Grande*, havia compreendido a importância do trabalho de Pedro I e mais do que ninguém estava decidida a conquistar o máximo possível de territórios (Estónia, Letónia e Lituânia) que lhe garantissem um controlo efectivo do Báltico, entrando para isso em novas guerras contra os suecos. Durante os anos de 1787 e 1789 dá-se um grande crescimento na Frota do Báltico.

É preciso atribuímos especial atenção à posição que este Mar ocupa não só enquanto via de ligação da Rússia ao Ocidente mas também como ponto fulcral de defesa do Estado e daquela que foi a sua capital durante alguns séculos, independentemente dos diversos nomes que carregou – São Petersburgo, Petrogrado, Leninegrado. Esta cidade que contempla mais de 4 milhões de habitantes é em termos navais de extrema importância para a Rússia. É aqui que está sediada toda a administração, logística e formação da Marinha Russa. O seu porto é o mais importante do país em termos de carga comercial movimentada e é também lá que são construídas quase todas as embarcações da Rússia. Nem que fosse só pela presença da capital do Império neste mar, o Báltico assume-se como uma luz ao fundo do túnel na continentalidade russa.

As vitórias russas no Báltico são lançadas ao lixo após o Tratado de Brest-Litovsk com os alemães em 1918 que estabelecem grandes perdas para os russos. Todos os portos russos no Báltico passam para o controlo alemão e a Frota do Báltico fica confinada à baía de Kronstadt, perdendo toda e qualquer hegemonia e liberdade de navegação que obteve outrora

¹²⁴ A existência dos grandes rios germânicos – Elba, Oder e Weser – praticamente obrigou a que os Estados Germânicos (predecessores da futura Alemanha) dedicassem enorme atenção ao Báltico visto que estes rios possuíam importantes portos que estabeleciam as ligações comerciais marítimas desses Estados com o Atlântico e o Báltico.

neste mar. O fim da I Guerra Mundial marca também o início do conturbado período revolucionário bolchevique na Rússia, pelo que em termos estratégicos, o Báltico é praticamente vedado à navegação soviética. Mas após a consolidação da URSS e o ressurgimento da Marinha Soviética, os russos começam então a estabelecer planos para voltar a dominar o “seu” mar.

As Repúblicas do Báltico que haviam adquirido independência após a I Guerra Mundial (Estónia, Letónia e Lituânia) são alvo da grande ambição soviética e desprovidas de apoio Ocidental, era praticamente impossível que estas se virassem ou opusessem ao vizinho eslavo.¹²⁵ De facto, a independência destes países significou um duro golpe para a estratégia marítima da então URSS, que viu a sua costa litoral no Báltico ser reduzida para menos de 160 km, ficando apenas com uma pequena faixa litoral junto a Leninegrado no Golfo da Finlândia. Para tornar tudo ainda mais complicado, a navegação neste Golfo é severamente condicionada pelas condições climatéricas e pela presença de gelo entre os meses de Dezembro e Abril. Mas também em termos económicos, a URSS estava bastante dependente destes países. Em meados dos anos 20, cerca de 30% das exportações soviéticas e mais de 35% das suas importações passavam pelos portos destes países (Mitchell, 1949). Começa então uma estratégia de aproximação dos russos às Repúblicas do Báltico, estabelecida através de pactos ou acordos económicos com vista a aumentar a influência soviética nestes países.

A Letónia foi o primeiro alvo. Desde 1927 que são postos em prática uma série de projectos soviéticos para o alargamento e melhoramento dos portos letões de Riga, Liepaja e Ventspils. Riga, durante os tempos imperiais fora o terceiro maior porto ocidental da Rússia (atrás de Petrogrado e Odessa). Além disso beneficia igualmente de uma posição estratégica de relevo em virtude das excelentes comunicações ferroviárias e rodoviárias que possui com importantes zonas do território russo como é o caso de Smolensk, tornando este porto um local de eleição para inimigos da URSS que desejassem efectuar um ataque ao país. Os portos de Ventspils e Liepaja são portos de elevada profundidade (favorecendo a presença de grandes navios, principalmente de petroleiros – sendo portanto essenciais para a indústria soviética exportadora de petróleo) e mais importante que tudo são livres de gelo durante todo

¹²⁵ “*The incorporation in the U.S.S.R. of the Baltic States was, from the Russian standpoint a change as necessary as it was inevitable. They were a natural outlet for commerce and a gateway to the open seas.*” (Mitchell, 1949, p. 290).

o ano. Na Lituânia, o porto de Klaipeda¹²⁶ é não só o terminal do *pipeline Druzhba* que abastece a Europa de Leste com petróleo russo mas também possui um dos maiores carregador de carvão da Europa (Fairhall, 1971). Finalmente com a Estónia é assinado um Pacto de Cooperação e Assistência Militar e Económica em 1939 que na primeira vertente estabelece o compromisso da URSS defender a Estónia no caso de ataque por parte de qualquer potência ocidental e na segunda vertente consagra o livre uso dos portos de ambos os países de modo a expandir os seus volumes de comércio. Também o porto de Tallinn é alvo de intensas obras de melhoramento que nos anos seguintes o transformaria num dos maiores centros da indústria de construção naval soviética. Da mesma maneira, o porto de Paldiski é transformado numa base naval que juntamente com o porto de Hangoe e as ilhas Moonsund (Dagoe e Oesel) seriam de extrema importância para a defesa de Leninegrado e sobretudo da mais importante base naval soviética – Kronstadt – na medida em que o detentor destes pontos estratégicos conseguiria fechar a entrada do Golfo da Finlândia e assim proteger a costa noroeste russa.

Quando estala a II Guerra Mundial após a invasão nazi sobre a Polónia, a URSS não perde tempo e quase em simultâneo ocupa as Repúblicas do Báltico (que já tinham plena noção que com o estalar do conflito não iriam conseguir manter-se independentes por muito tempo)¹²⁷, integrando-as mais tarde na União. O papel da Frota do Báltico, claramente superior em número e capacidade bélica dos seus opositores foi essencial para o sucesso das operações.¹²⁸ Após o fim do conflito, a posição da Rússia no Báltico é reforçada pela incorporação da Estónia, Letónia e Lituânia, pela criação do Pacto de Varsóvia e ainda pela aquisição de Königsberg (doravante denominada por Kaliningrado pelos russos) aos alemães. No passado, o receio dos alemães de uma invasão russa pelo Báltico havia sido tão elevado que após a I Guerra Mundial a maior parte da Marinha Alemã (ou pelo menos o que restava dela) estava concentrada neste ponto. Kaliningrado representa para os russos não só vingança sobre os alemães que perderam o local de nascimento da Prússia,¹²⁹ mas sobretudo um

¹²⁶ Que no tempo da presença alemã se designava de Memel.

¹²⁷ "(...)the Soviet Union's acquisition in 1940 of the Baltic Republics, whose continued existence as independent States after 1939 was an impossibility – either they went to Russia or to the Reich." (Mitchell, 1949, p. 297).

¹²⁸ "By the beginning of the Great Patriotic War of 1941-1945 the Baltic Fleet had 2 battleships, 2 cruisers, 2 destroyer leaders, 19 destroyers, 65 submarines, 48 torpedo boats and other ships as well as 656 airplanes" (Panteleev)

¹²⁹ "East Prussia without Königsberg (Kaliningrad) is an emasculation." (Mitchell, 1949, p. 293)

conjunto de factores estratégicos. Aqui foi estabelecida uma fortaleza naval de primeira linha com vista a travar qualquer tipo de invasão alemã, britânica ou mesmo americana, alargando portanto o raio de defesa do território soviético.

Mesmo após o fim da URSS, a sua herdeira Federação Russa não hesitou um minuto em manter este enclave sob a sua soberania e fortemente militarizado (fazendo vista grossa às críticas da comunidade internacional¹³⁰) contrariamente à Estónia, Letónia e Lituânia que viram desde a sua independência praticamente todos os soldados e marinheiros russos abandonarem o seu território. Isto reflecte ainda na actualidade a importância estratégica e histórica de Kaliningrado para a geopolítica marítima da Rússia. A histórica Frota do Báltico continua a estar sediada em Kronstadt e em Baltiysk, mas o seu Quartel-General mantém-se em Kaliningrado. Com as recentes entradas dos países do Báltico na União Europeia e mais ainda na NATO, maior importância adquire o enclave de Kaliningrado e a sua manutenção na posse dos russos. Este representa não só o único acesso da Frota do Báltico a uma zona de mar livre de gelo durante todo o ano (algo que não acontece em Kronstadt), mas também uma forma de prevenir qualquer intenção da NATO em dominar por completo o Báltico, isolando a Rússia no Golfo da Finlândia e na zona litoral de São Petersburgo.

¹³⁰ *“When the Soviet Union collapsed, the independence of Estonia, Latvia, and Lithuania deprived the new Russian state of major ports on the Baltic Sea, and 15,000-square-kilometer Kaliningrad Oblast between Poland and Lithuania was cut off from Russia. When Russia insisted on maintaining Kaliningrad as a heavily armed garrison, it aroused considerable international criticism, especially from Poland.”* (in <http://www.fas.org/nuke/guide/russia/agency/mf-baltic.htm>)

4. O Mar Negro

Juntamente com o Báltico, o Mar Negro é em termos geopolíticos um dos locais que mais atenção recebe por parte da Rússia, principalmente por se apresentar como um mar semi-fechado, disputado historicamente por grandes potências (turcos, persas, austro-húngaros e como é óbvio russos). Para a Rússia adquire ainda mais valor estratégico na medida em que se constitui não só como o garante da segurança do sul do seu território, mas também como uma das poucas saídas para mares abertos e quentes (Mediterrâneo e Atlântico), ao mesmo tempo que também a torna vulnerável (no caso de não o controlar) a ataques marítimos das potências ocidentais. Os grandes portos e bases navais (Odessa e Sebastopol) que sustentam rotas



Mapa 14 - Mar Negro e países que actualmente por ele são banhados (fonte: <http://www.sochiclub.narod.ru/blacksea.htm>)

comerciais diversas e de primeira linha¹³¹ a juntar à já referida questão da segurança, ajudam a explicar o motivo pelo qual se estabeleceu quase desde o início da fundação do Estado Russo que o Mar Negro teria obrigatoriamente que ser um

“mar russo”. A História dos conflitos de interesses no Mar Negro quase que se confunde com a própria História da fundação da Rússia, quando os antigos *Rus*¹³² desceram pelo Volga até ao Mar Negro e atacaram os gregos e mais tarde através do Danúbio enfrentando os búlgaros. Após a queda de Constantinopla e formação do Império Russo no séc. XVI, o grande inimigo e aquele com quem os russos disputariam a hegemonia no Mar Negro seria o Império Otomano, que controlava a única porta de saída (ou

¹³¹ “Today, not only grain passes through Black Sea ports (in particular Odessa and Mariupol), but the chief shipping routes on that sea carry from Kherson the iron ore of Krivoy Rog and of Kerch; zinc, lead and magnesium from the region east of the ports of Sukhum and Tuapse, manganese from Chiaturi and copper from Ordzhonikidze (exported from Poti), coal from Azov, salt from Perekop (via Odessa), timber from White Russia, cement from Novorossisk, molybdenum from Azerbaijan, oil from Grozni and Maikop (exported from Tuapse), cotton from the trans-Caucasian Republics, which, with oil from Baku, is shipped from Batum.” (Mitchell, 1949, p. 145)

¹³² Termo que designa os povos que habitavam na Antiguidade os territórios do Leste da Europa hoje pertencentes à Rússia e à Ucrânia.

se quisermos de entrada) deste mar. Nesta época, para além da tradicional necessidade de defesa dos respectivos territórios, russos e otomanos disputavam acima de tudo o controlo da lucrativa Rota da Pérsia.

Se Pedro I, *O Grande* é unanimemente considerado como o “Pai da Marinha Imperial” e responsável pela supremacia russa no Báltico, Catarina II, *A Grande* tem obrigatoriamente que ser considerada a “Mãe”, visto que foi sob o seu reinado que se funda a Frota do Mar Negro em 1783, pelas mãos do Príncipe Potemkin. Já antes os russos haviam tentado expulsar os otomanos da costa sul do que é hoje a Ucrânia, mas só a quando da entrada em cena de Potemkin e da “sua” Frota do Mar Negro auxiliada pela preciosa ajuda britânica e apoio da Frota do Báltico,¹³³ é que os russos finalmente obtêm a tão desejada hegemonia, derrotando os otomanos por duas vezes (1768-1774 e 1787-1792) e garantindo a posse de importantes territórios nas províncias de Azov, Kerch e Yenikale, anexando a Crimeia (que em 1783 se havia tornado independente do Império Otomano, graças ao apoio russo) e criando novas cidades portuárias (Odessa, Yeakaterinoslav,¹³⁴ Kherson e Nikolayev) que juntamente com Sebastopol (base da Frota do Mar Negro) sustentariam o poder marítimo e supremacia da Rússia no Mar Negro até à Guerra da Crimeia. Nos termos de paz com o Império Otomano, os russos garantiram uma cláusula dúbia q.b. que lhes conferia o direito de proteger os cristãos ortodoxos dos Balcãs. A aceitação desta cláusula por parte dos otomanos foi um erro crasso, na medida em que os russos sentiram-se na obrigação de intervir nos assuntos dos otomanos, com a desculpa da protecção aos cristãos.

Mas não foram apenas os Otomanos¹³⁵ que procuraram retirar o poder marítimo da Rússia no Mar Negro. As vitórias russas nesta região à custa dos otomanos fizeram crescer o medo nos europeus católicos e protestantes face a uma eslavização ortodoxa patrocinada pela Rússia. Progressivamente os aliados cristãos abandonaram a cruzada russa contra o inimigo

¹³³ “In the following spring the Russian Baltic fleet under Alexis Orlov arrived in the eastern Mediterranean. However, its landings in Greece were feebly manned, and the general rising of Christians in the Balkans did not materialize. Then in July, 1770, Orlov and his English squadron commanders completely destroyed the Turkish fleet at Chesme in the Aegean, winning the most convincing victory in the annals of the Russian Navy.” (Wren, 1979, p. 218)

¹³⁴ Actualmente denominada de Dnipropetrovsk.

¹³⁵ Aos quais podemos adicionar os franceses e ingleses durante a Guerra da Crimeia.

otomano e somente os austríacos se mantiveram ao seu lado.¹³⁶ A própria Prússia com quem historicamente o Império Russo havia cultivado boas relações, passou a hostilizar a Rússia. Quando em finais do séc. XIX e princípios do Séc. XX se dá o grande *boom* da *Geopolitik* alemã, é notória a vontade de Berlim em fechar a Rússia na sua continentalidade e lhe retirar o título de grande potência europeia (atribuindo-lhe para tal o cunho de “asiática”¹³⁷). Posteriormente, as ambições germânicas sobre o Mar Negro manifestam-se com a vontade em retirar a Ucrânia à URSS e assim torna-la num protectorado alemão, mesmo em vésperas da II Guerra Mundial.¹³⁸ Já antes deste conflito, os alemães haviam apoiado países como a Roménia ou Bulgária, não esquecendo que durante a I Guerra Mundial, os Otomanos eram seus aliados, estando portanto explícita a vontade da Alemanha em impedir que a Rússia conseguisse ter acesso aos mares europeus.

Em termos geográficos, o Mar Negro é ainda mais fechado que o Báltico, sendo que a sua única saída é controlada por um país da NATO – a Turquia. Daí a importância de existirem boas relações com este seu antigo inimigo, uma vez que mesmo que o controlo do Mar Negro esteja nas mãos dos russos, o rival americano (sob a égide da Aliança Atlântica) está muito próximo e qualquer acção de movimentação da Marinha Russa para além deste mar é severamente condicionada por este. Assim se compreende melhor o eterno sonho russo de conquistar Constantinopla, pois só através do controlo dos estreitos de Bósforo e Dardanelos (território da Turquia) poderiam os russos manter o total controlo do Mar Negro e do sul do país, ao mesmo tempo que teriam a possibilidade de expandir o seu poder marítimo pelo Mediterrâneo. No entanto, para tristeza de Moscovo, o estatuto dos estreitos ainda se mantém o mesmo desde a Convenção de Montreux de 1936 (embora com algumas emendas) que mantém o controlo destes na Turquia, sendo esta a única que regula a actividade militar na região, podendo legalmente impedir a passagem de navios de guerra nos estreitos.

¹³⁶ Ficando totalmente isolada na Europa, a Rússia procurou estabelecer uma aliança com a Áustria com vista a expulsar os otomanos de vez do continente europeu. Os austríacos, sedentos de vingança por todas as derrotas que haviam sofrido nos Balcãs às mãos dos turcos, alinharam na estratégia russa em 1795. Com a junção das duas forças, a derrota do Império Otomano e a conquista de Constantinopla pelos russos era cada vez mais iminente. Porém, 1796 morre Catarina II e a Europa cada vez mais envolvida na questão da Revolução Francesa, deixa de parte qualquer intenção de expulsar os otomanos do continente (inclusive os austríacos).

¹³⁷ “*That can be done only by cutting off its western parts which culturally and economically are most valuable, and at the same time keeping Russia away from all European seas.*” (Grumbach, 1917, p. 72, *apud* Mitchell, 1949, p. 143)

¹³⁸ Para tal, os nazis colocam em prática uma série de movimentos subversivos, financiando grupos separatistas ucranianos que estavam descontentes com a integração do seu país na URSS, descontentamento agravado após as violentas colectivizações agrícolas que levaram à morte de milhões de ucranianos nos anos 30.

Ainda assim, a Rússia goza de uma série de vantagens que não consegue no Mar Báltico. Desde logo a própria Convenção de Montreux embora atribuísse soberania e controlo da Turquia sobre os Estreitos, também afirmava o domínio da então URSS no Mar Negro e continha uma cláusula muito importante que definia que em tempos de guerra, caso a Turquia não estivesse em confronto com a URSS, todos os navios de guerra que não pertencessem às potências do Mar Negro (Turquia e URSS) estavam terminantemente proibidos de atravessar os Estreitos, conferindo aos russos um maior sentimento de segurança. Mais uma vez, se realça a importância de existirem boas relações com os turcos, de forma a que o Mar Negro se mantenha como zona de influência e segurança da Rússia. Durante os tempos do Comunismo, verificou-se paralelamente uma política activa de amizade e cooperação (muitas vezes expressa em assistência militar ou económica) com uma série de países asiáticos, com vista a diminuir a desvantagem representada pelos Estreitos no Mar Negro.¹³⁹

Além disso, contrariamente ao Báltico que está rodeado de países próximos das potências ocidentais, no Mar Negro, a grande maioria dos países que por ele são banhados, estão na esfera de influência da Rússia – o chamado Estrangeiro-Próximo – mesmo após a queda da URSS (mais concretamente a Ucrânia e a Geórgia), acrescendo ainda o facto da costa litoral russa aqui ser muito superior à mesma no Báltico. As condições climatéricas são igualmente mais favoráveis à navegação no Mar Negro, visto este não estar tão próximo do Círculo Polar Ártico e das baixas temperaturas que levam à fraca visibilidade e formação de gelo. No entanto, e não desvalorizando estas vantagens, o Mar Negro e a sua Frota estão bastante limitados pela questão dos estreitos e do seu controlo por parte dos turcos¹⁴⁰ e também pelo facto das relações da Rússia com alguns países do seu Estrangeiro-Próximo, nomeadamente a Ucrânia e a Geórgia, serem de tempos a tempos conturbadas. Se com a Geórgia, recentemente (2008) os russos chegaram mesmo ao conflito armado (em virtude das questões separatistas da Abecásia e da Ossétia do Sul apoiadas pela Rússia), com a Ucrânia a

¹³⁹ “Turkey stands at the end of a chain of countries the Russians have cultivated with economic or military aid – Iraq, Iran, Pakistan and India – which helps to secure their Southern frontier while they confront China in the east. The more successful this policy is, and the more naval facilities the Soviet Navy acquires in the Mediterranean and the Indian Ocean, the less critical will the Black Sea straits seem.” (Fairhall, 1971, p. 57)

¹⁴⁰ “While the Black Sea has perhaps the most pleasant climate and conditions in all of Russia, it has possibly the worst strategic location of all the four fleets.” (in <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>)

situação é bem mais complexa e envolve acima de tudo a partilha da Frota do Mar Negro¹⁴¹ e a presença russa na Crimeia. Com a independência da Ucrânia, as grandes bases navais onde operava a Frota do Mar Negro (Odessa, Nikolayev e Sebastopol) passaram para a soberania de Kiev. De modo a não ficar privada da sua Frota, a Rússia não teve outra alternativa senão estabelecer contactos com a Ucrânia no sentido de chegarem a acordo relativamente à partilha e também para um arrendamento da base de Sebastopol aos russos. Mas o entendimento não tem sido fácil. A entrada em cena de governos ucranianos pró-Occidente tem colocado sucessivos entraves à presença e domínio russos no país, pelo que a Base de Sebastopol e as constantes aspirações independentistas da Crimeia (apoiadas pelos russos) são prioridades para Moscovo.

Finalmente importa referir o papel económico que este mar tem para a Rússia, principalmente na área da exportação de petróleo proveniente do Cáspio que é transportado por um oleoduto até ao porto georgiano de Batumi. Embora no Báltico existam grandes portos de armazenamento e carregamento de petróleo, é em Novorossisk (para onde também se planeia transferir a Frota do Mar Negro) que está o maior terminal petrolífero da Rússia. Também os portos comerciais de Odessa e Ilyechovsk foram de importância extrema para a economia soviética, motivo pelo qual mais de metade da frota mercante da URSS ter sido registada ali no Mar Negro.

¹⁴¹ “At the disintegration of the Soviet Union, estimates of the number of ships counted in the Black Sea Fleet varied widely, from as many as 635 to as few as 300 warships and submarines. The number of Russian personnel associated with the fleet was variously estimated at between 47,000 to 70,000. In 1995, the fleet reportedly had approximately 48,000 naval and marine personnel, 14 submarines, 31 surface ships, 43 patrol and coastal ships, 125 combat aircraft, and 85 helicopters.” (idem)

5. O Mediterrâneo

O declarado e efectivo interesse da Rússia no Mar Mediterrâneo surge na segunda metade do séc. XVIII, com a czarina Catarina II, *A Grande*. A perscrutadora da política marítima de Pedro I foi perspicaz o suficiente para entender que este último, ao empreender todos os seus esforços no controlo do Báltico, acabara por desenvolver laços de incompatibilidade e de confronto com as grandes potências marítimas da Europa na altura (Holanda, Suécia e Grã-Bretanha) e como tal, a czarina desvia-se para o Sul e começa a sua cruzada pelo domínio do “Mar do Meio”.¹⁴²



Mapa 15 - Mar Mediterrâneo e respectivos países por ele banhados (fonte: <http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/medsea.htm>)

Em 1769, Catarina II surpreende toda a Europa ao enviar um esquadrão do Báltico em missão para o Mar Mediterrâneo. Era a velha ambição do controlo do Estreitos (Dardanelos e Bósforo) que estava subjacente a esta manobra política e que tanto receavam as restantes potências europeias. Este esquadrão partiu de Kronstadt e fora comandado pelo Almirante Spiridov. No entanto, e apesar da surpresa com que a maioria dos países europeus assistiu a

¹⁴² Ou “*Middle Sea*”, termo pelo qual também é conhecido o Mar Mediterrâneo.

esta manobra russa, a entrada da Marinha Imperial no Mediterrâneo fora patrocinada pela Grã-Bretanha,¹⁴³ que na altura não considerava a Rússia como uma ameaça ao poder marítimo britânico neste mar (Mitchell, 1949). O propósito desta presença russa no Mediterrâneo assentava na ideia de ajudar os gregos a revoltarem-se contra o poder otomano e assim abrir duas frentes de batalha contra estes: uma no Mar Negro (onde a Rússia após a anexação da Crimeia possuía agora uma importante base de apoio a uma ofensiva naval neste mar) e outra no Mediterrâneo.

Após o sucesso desta operação no Mediterrâneo, com a Marinha Imperial a infligir duros golpes na mal preparada Marinha Otomana em 1770, Catarina II envia o seu homem de confiança, o Príncipe Potemkin para negociar com os ingleses uma maior presença russa no Mediterrâneo. Numa altura em que estes procuravam a todo o custo sacudir as revoltas das colónias norte-americanas, Potemkin ofereceu a ajuda da Marinha Imperial, mais propriamente da Frota do Báltico, para ajudar na Guerra da Independência dos EUA, caso os britânicos cedessem a Ilha de Minorca à Rússia. Mas a proposta foi prontamente recusada.

Por esta altura, os britânicos juntam-se ao grupo de países (França, Áustria, Prússia e Império Otomano) que receavam cada vez mais o crescente protagonismo russo no Mediterrâneo. As manobras diplomáticas da Rússia iam sendo cada vez mais assertivas e estrategicamente inteligentes. Exemplo disso foi a aliança destes com os otomanos contra a França de Napoleão. Aqui surgiu uma grande oportunidade para os russos se estabelecerem em definitivo no Mediterrâneo e reforçarem a sua posição neste mar,¹⁴⁴ em virtude da permissão concedida pelos otomanos à Frota do Mar Negro de navegar livremente por entre os estreitos (com a desculpa de defender o Constantinopla de um ataque francês semelhante ao que já havia sucedido no Egipto, de forma a interromper a Rota da Índia através do Mar Vermelho¹⁴⁵), concessão essa que fora negada aos britânicos, por exemplo. Mais tarde, com o czar Alexandre I, a Rússia aliou-se a Napoleão após as promessas deste de entregar

¹⁴³ Chegando mesmo a prestar auxílio aos navios russos, que puderam fazer uso dos estaleiros navais de Portsmouth e Port Mahon.

¹⁴⁴ Acresce ainda a presença da Rússia no Montenegro, que havia sido estabelecido como um protectorado seu, possuindo assim uma importante base de apoio no Mar Adriático e consequentemente no Mediterrâneo, estando igualmente presente na estratégia marítima russa a intenção de captura da ilha de Malta aos britânicos.

¹⁴⁵ O Mar Vermelho, embora de reduzida dimensão era estrategicamente vital para a Potência que o controlasse: "*The Red Sea was the vital artery that linked the Mediterranean with the Indian Ocean.*" (Mitchell, 1949, p. 116)

Constantinopla aos russos caso estes se juntassem aos franceses contra a Grã-Bretanha. Mas a recusa do czar em alinhar no Bloqueio Continental levaria ao fim dessa aliança. Somente a Guerra da Crimeia colocou uma barreira nas aspirações russas de controlar os estreitos e assim tornar o Mar Negro e por arrasto o Mediterrâneo em “Mares Russos” .¹⁴⁶

Já em 1909, a Rússia celebrou um pacto secreto com a Itália, prometendo auxílio às aspirações de Roma sobre a Líbia (mais concretamente Trípoli) caso os italianos apoiassem as pretensões russas de alterar o quadro legal sobre o controlo dos estreitos. A diplomacia foi de facto uma grande arma ao serviço das pretensões marítimas da Rússia no final do séc. XVIII e princípios do séc. XIX. Ainda assim, e embora quisesse alterar o *status quo* relativo aos estreitos, os russos sempre manifestaram a sua preferência pelos turcos administrarem estes pontos estratégicos, ao invés de uma grande potência marítima como a Grã-Bretanha, logicamente.

Mas durante quase um século, as pretensões russas no Mediterrâneo estiveram hibernadas em virtude dos próprios problemas internos do país que desviaram as atenções sobre a política externa. Somente na II Guerra Mundial, a então URSS voltou a efectuar um *forcing* no reforço da sua posição neste mar. Com os danos severos infligidos pelo exército alemão no território soviético, os russos encontraram no Mediterrâneo uma forma eficaz (ainda que mais lenta), de estabelecer uma ligação entre o Norte do país (Leninegrado e Moscovo) e os importantes territórios do sul da Ucrânia e do Cáucaso. A Conferência de Potsdam em 1945 foi palco das intenções de Estaline em se fixar definitivamente no *Middle Sea*. Para isso, ele exigia que as colónias italianas no Norte de África (Líbia) e Nordeste (Eritreia) passassem para uma administração conjunta das Nações Unidas, onde obviamente estaria a URSS. Mais uma vez, a estratégia russa procurava abrir as portas dos mares quentes do sul e ao mesmo tempo estabelecer-se no Mar Vermelho e na importantíssima região pivô do Médio Oriente que liga três continentes, ameaçando assim a supremacia do Império Britânico.¹⁴⁷

¹⁴⁶ “Lamartine writing on the very eve of war said: «Russia at the Dardanelles means the Russian frontier at Marseille and Toulon», and he pointed out that Russian control of the Straits would mean that the Mediterranean became a Russian lake.” (Lamartine, *apud* Mitchell, 1949, p. 130)

¹⁴⁷ “A change in the whole strategic set-up of the British Oceanic Commonwealth would at any time result from the establishment of Russian control on the Red Sea, that sea which is «the throat of the British Commonwealth».” (Mitchell, 1949, p. 118)

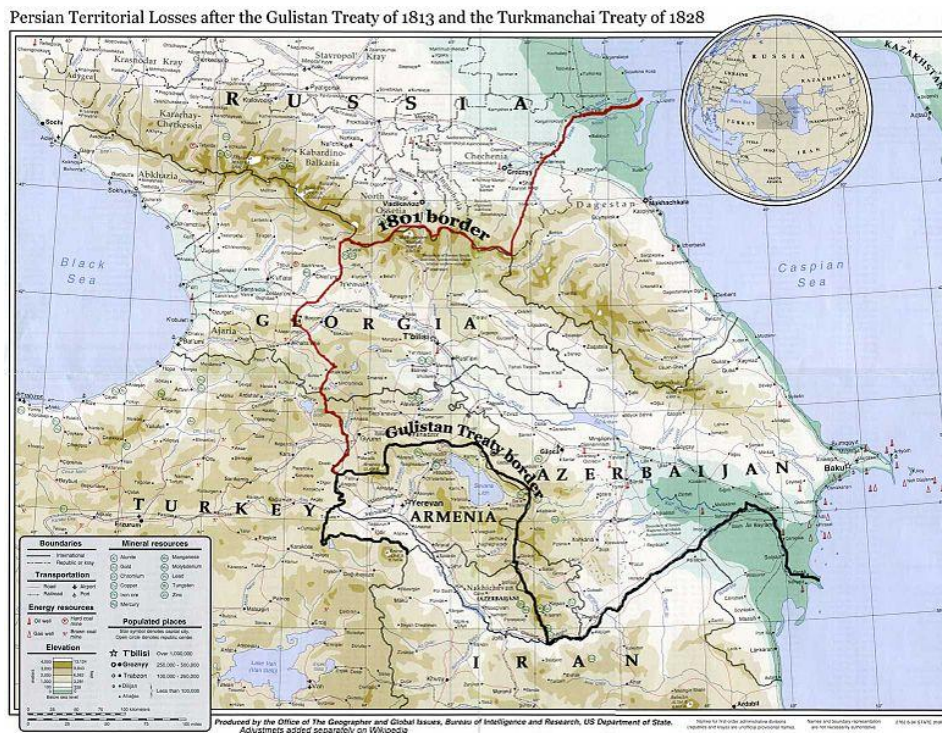
Também nos Balcãs os russos procuraram estabelecer a sua influência, apoiando as pretensões do Marechal Tito (com quem mais tarde se incompatibilizariam) sobre Trieste, defendendo que esta importante cidade portuária deveria ser entregue à recém-formada Jugoslávia. No entanto, os americanos e britânicos não arredaram pé e Trieste manteve-se livre e aberta à circulação internacional de navios, estando sob a soberania italiana. Apoio semelhante recebeu a Albânia comunista e os grupos esquerdistas na Grécia, que mergulhou numa Guerra Civil e que só não caiu nas mãos dos comunistas apoiados por Moscovo porque os americanos interviriam a tempo. A URSS estava de olho em Salónica, podendo esta cidade servir de rampa de lançamento para o controlo de Istambul. Se formos mais atentos podemos identificar um elo de ligação entre o Pan-Eslavismo e expansão marítima da Rússia nos Balcãs.¹⁴⁸ E o facto de nenhum destes mares (Mar Vermelho, Mar Adriático, Mar Egeu, Mar Mediterrâneo) banharem o território russo pode parecer estranho perante tanta insistência dos interesses de Moscovo. No entanto, não é mais do que uma clara demonstração de uma visão a longo termo e global da geoestratégia russa de uma assentada só abrir novas portas marítimas e ameaçar o poderio anglo-americano no Hemisfério Sul.

Durante a Guerra-fria, a estratégia soviética de reforço da sua presença no mediterrâneo ia-se estabelecendo através de acordos com países árabes, como é o caso do Egipto e da Síria, no sentido de utilizar algumas bases localizadas nas costas mediterrânicas de ambos. As bases de Alexandria e Mersa Matruh no Egipto acabaram por ser abandonadas e toda a sua logística foi transferida para o porto de Tartus na Síria em 1971, onde ainda hoje a Marinha Russa está presente. Embora não seja uma base naval na verdadeira ascensão da palavra, esta é uma importante infra-estrutura da Marinha, que permite dar apoio aos navios que passam pelo Mediterrâneo.

¹⁴⁸ “*For Pan-Slavism is not an end in itself with the Kremlin; it is linked with Russia’s traditional march to the oceans.*” (Mitchell, 1949, p. 142)

6. O Mar Cáspio

Tal como tem vindo a ser referido, o ponto de partida de uma acção geopolítica mais consistente e planeada por parte do Estado Russo dá-se com o reinado do czar Pedro I, *O Grande*. Sendo que a tónica da sua estratégia para alargar o território russo e tornar o seu país numa grande potência esteve sempre nos mares. Embora a sua prioridade tenha recaído sobre o Báltico, esforços foram de igual forma desenvolvidos no sentido da Rússia ser dominadora em dois mares interiores, um deles praticamente fechado – Mar Negro – e outro totalmente – Mar Cáspio.



Mapa 16 - Mapa político do Cáucaso antes e após o Tratado do Gulistão em 1813 (fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gulistan-Treaty.jpg>)

inimigo otomano, no que ao Mar Cáspio diz respeito a estratégia era muito mais abrangente e ambiciosa, englobando não só o controlo deste mar e das terras limítrofes altamente aráveis (favorecendo a agricultura), mas também uma expansão russa em direcção ao Médio Oriente que lhe abrisse uma porta de entrada no Golfo Pérsico com vista ao derradeiro objectivo: estabelecer uma rota de comércio com a Índia e retirar a exclusividade desta aos britânicos. No entanto, tal como havia acontecido no caso do Mar Negro, Pedro I morreu sem conseguir atingir o seu objectivo¹⁴⁹ e

¹⁴⁹ À data da sua morte, o Império Russo no Cáspio incluía apenas a costa norte deste, desde Guriev no rio Ural até Kizliar no delta do rio Terek e uma parte da costa sul junto a Astrabad na Pérsia.

somente um século depois do fim do seu reinado é que a Rússia conseguiria finalmente apoderar-se do Cáspio sem não mais perder o seu controlo.¹⁵⁰

Coube ao czar Alexandre I a proeza de tal conquista. O Império Russo estava em plena ascensão, depois de já ter conseguido tornar-se hegemónico no Báltico e no Mar Negro, as atenções do jovem czar centraram-se no Cáspio. O Tratado do Gulistão pôs fim à I Guerra Russo-Persa em 1813, atribuindo dois grandes ganhos ao czar: a inclusão do Cáucaso Persa no Império Russo (Azerbaijão, Arménia e parte da Geórgia¹⁵¹) e o direito de os russos navegarem livremente no Cáspio mas acima de tudo serem a única potência a poder estabelecer uma marinha de guerra nestas águas.¹⁵² Isto representava uma grande vitória para o poder marítimo do Império que após sobreviver à invasão de Napoleão, conseguia estender a sua teia nos três mares mais próximos: Báltico, Negro e Cáspio. De imediato, foi deslocada uma flotilha para o Cáspio que garantia a segurança dos interesses e do poder russo neste mar que agora se podia afirmar como sendo “russo”.¹⁵³

Apesar do domínio naval russo ser inegável no Cáspio desde 1813, a verdade é que as forças marítimas neste mar sempre foram muito reduzidas quando comparadas às Frotas do Báltico ou do Negro. No entanto, o Cáspio adquire um novo estatuto nos finais do séc. XIX com a projecção de ligação com o Mar Negro e com a exploração de petróleo. A construção do Canal Volga-Don em 1952 materializa essa estratégia russa, permitindo transportar cereais, madeira e petróleo deste mar para o Mar Negro e posteriormente para o Mediterrâneo. Há ainda a destacar as importantes reservas de águas subterrâneas entre o Mar Aral e o Cáspio, calculando-se que grande parte destas esteja nas imediações da península de Krasnovodsk. Porém, o petróleo é sem dúvida alguma a grande fonte de rendimento para os países que são banhados pelo Cáspio. Neste sentido, adquirem especial importância os portos de Baku (de onde o petróleo é transportado pelo famoso oleoduto BTC – Baku, Tbilissi e Ceyhan), Makhachkala (abastecido pelos campos petrolíferos de Grozny, na Chechénia) e Astrakhan

¹⁵⁰ No entanto, antes ainda da I Guerra Russo-Persa (1804-1813), já os russos haviam deitando mão à zona de Baku (no actual Azerbaijão) e toda a costa sul do Cáspio. Porém, a czarina Ana, procurando uma aliança com os persas contra os otomanos, acabaria por restituir estes territórios aos primeiros. (Wren, 1979)

¹⁵¹ A parte ocidental deste país já se tinha juntado ao Império Russo em 1801.

¹⁵² Somente em 1921, após um tratado com a URSS é que a Pérsia (Irão) pode voltar a possuir uma força naval no Cáspio.

¹⁵³ “(...) *gradually that sea which had once been a Persian ‘mare clausum’ became a Russian one.*” (Mitchell, 1949, p. 152)

(que através do Rio Volga se liga ao Rio Don – via Canal Volga-Don – e conseqüentemente ao Mar Negro), constituindo-se como importantes centros de e para a Ásia Central e Europa de Leste.



Mapa 17 - Reservas petrolíferas do Cáspio (fonte: <http://thefederalist-gary.blogspot.pt/2012/07/iran-deploys-submarines-in-oil-rich.html>)

Hoje em dia, a situação geopolítica no Cáspio é bastante diferente desde os tempos da URSS. O aparecimento de novos Estados e a pressão de outros sedentos de independência no interior da própria Federação Russa (caso da Chechénia), tornam a posição geoestratégica¹⁵⁴ e geopolítica¹⁵⁵ da Rússia bastante mais condicionada, sendo precisamente nesta região que desde a queda da URSS em 1991 têm surgido os maiores conflitos entre a Rússia e os seus vizinhos.

¹⁵⁴ "Geo-strategic interests: Russia wants to remain strong in the area and wield power within and control over the Commonwealth of Independent States (CIS), thereby ensuring the security of its southern flank. States of concern here are those CIS members noted above plus Georgia and Armenia. Russia sees as its greatest danger the potential expansion of Chechen authority into Dagestan at Russia's expense, thereby severely restricting Russia's direct access to the Sea (only Astrakhan remains)." (Thomas, 1999)

¹⁵⁵ "Geo-political interests: the retention of Russian influence within the space of the former Soviet Union directly determines the future of Russian statehood, according to many analysts. Caspian oil, despite all its economic significance, is merely the external manifestation of the global political task of the present day-the restoration of Russia's might.¹ Evolving problems in the North Caucasus among the autonomous Russian republics (not only Chechnya, but also Karachay-Cherkessia, Kabardino-Balkaria, North Ossetia, Ingushetia, etc.) and growing religious pressures (from the Wahhabis, among other groups) make this area as or perhaps more important to Russia than the CIS in terms of interests and stability." (Idem)

7. O Ártico

“The aeroplane is the eye; the radio station is the ear, and the icebreaker is the fist in this work of ours.”¹⁵⁶

A Norte a Rússia possui uma das maiores costas litorais do Mundo, sendo banhada pelo Oceano Glacial Ártico. No entanto, este facto não retira ao país o seu cunho continental, na medida em que contrariamente a outros países que beneficiam desta posição geográfica de relevo (EUA, Austrália, Índia, China, Japão, Irão, entre outros), a navegação nesta grande massa oceânica é extramente complicada pelas condições climatéricas que ali se verificam. Fosse o Ártico um oceano com as características do Atlântico, do Índico ou do Pacífico e a Rússia possuiria certamente todas as condições para ser geopoliticamente a grande potência do planeta. Mas o gelo sempre se colocou como o grande entrave ao poder marítimo russo, sendo portanto fácil de entender o porquê dos russos optarem desde o início por estabelecer a ligação entre o seu território europeu (Moscou) e asiático (Vladivostok) através do Transiberiano.

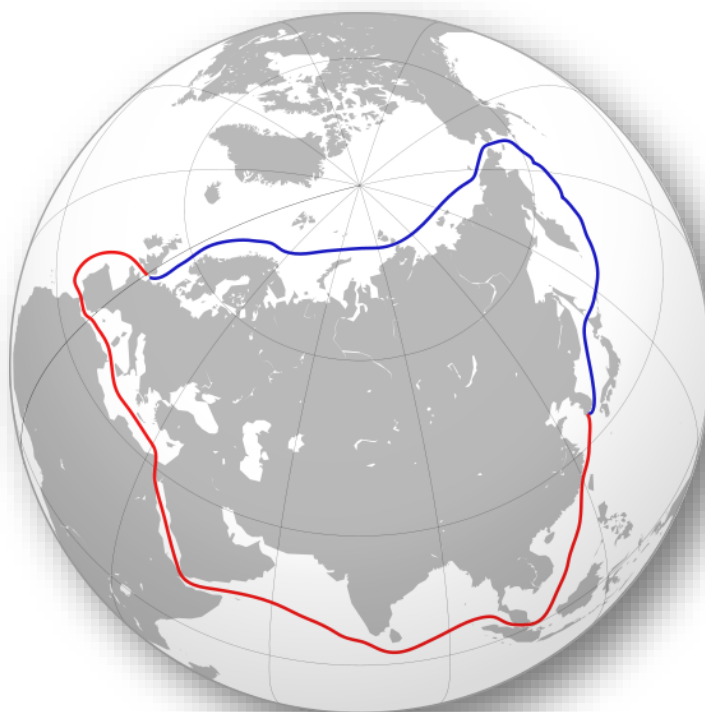
Como já foi referido, a Rússia possui ainda duas janelas para o Ocidente através do Mar Báltico e do Mar Negro que conduzem aos mares quentes e navegáveis como o Mediterrâneo e o Oceano Atlântico. No entanto, contrariamente ao Norte onde não possui rival directo, o acesso a estes mares quentes e navegáveis sempre esteve muito condicionado pela presença de potências antagónicas que controlam as entradas e saídas – Alemanha e Grã-Bretanha no Báltico e Turquia no Negro. Esta claustrofobia resultante da continentalidade russa (embora historicamente não tivesse sido a maior das preocupações¹⁵⁷) obrigou a que esforços adicionais fossem desenvolvidos no sentido de se abrir uma porta de saída na extensa fronteira norte da Rússia e assim diminuir a ameaça dos poderes marítimos.

Quando no séc. XVI se dá o nascimento da Marinha Russa, toda a zona litoral do Ártico é ainda praticamente desconhecida. Começam então uma série de explorações e

¹⁵⁶ Lavrov, *apud* Mitchell, 1949, p. 274.

¹⁵⁷ Uma vez que a chamada “Rússia Europeia” sendo aquela mais populosa e onde estão os grandes centros de poder político e económico, conseguiu durante muitos séculos ser auto-suficiente (contrariamente a países como a Grã-Bretanha ou o Japão que em virtude da sua insularidade e escassez de recursos tiveram que se expandir além-mar) e assim atenuar o encravamento nesta região. Somente após a expansão para o Extremo Oriente do continente asiático e a ameaça das potências europeias (Alemanha, França e Grã-Bretanha) é que os russos optaram por explorar a sua costa norte.

navegações com vista a pormenorizar geograficamente a fronteira norte da Rússia. Mas a relação entre as condições de navegação e a tecnologia naval da época não permitiram grandes desenvolvimentos. Somente no séc. XIX se dá o grande *boom* na navegação russa no Ártico e muito à custa do aparecimento do revolucionário Navio Quebra-Gelo¹⁵⁸ que possibilitou de uma assentada só a criação da Frota do Norte e da Rota Marítima do Norte, que permitia ligar o Norte do continente europeu ao Extremo Oriente da Ásia, numa distância muito mais curta do que a tradicional Rota Marítima do Sul (via Mediterrâneo, através do Canal do Suez e depois pelo Oceano Índico).



Mapa 18 - Diferença da extensão entre a Rota Marítima do Norte – a azul – e a Rota Marítima do Sul – a vermelho (fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Northern_Sea_Route_vs_Southern_Sea_Route.svg)

O rebocador *Pailot* foi o primeiro navio a ser convertido num Quebra-Gelo, no ano de 1864, com o objectivo de desobstruir o caminho entre São Petersburgo e a base naval de Kronstadt através do gelado rio Nieva (Fairhall, 1971). O sucesso desta primeira experiência levou a que o Almirante Makarov convencesse o czar da necessidade de construir um Navio Quebra-Gelo de raiz ao invés de adaptar os já existentes. Neste sentido surge em 1898, o

¹⁵⁸ O principal método utilizado pelos Navios Quebra-Gelo consistia em utilizar as serras presas à proa do navio de modo a furar o gelo, abrindo caminho e depois com o peso do navio esmagá-lo passando por cima dele. (Fairhall, 1971)

primeiro grande Navio Quebra-Gelo russo, construído em Inglaterra e de seu nome *Yermak*.¹⁵⁹ A sua primeira grande missão dá-se em 1901 e consistia em abrir caminho para as fragatas da Frota do Norte, no Estreito de Kara entre a ilha de Novaya Zemlya e o continente, para assim manter activa a Rota do Norte. Embora inicialmente o czar estivesse céptico quanto à utilidade destas embarcações, a Guerra Russo-Japonesa em 1905 (que demonstrou a importância do controlo da Rota do Norte até ao Pacífico) e a I Guerra Mundial em 1914-1918 (onde os Navios Quebra-Gelo foram decisivos para manter o porto de Arkhangelsk aberto) acabaram por convencer definitivamente as autoridades russas de que a Rota do Norte era demasiado importante para se deixar ao abandono ou pior ainda, cair nas mãos dos inimigos. Assim, no seguimento do *Yermak*, surgiram uma série de novos Quebra-Gelo como o *Sibiriakov* e o *Litke* (1909), o *Sedov* (1930), o *Montcalm* (construído e comprado aos canadianos durante a II Guerra Mundial) e o *Lenin* – construído em 1957, este foi o primeiro Navio Quebra-Gelo com tecnologia nuclear, sendo o mais poderoso ao serviço da Marinha Soviética até 1989, ano em que foi desactivado.¹⁶⁰

De facto, durante as sete décadas de existência da URSS, a Marinha Soviética abasteceu-se de inúmeros Navios Quebra-Gelo, constituindo de longe a maior frota destas embarcações (suplantando a norte-americana e a canadiana). Mas as vantagens destes gigantes trituradores de gelo não se restringiam às tarefas de auxílio às embarcações militares. Também a nível económico foram essenciais, desempenhando um papel revolucionário semelhante ao do Transiberiano no séc. XIX, com a vantagem de diminuir ainda mais os tempos de viagem entre o Ocidente e o Oriente do “continente” russo e numa perspectiva mais abrangente, entre a Europa e o Extremo Oriente asiático.¹⁶¹

¹⁵⁹ O *Yermak* pesava quase 9000 toneladas e tinha uma potência de 10 000 cavalos (um valor impressionante para a época) e atingia uma velocidade máxima de 12 nós. Com capacidade para 100 tripulantes, este Navio Quebra-Gelo patrulhou as águas do Báltico e do Ártico principalmente, estando ao serviço da Marinha Imperial e posteriormente da Marinha Soviética desde 1898 até 1963. (Canney, 2012)

¹⁶⁰ “*The first nuclear propulsion unit (OK-150) on Lenin had three identical pressurised water reactors (PWR) with a maximum heat output of 90 MWt. The shaft power was 44 ,000 horsepower. Enriched uranium was used as fuel (the content of U-235 was equivalent 85 kg), and distillate water was used as a moderator and for heat transfer. The reactor core was 1.6 meters high and measured one meter in diameter. The core consisted of 7,704 fuel pins in 219 fuel assemblies.*” (Bellona, 2003)

¹⁶¹ “*The icebreakers, in shortening the distance from Murmansk to Vladivostok by 8,000 miles (via the Cape or the Panama it is nearly 14,000, but by Cape Cheliuskin only 6,000) have thus, economically and strategically, strengthened enormously the position of the Soviet Union.*” (Mitchell, 1949, p. 280)

Russia Has the Most Icebreakers

	Nuclear	Non-Nuclear			Total
		Heavy	Medium	Light	
Russia	7	22			29
Canada	–	2	4	12	18
Finland	–	9			9
Sweden	–	5	–	2	7
Denmark	–	3			3
United States	–	2	–	–	2
China	–	–	–	1	1
Norway	–	1			1

Sources: Russian Maritime Register of Shipping, at http://www.rs-head.spb.ru/en/regbook/file_shipalllist_all_nam1.php (March 31, 2010); Canadian Coast Guard, "Vessel Search," at http://www.ccg-gcc.gc.ca/eng/Fleet/Vessel_Search?todo=search&search_text= (March 31, 2010); Finnish Transport Agency, "Icebreaking Guarantees Year-Round Shipping," at http://portal.fma.fi/sivu/www/fma_fi_en/services/winter_navigation/about_icebreaking (March 31, 2010); Swedish Maritime Administration, "Our Icebreakers," updated March 9, 2010, at <http://www.sjofartsverket.se/en/About-us/Activities/Icebreaking/Our-Icebreakers> (March 31, 2010); Admiral Danish Fleet, "The Danish Ice Service in General," at <http://www.forsvaret.dk/SOK/eng/National/Ice/Pages/default.aspx> (March 31, 2010); United States Coast Guard, at <http://www.uscg.mil/> (March 31, 2010); Linda Jakobson, "China Prepares for an Ice-Free Arctic," *SIPRI Insights on Peace and Security*, No. 2010/2 (March 2010), p. 3, at <http://books.sipri.org/files/insight/SIPRIInsight1002.pdf> (March 31, 2010); and "Arctic Offshore Patrol Ship—Norway's Svalbard," *Canadian American Strategic Review*, updated August 2009, at <http://www.casr.ca/bg-icebreaker-svalbard.htm> (March 31, 2010).


Table 1 • B 2421  heritage.org

Tabela 2 - Lista dos principais países com frotas de navios quebra-gelo, liderada pela Rússia (fonte: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/06/from-russian-competition-to-natural-resources-access-recasting-us-arctic-policy>)

Em termos estratégicos, o Ártico apresenta quatro grandes vantagens para a defesa e segurança do território russo:

❶ Uma entrada para abastecer o país em tempos de guerra, sempre que as suas outras saídas marítimas (Báltico, Negro e Pacífico) estejam bloqueadas por inimigos (como aconteceu durante a II Guerra Mundial e o cerco da Alemanha Nazi à URSS, com o Exército Vermelho a ser abastecido de armamento e de alimentos pelos EUA através do Atlântico Norte até Arkhangelsk).

❷ Uma rota marítima alternativa, que permite de uma assentada só que os navios russos percorram a imensa distância entre o Atlântico e o Pacífico sem entrar em território

inimigo e ao mesmo tempo navegar perto da sua costa litoral (beneficiando da proximidade às suas necessárias bases de apoio terrestre).

③ As características naturais do Ártico, nomeadamente as camadas de água fresca que circulam de forma ruidosa na calota polar favoreciam a camuflagem dos submarinos soviéticos, na medida em que tornam a detecção via sonar mais difícil.

④ A existência de rios como o Obi e o Yenesei permitem que desde os estaleiros navais do Ocidente e Sul da Rússia, centenas de embarcações relativamente mais pequenas que os grandes navios possam chegar ao Ártico e prestar um apoio vital à Marinha de Guerra caso seja necessário, constituindo ao mesmo tempo uma possibilidade de fuga destes navios para o interior do Heartland russo.



Mapa 19 - Instalações usadas pela Frota do Norte no Mar de Barents
(fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Map_of_Northern_Fleet_bases_ENG.svg)

Com o surgimento dos submarinos de propulsão nuclear e da aplicação dessa mesma tecnologia aos Navios Quebra-Gelo, o Ártico ganhou um novo estatuto geoestratégico. A possibilidade destes submarinos percorrerem grandes distâncias, aumentando o tempo de navegação nestas águas e permanecendo durante longos períodos de tempo

submersos, é ao mesmo tempo uma vantagem para a Rússia e um perigo a ter em conta, uma vez que (e apesar da frota de submarinos russo-soviética ser superior à dos rivais) também os norte-americanos não abdicam de patrulhar o Ártico com os seus submarinos, possuindo (à semelhança da Rússia) capacidade para lançar um ataque sobre o território russo através dos mísseis balísticos. Actualmente, a Frota do Norte (herdeira da Flotilha do Ártico) é a unidade de defesa marítima da Rússia em toda a região Noroeste do país, estando sediada em

Severomorsk mas utilizando uma série de outras bases navais em toda a região do Mar de Barents.

Mas também em termos económicos existe muito a destacar. Apesar dos cerca de 24 000 km de linhas ferroviárias e rodoviárias ao longo da Sibéria, uma grande parte do Norte desta região interior da Rússia ainda vê a sua economia dependente do transporte marítimo. Como tal, a Rota Marítima do Norte é de extrema importância para estas populações russas, tendo sido elaborado um longo trabalho científico antes da sua abertura, de modo a conhecer ao máximo uma via marítima praticamente pronta a estrear. Através dela, os russos exportam madeira em grandes quantidades para o Ocidente, bem como petróleo, ouro e diamantes, explorações estas que ao longo dos tempos têm substituído as tradicionais minas de sal.

Em Março de 1967 a Rota Marítima do Norte é oficialmente aberta à navegação mercantil de outros países para além da Rússia. Mais do que a explorar *per se*, os russos perceberam que a grande fatia do lucro proveria da concessão desta rota a outros países, obtendo grandes dividendos resultantes não só das taxas de navegação mas também de utilização dos portos, serviços de radio e de meteorologia, mapas hidrográficos e mesmo apoio aéreo bem como embarcações da URSS, onde obviamente estavam incluídos os Navios Quebra-Gelo (embora estes fossem unicamente tripulados por marinheiros soviéticos), sem os quais esta Rota do Norte não seria mais do que uma mera utopia. Na ânsia de angariar o máximo de clientes, os russos calcularam que a distância percorrida entre Londres e Yokohama através da Rota do Norte diminuía 4300 milhas (passando de 11600 milhas via Canal do Suez para 7300 milhas pelo Ártico), permitindo poupar em tempo – 13 dias – e em custos de viagem – 15 000 libras (Fairhall, 1971). Rapidamente surgiram alguns comerciantes interessados (provenientes do Japão, Itália e Dinamarca) e outros ainda cépticos face à utilização desta rota (principalmente noruegueses e britânicos). Pese embora a propaganda soviética, havia um sentimento geral de que os preços cobrados fossem ligeiramente elevados. No entanto, o receio de perigo (gelo, nevoeiro, desconhecimento cartográfico da zona) a que as embarcações estavam sujeitas caso recusassem o auxílio soviético, levou a que a maioria dos comandantes de navios (mesmo os britânicos e noruegueses) aceitasse a colaboração e os respectivos custos da mesma.

A Rota Marítima do Norte foi então estabelecida e desde logo se manteve sob o controlo dos russos (que ainda hoje a consideram “sua”¹⁶²), sendo que nos tempos de Estaline foram elaborados de forma secreta inúmeros projectos que visavam uma utilização ainda mais ampla do Ártico, de forma a beneficiar o interior da Rússia e aumentar ainda mais o controlo do Kremlin sobre este Oceano, principalmente através do aquecimento induzido do Pólo Norte. Num espectro mais amplo, pode-se dizer que a diminuição da camada de gelo no Oceano Glacial Ártico, tornaria mais fácil e menos dispendiosa a navegação da Rota Marítima do Norte, tornando-se mais apelativa para as embarcações estrangeiras e havendo portanto, uma perspectiva de lucro elevado a longo prazo, bem como uma posição geoestratégica invejável dos russos face aos rivais.¹⁶³

Mais recentemente, principalmente desde a chegada ao poder de Vladimir Putin, a Federação Russa têm dedicado mais atenção ainda às questões relativas ao Ártico. Isso foi expresso em 2009, quando o Conselho de Segurança da Rússia¹⁶⁴ publicou o documento que delineava as orientações estratégicas do país relativamente a esta zona do planeta, abrangendo as áreas políticas, económicas e militares – Fundamentos da Política Estatal da Federação Russa no Ártico para o período de 2020 e afins.

No que respeita à vertente económica, é nas riquezas inexploradas que o Ártico tem, que os russos depositam toda a sua ambição. Recentemente foram descobertas importantes reservas de petróleo, gás natural, diamantes e outros minérios nesta região, factor que não deixa a Rússia enquanto maior produtor mundial de gás natural e um dos maiores exportadores de petróleo alienada da questão,¹⁶⁵ ainda para mais se tivermos em conta que

¹⁶² “The NSR [Northern Sea Route] is a ‘national transportation route’ under Russia’s jurisdiction. Navigation via this sailing channel is to be carried out in compliance with Russian laws and the country’s international agreements. In the federal statute of July 31, 1998, the NSR is defined as ‘a historically existing national unified transport route of the Russian Federation in the Arctic.’” (Zysk, 2010, p. 107)

¹⁶³ Suspeita-se que existisse um plano com vista a “aquecer o Ártico” de modo a que o gelo que derretesse aumentasse o caudal de três rios russos – Pechora, Obi e Yenesei – e de dois mares – Cáspio e Aral – irrigando assim as terras secas do sul da Rússia. O que na verdade se procurava era fazer uma deslocalização das zonas temperadas mais para Norte, algo extremamente perigoso para o equilíbrio natural do planeta (Fairhall, 1971).

¹⁶⁴ Importante órgão do aparelho do Estado, responsável pelas decisões mais importantes da nação. Constituído pelo Presidente, Primeiro-Ministro, Ministro do Interior, Ministro da Defesa, Ministro dos Negócios Estrangeiros e directores dos serviços de inteligência e segurança da Rússia (FSB e SVR).

¹⁶⁵ “According to Russian sources, up to 90 percent of the hydrocarbon reserves found on the entire Russian continental shelf is in the Arctic, with 66.5 percent located in its Western part, in the Barents and Kara Seas.” (Zysk, 2010, p. 105)

isso pode contribuir para equilibrar a balança energética, visto que vários estudos recentes indicam que as reservas petrolíferas da Sibéria Oriental poderão chegar ao seu limite daqui a vinte e cinco anos (Zysk, 2010).

Aliada a esta estratégia de exploração de recursos e embora a Rússia possua (tal como se verificou na Tabela 2) a maior frota de

Navios Quebra-Gelo do mundo, é reconhecido

pelos principais líderes políticos e da Marinha Russa que grande parte destas embarcações (construídas na sua maioria nos anos 70 e 80) carecem de uma manutenção adequada e a sua pesada idade começa a ser um entrave ao seu bom funcionamento. Como tal, estão em cima da mesa uma série de projectos com vista à aquisição de novos Navios Quebra-Gelo nucleares que possam substituir alguns dos actuais. Da mesma forma, a modernização e ampliação de portos e bases navais no Noroeste do país é algo a ter que ser posto em prática.

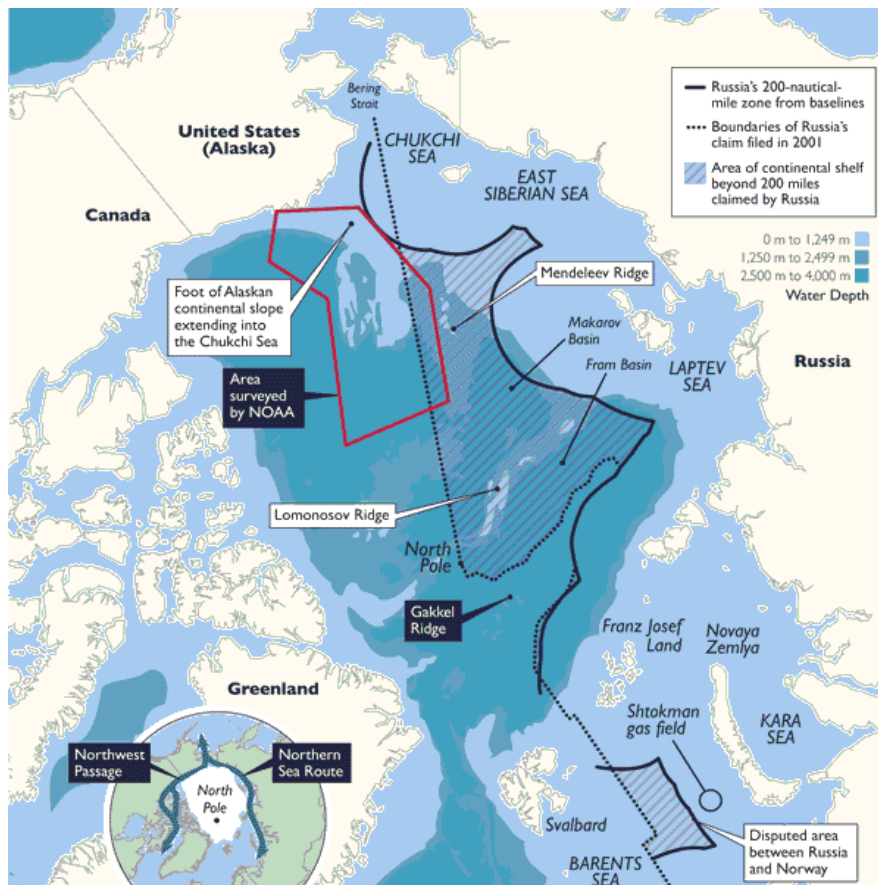
A liderança russa procura aprender com os erros da sua progenitora soviética e é mais do que certo que para a Rússia se manter como uma grande potência mundial não basta possuir um arsenal temível; é preciso ser um actor competitivo e de relevo na economia mundial, podendo ser o Ártico essa rampa de lançamento.¹⁶⁶ Porém, os russos não estão sozinhos nesta demanda de soberania no Pólo Norte. EUA, Canadá, Dinamarca e Noruega não abdicam de “garantir uma fatia deste bolo” para si e como tal têm-se verificado inúmeros

Area	Source	Total Oil	Total Natural Gas
Arctic region	U.S. Geological Survey	90 bbo (estimated)	47 tcm
Beaufort Sea	Canada's Northwest Territories government	–	99 tcm (estimated)
Russian Federation (all territories)	U.S. Energy Information Agency	60 bbo (proven)	47.5 tcm (proven)
Russian Arctic Ocean territories	Russian government	3 bbo (proven) 67.7 bbo (estimated)	7.7 tcm (proven) 88.3 tcm (estimated)

Tabela 3 - Quantidades existentes e estimadas de Petróleo e Gás Natural no Ártico e na Rússia (fonte: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/06/from-russian-competition-to-natural-resources-access-recasting-us-arctic-policy>)

¹⁶⁶ “The Russian leadership clearly emphasizes the importance of the Arctic to the country’s wealth and competitiveness on global markets as a major source of revenue, mainly from production of energy. As much as 20 percent of Russia’s gross domestic product (GDP) and 22 percent of the total Russian export is generated north of the Arctic Circle. The region’s economic promise lies primarily in its rich natural resources and its potential as an attractive maritime transit passageway.” (Zysk, 2010, p. 105)

conflitos de interesses entre estes países, principalmente no que à extensão da fronteira marítima diz respeito.



Mapa 20 - Disputas territoriais pelo Ártico (fonte: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/06/from-russian-competition-to-natural-resources-access-recasting-us-arctic-policy>)

A Lei do Mar ou Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (assinada em 1982 e ratificada por grande parte dos países membros da ONU) determina que um país tem o direito de controlar e estabelecer a sua soberania até 200 milhas de distância da sua costa (o equivalente a 370 quilómetros). Se este provar que a sua costa submersa vai para além das 200 milhas, será no final desta que começa a contar legalmente. Ora, os russos defendem que a sua Cordilheira de Lomonosov se estende por debaixo do Oceano Glacial Ártico, ocupando quase metade do Círculo Polar Ártico e como tal uma porção de território do tamanho da França, Alemanha e Itália juntas lhes pertence por direito. Embora esta alegação seja antiga e controversa, a verdade é que recentemente (e no âmbito do tal documento sobre os Fundamentos da Política Estatal da Federação Russa no Ártico para o período de 2020 e afins) os russos elaboraram um extenso relatório a comprovar a mesma, após terem concluído com sucesso uma expedição a bordo de um submarino nuclear. O grande problema aqui surge

no facto de se suspeitar que essa mesma Cordilheira de Lomonosov esteja igualmente ligada à Plataforma Continental Americana (embora não existam provas), facto que a confirmar-se acentuará ainda mais as divergências entre russos, norte-americanos e canadianos. De igual forma, existe também um conflito com a Noruega relativamente à fronteira marítima junto ao Mar de Barents que os russos reclamam estar demasiado para Leste.

Outra importante questão sobre esta matéria relaciona-se com as reservas de água potável que o Ártico pode oferecer, pois muitos acreditam que no futuro, a procura deste bem essencial será o principal motivo de conflito entre as grandes potências. Também não será de ignorar por parte dos russos as alterações climáticas resultantes do aquecimento global e do conseqüente degelo da calota polar, que podem conduzir à inundação das zonas costeiras do território russo, facto que também é motivo de preocupação para os governantes que numa perspectiva de *realpolitik* não tanto pelas massas populacionais que aí (não) se encontram, mas pelos importantes portos e bases navais existentes, de onde saem muitos dos submarinos nucleares da Frota do Norte.

Face a estas incompatibilidades com outros países no Ártico, juntamente com a necessidade de proteger a todo o custo os seus interesses económicos, a Rússia não coloca de parte um aumento da presença militar na região (embora não esteja formalmente declarada essa intenção), fazendo uso de todos os mecanismos do Estado (desde a Marinha ao Serviços Secretos) de forma a garantir não só a preservação do seu *status quo* mas também de impedir que esta zona seja uma rota de passagem para as novas ameaças que o país enfrenta no séc. XXI.¹⁶⁷ No entanto, a retórica russa nesta matéria do Ártico tem-se revestido de uma certa dualidade. Se é verdade que os governos russos têm apelado à discussão nas Nações Unidas e a uma melhor cooperação entre os chamados “Cinco do Ártico”,¹⁶⁸ também reconhece que as grandes potências são inerentemente rivais e como tal tendem a competir umas com as outras, com objectivos antagónicos e muitas vezes inconciliáveis.

Em termos geopolíticos, a cada vez mais efectiva presença militar da Rússia no Ártico não está certamente separada da perda de influência nos outros “seus” dois mares de

¹⁶⁷ “The Russian authorities, however, underscore that the main purpose of such military preparations is to combat terrorism at sea, smuggling, illegal migration, and unsustainable use of aquatic biological resources. Hence, the FSB is to play a central role in protecting national security interests in the region.” (Zysk, 2010, p. 107)

¹⁶⁸ Rússia, EUA, Canadá, Noruega e Dinamarca (Gronelândia).

eleição (Báltico e Negro) registada após o fim da Guerra-fria. As independências da Estónia, Letónia e Lituânia e mais recentemente as suas integrações na NATO, retiraram a hegemonia à Rússia que a Frota do Báltico impunha naquele mar. Da mesma forma, a aproximação da Ucrânia, da Geórgia e mesmo da Roménia aos EUA e seus aliados ocidentais e à União Europeia, coloca a posição da Rússia no Mar Negro consideravelmente mais fragilizada, à qual temos que acrescentar a disputa com Kiev pela posse da antiga Frota Soviética do Mar Negro. Aliás, à semelhança do que tem acontecido em alguns países do Estrangeiro-Próximo da Rússia, também no Ártico existe um sentimento de receio e de desconfiança face à possibilidade de alargamento do raio de acção da Aliança Atlântica mais a Norte, ficando nas imediações do território russo.

Mas a estratégia militar da Rússia não se esgota na dificuldade de acesso e circulação nestes dois mares. Para a Marinha Russa e nomeadamente para a Frota do Norte, toda a região Noroeste do país é de extrema importância, não só pela defesa do território e dos interesses económicos potenciados pela Rota Marítima do Norte, mas até mesmo pela tradicional *Détente* Nuclear que os russos ainda protagonizam, através da sua Tríade Nuclear,¹⁶⁹ ganhando mais peso ainda com a perda de poder relativamente às suas forças convencionais. Com efeito, a modernização e ampliação da Frota do Norte tem sido uma aposta da Marinha Russa, com especial destaque para os submarinos nucleares e porta-aviões.¹⁷⁰

No entanto, esses esforços de modernização têm esbarrado em imensas dificuldades, sendo que a vontade do Kremlin em fazer renascer das cinzas a outrora temível Frota do Norte não se tem conseguido impor verdadeiramente. O colapso da URSS e a falta de financiamento para a manutenção da extremamente dispendiosa frota de submarinos nucleares¹⁷¹ tem feito com que muitos deles estejam parados e desactivados, aguardando por

¹⁶⁹ Tipo de estratégia nuclear desenvolvida durante a Guerra-fria pelas duas Superpotências que incluía os Bombardeiros Estratégicos, os mísseis balísticos intercontinentais e os mísseis balísticos lançados a partir de submarinos nucleares. O objectivo passava por impedir que, em caso de ataque, um país visse todo o seu arsenal nuclear e capacidade de responder ao ataque completamente hipotecados. (Wikipedia, 2012)

¹⁷⁰ *“Its continued importance has been corroborated by the priority given to modernization of the Russian nuclear arsenals, including the building of eight fourth-generation Borei-class ballistic missile submarines planned to be completed by 2015 (...).Among Moscow’s military plans, which once realized could increase its striking power in the Arctic, is a major naval build-up aimed at strengthening blue-water capabilities, including, among others, 5 to 6 aircraft carrier squadrons, 20 new multipurpose corvettes (Steregushchii class), and 20 frigates (Admiral S. Gorshkov class).”* (Zysk, 2010, p. 108)

¹⁷¹ *“The decline of the Northern Fleet highlights the reduced military significance of the Barents area. In part, the fleet’s decline manifests Russia’s decreasing investment in naval forces. Compared with the decline of Russian naval power in the Baltic Sea, Black Sea and Pacific, the Northern Fleet is arguably more important,*

uma reestruturação ou mesmo destruição, algo que incomoda não só os russos, mas sobretudo os vizinhos europeus que receiam um novo desastre nuclear semelhante ao de 1986 em Chernobyl.¹⁷² Outra consequência do abandono no investimento militar no Ártico resulta numa crise demográfica na região. Grande parte da população trabalha ou vive à custa da indústria naval. Estando esta parada, as pessoas naturalmente partem para outros locais onde conseguem arranjar trabalho, levando a um êxodo que não é de todo vantajoso para a estratégia russa.

particularly its SSBNs, because the deep decline in Russia's general forces has so eroded its conventional forces' combat power.” (Kipp, 1999)

¹⁷² *“One of the most pressing nuclear problems of the Barents region is the disposal of obsolete nuclear submarines and their reactors. The former Soviet Union had more nuclear-powered submarines than the rest of the world combined. Of 100-115 Russian nuclear submarines in a state of decommissioning and awaiting decoring of their reactors, estimated 50-70 are with the Northern Fleet. While an optimal program would involve decommissioning and decoring 10 boats per year, Russia has only completed three to six per year. Slow progress increases costs because the boats must be maintained and a partial crew deployed on each vessel awaiting decoring, substantially exceeding the \$3-4 million tabbed for the dismantling process. Progress has also been slowed by a host of problems with nuclear waste disposal sites in the region and beyond.” (Idem)*

8. O Pacífico Norte



Mapa 21 - O Mar de Bering e o estreito com o mesmo nome, que separa o território russo - Sibéria - do americano - Alasca (fonte: <http://obviouslyajoke.wordpress.com/2011/04/22/a-for-afficiency/>)

Até 1867 – ano em que é vendido o Alasca¹⁷³ aos norte-americanos – o Mar de Bering pouca ou nenhuma importância tinha para os russos, até porque somente durante 4 meses no ano aquela zona se encontra livre de gelo e por isso passível de ser navegada. Mas com o aumento das hostilidades entre os dois países no último século e com o aparecimento dos Navios Quebra-Gelo, todo o

Pacífico Norte e em especial o Mar de Bering adquirem nova importância. Além disso, durante a época mais fria do ano, é possível verificar o aparecimento de uma espécie de ponte entre os dois continentes (Ásia e América) formada pelo gelo que se abate sobre o Estreito de Bering. Além disso, a profundidade deste mar junto ao referido Estreito é bastante baixa (como se pode verificar no mapa anterior), pelo que a presença de grandes embarcações é muito complicada.

O Mar de Bering tem vindo a ganhar destaque ao longo dos tempos e embora seja importante para a Rússia, aparenta ser ainda mais crucial para os EUA. Em termos de proporção, a zona pertencente aos americanos é muito mais extensa do que a dos russos, visto que a mesma engloba a zona envolvente das ilhas Aleutas que se estendem para lá da Península do Alasca. É precisamente neste arquipélago das Aleutas que os EUA possuíam a Base Naval de Fort Mears que fora palco de grandes batalhas com os japoneses durante a II Guerra Mundial (hoje encontra-se desactivada). Mas os russos não quiseram ficar em desvantagem e estabeleceram-se na ilha Kommandorskis, construindo aí uma grande base naval, quase exclusivamente ao serviço da sua esquadra de submarinos (não se encontra desactivada como a sua homóloga americana, mas nos dias presentes está num elevado estado de deterioração, quase deixada ao abandono).

¹⁷³ O Alasca foi na verdade a primeira e única posse territorial da Rússia fora da Eurásia. Pode mesmo dizer-se que foi a sua única colónia.

Apesar da rivalidade russo-americana, parece que o Mar de Bering tem sido provavelmente o local de menos tensão entre ambos, havendo mesmo um historial de cumplicidade e parceria, principalmente durante as operações navais da II Guerra Mundial, contra os japoneses. Além disso, a cooperação estende-se também ao lucrativo mercado das peles. Mas a parte norte do Oceano Pacífico na qual a Rússia se tem estabelecido não se cinge única e exclusivamente ao Mar de Bering e o seu rival nem sempre foi o inimigo imperialista de Washington. O Pacífico foi palco de uma das maiores humilhações para a Marinha Russa e para as aspirações de *Sea Power* do Kremlin. Estávamos em inícios do séc. XX, a Marinha Imperial tinha vindo a recuperar do seu primeiro grande falhanço (Guerra da Crimeia). O desenvolvimento dos Navios Quebra-Gelo parecia dar novo fôlego ao poder marítimo russo, em especial o *Taimyr* e o *Vaigach*, comandados pelo Almirante Vilkitsky, que poderiam numa assentada só, permitir uma maior coordenação de movimentos entre as diversas Frotas Imperiais e ao mesmo tempo garantir o controlo de uma nova rota marítima desde o Norte da Europa até ao Extremo Oriente.¹⁷⁴



Mapa 22 - Localização das principais batalhas da Guerra Russo-Nipônica de 1904-1905 (fonte: <http://kids.britannica.com/comptons/art-54610/Tsushima-Strait-was-the-site-of-the-first-great-naval>)

No entanto, a cultura continental fortemente enraizada nos líderes políticos russos, surge mais uma vez como o grande entrave à obtenção do tão desejado *Sea Power*. E a Guerra contra o Japão (1904-1905) foi o grande exemplo dessa indefinição constante acerca da

¹⁷⁴ "If he (Vilkitsky) could beat the ice, he would perform a geographical conjuring trick which in one move would help to unify the Imperial navy, give Russia a new coastline and shorten the trading route between Europe and the Far East." (Fairhall, 1971, p. 24)

estratégia marítima russa. Por esta altura, a Frota do Pacífico da Marinha Imperial estava sediada em Vladivostok e nos últimos anos tinha vindo a desenvolver patrulhas constantes no Pacífico, com vista a colocar em sentido a Marinha Imperial Japonesa. Contudo, os japoneses, comandados pelo Almirante Togo, decidiram cercar a Frota do Pacífico e esta manteve-se presa em Port Arthur e Vladivostok. O escalar das hostilidades fazia prever um conflito em alto mar. Na altura, os Russos procuraram apoios, principalmente em Londres. Mas qualquer possibilidade de apoio britânico cai por terra perante o incidente de “*Dogger Bank*”,¹⁷⁵ sendo que a Grã-Bretanha acabaria mesmo por apoiar o Japão, até por razões geopolíticas diferentes, nomeadamente o receio britânico do avanço russo no continente asiático, mais precisamente em direcção à Pérsia e Índia.¹⁷⁶

A machadada final na Marinha Imperial Russa foi dada na curta mas decisiva Batalha de Tsushima. Após 7 meses de viagem desde Petrogrado, as cerca de 50 embarcações da Frota do Báltico – naquele momento renomeados de 2º Esquadrão do Pacífico – chegam ao Estreito de Tsushima, na Costa Sul da Península da Coreia, onde são surpreendidas pelo ataque surpresa do cruzador japonês *Shinano Maru* apoiado pelas restantes embarcações. A batalha não durou sequer 24 horas e no final, somente 4 navios russos conseguiram chegar a Vladivostok. A vitória japonesa foi claríssima e inequívoca. A Batalha de Tsushima mais do que dizimar uma grande parte da Marinha Imperial Russa trouxe à tona a sua grande fraqueza histórica: divisão e falta de coordenação entre frotas separadas por milhares de quilómetros,

¹⁷⁵ Em 1904, a tensão entre Rússia e Japão estava no auge e haviam sido espalhados alguns rumores de que os japoneses (com o auxílio dos britânicos) poderiam estar a caminho do Báltico para efectuarem um ataque preventivo contra a Frota Imperial deste mar, de modo a impedir que esta se juntasse à sua congénere do Pacífico. Rapidamente, a Frota do Báltico navegou a todo o vapor com destino ao Pacífico, mas chegados ao Mar do Norte, na zona de “*Dogger Bank*”, avistaram uma embarcação que, no meio do nevoeiro, acharam que poderia ser uma flotilha de torpedeiros nipónicos, quando na realidade não passava de uma pequena traineira britânica de seu nome “*Hull*”. O Esquadrão Imperial abriu fogo, destruindo a embarcação e no meio do caos atingindo igualmente um outro navio russo. O “*Hull*” foi afundado e dois pescadores perderam a vida. No rescaldo do incidente, o Czar Nicolau II pediu desculpas ao governo britânico, mas a tensão entre os dois países manter-se-ia (Fairhall, 1971).

¹⁷⁶ “O Japão ficou muito ressentido com esta intervenção das potências, especialmente com a Rússia. No entanto é curioso verificarmos que a Grã-Bretanha não participou nesta pressão feita ao Japão para devolver as suas conquistas. A Grã-Bretanha começava a ver que o Japão podia ser um aliado seu contra a Rússia no Extremo Oriente. Convidada a juntar-se à iniciativa destas potências, a Grã-Bretanha esquivou-se porque, se dizia em Londres que os interesses britânicos não tinham sido lesados ao ponto de se justificar uma intervenção. Há 40 anos que a Grã-Bretanha observava o avanço da Rússia em direcção a sul, através da Ásia central e olhava com receio e apreensão para a sua jóia imperial, o subcontinente indiano. Ao longo das fronteiras Afegã e Persa, a Grã-Bretanha via ameaçados os seus interesses pelo expansionismo russo. Também, mas em menor grau, as actividades da Rússia na Manchúria ameaçavam a posição predominante que a Grã-Bretanha detinha no comércio da China. Portanto, pressionar o Japão era favorecer o jogo da Rússia no Extremo Oriente, precisamente, o que a Grã-Bretanha temia.” (Freire, 2009)

bem como inexistência de bases terrestres bem equipadas que permitissem prestar o apoio necessário às embarcações.¹⁷⁷

Também no Pacífico a Rússia debate-se com o problema dos estreitos. Na parte oriental do país, todos os estreitos banhados pelo Mar do Japão são controlados pelas Marinhas Japonesa e Sul Coreana, à excepção da Ilha Sakhalin e do Arquipélago das Curilas que pertencem à Rússia. Nestas últimas ainda hoje persiste uma disputa territorial entre a Rússia e o Japão sobre a soberania das quatro ilhas (Habomai, Shikotan, Etorofu e Kunashiri, na designação japonesa) a norte da ilha japonesa de Hokkaido. As referidas ilhas foram oportunamente anexadas pela URSS a 18 de Agosto de 1945, três dias antes da capitulação oficial do Japão. Este é o principal motivo pelo qual o Tratado de Paz entre russos e japoneses se mantém por assinar há 65 anos.

Mas apesar da Rússia não ter qualquer intenção de abandonar o Pacífico e procurar sempre fazer frente aos poderes marítimos japonês e americano, também não deixa de ser verdade que a relação entre os dois países (Rússia e Japão) conheceu grandes melhorias desde o final da guerra. De facto, nos dias que correm existe uma grande cooperação industrial e económica, com a Rússia a ser o principal fornecedor de petróleo ao Japão que por seu lado é um dos maiores fornecedores de navios à Marinha Russa. Também na indústria pesqueira existe uma relação de proximidade, com o Japão a ser um dos maiores consumidores de peixe a nível mundial.

¹⁷⁷ É preciso não esquecer que embora o Transiberiano tivesse aproximado o Ocidente da Rússia ao seu Oriente, o centro do poder e de decisão da Rússia mantinha-se no Ocidente a mais de 9000 km da sua base no Oriente (Vladivostok), tornando a manutenção logística de um conflito no Pacífico, uma tarefa praticamente impossível.

9. O Golfo Pérsico

Pedro, Paulo e Catarina. Todos eles czares da Rússia, com um objectivo comum: destronar o poder britânico na Índia e abrir novas rotas de comércio com o Oriente sob o seu controlo. Para tal, era necessário expulsar a Grã-Bretanha do Golfo Pérsico e a História é rica em momentos nos quais os russos tentaram minar essa posição de Londres ou então reforçar a sua presença nesta região. No entanto todas as tentativas foram sendo sucessivamente abandonadas perante a resistência britânica.

O Acordo Anglo-Russo de 1907 é um desses momentos em que o poder marítimo ocidental se superiorizou claramente ao poder continental (e também marítimo) da Rússia. Neste acordo os russos reconhecem que tanto o Afeganistão como toda a parte sul da Pérsia são zonas de influência britânica, enquanto estes últimos reconhecem o norte da Pérsia como zona de acção preferencial do Império Russo. O czar Nicolau II consegue assim garantir a segurança de toda a parte sul do seu território, bem como a hegemonia no Cáspio. No entanto, o Golfo Pérsico fica completamente afastado de qualquer partilha entre os dois países, tornando-se numa zona neutra, ou seja os russos não se estabeleceriam ali, mas também a Marinha Real Britânica estava afastada de patrulhar o Golfo, facto que na realidade só beneficiaria em grande escala a Grã-Bretanha.¹⁷⁸

Nas vésperas da II Guerra Mundial, em 1940, a então URSS (representada por Molotov numa visita a Hitler) ainda procurou junto do seu efémero aliado nazi, o apoio às pretensões russas sobre o sul da Pérsia e como é óbvio o seu Golfo, de forma a corrigir o erro que tinha cometido quase quarenta anos antes. No entanto, as hostilidades entre russos e britânicos no Médio Oriente sofreriam um revés com a entrada da URSS na guerra contra a Alemanha. A Marinha Soviética e a Marinha Real Britânica estiveram em plena sintonia e todo o esforço de guerra no sul da URSS liderado pelo Marechal Timoshenko foi preciosamente auxiliado pela cooperação entre ambas. Os britânicos haviam estabelecido em 1941 uma rota com a URSS através do porto iraniano de Bushire, no Golfo Pérsico, fornecendo material militar, rações de combate e mesmo combustível para o Exército

¹⁷⁸ “That was where British diplomacy was so clever. After preventing Russia from obtaining an ice-free port in the Far East by means of the Anglo-Japanese Alliance, it would have been unreasonable to deny her one in the Middle East. So England gave up the Gulf and made it into a neutral zone with which neither Power was to interfere. In effect, she prevented Russia from coming out into the Gulf, a diplomatic victory.” (Mitchell, 1949, p. 159)

Vermelho aguentar o cerco da *Wehrmacht* ao seu país. O importante papel da Marinha Soviética e do seu controlo sobre o Mar Cáspio foi crucial para que esta rota de apoio britânico tivesse sucesso. Tivessem os alemães conseguido deitar mãos aos portos de Baku e de Astrakhan e a Flotilha Soviética do Cáspio estaria completamente condenada.

Com efeito, as duas guerras mundiais aguçaram o apetite de Moscovo pelo Golfo Pérsico e conseqüentemente pela Índia. Rapidamente, após 1945, os soviéticos procuraram expandir a sua influência a estes países que aos poucos se iam libertando da administração britânica. As maneiras mais eficazes foram através do fornecimento de petróleo a custos relativamente baixos e ainda a venda de armamento. Também as construções de caminhos-de-ferro no território do Cáucaso e da Ásia russos transparece uma série de objectivos geopolíticos importantes.¹⁷⁹ Países como o Afeganistão e a Índia, embora que se agrupassem nos Não-Alinhados,¹⁸⁰ tinham relações relativamente próximas com a URSS. Porém estas eram ainda regiões dominadas pelas potências marítimas ocidentais e para os russos conseguirem efectivamente ameaçar esse domínio seria necessário um esforço gigantesco e sem garantias de ser bem-sucedido.

Para além da oposição britânica, os russos enfrentavam igualmente a oposição indiana, doravante uma potência marítima.¹⁸¹ No Irão, Iraque e Arábia Saudita, os britânicos continuavam a ser mais dominantes, surgindo um novo actor nesta cena e que chegaria logo após a II Guerra Mundial para ficar – os EUA. As previsões do Almirante Mahan acabaram por se concretizar¹⁸² e como tal, em virtude das imensas reservas petrolíferas descobertas na

¹⁷⁹ No Cáucaso, o objectivo das linhas de transporte ferroviário passavam por garantir à Rússia uma passagem via terrestre até aos estreitos do Mar Negro. Já junto ao Mar Cáspio e zona envolvente do Turquestão, as ferrovias eram apenas a ponta do iceberg, com vista a estabelecer uma linha terrestre de apoio a uma futura presença russa no Golfo Pérsico e no Oceano Índico.

¹⁸⁰ Grupo de países, principalmente do Terceiro Mundo, que pelo menos teoricamente, não alinhavam com nenhum dos dois grandes blocos saídos da II Guerra Mundial – Comunistas e Capitalistas.

¹⁸¹ “*Dominating as she does the great basin of the Indian Ocean, India must be grouped among the maritime, not the continental states.*” (Mitchell, 1949, p. 163)

¹⁸² Mahan avisara ainda em finais do séc. XIX que durante as décadas seguintes, a intensa exploração petrolífera em solo americano levaria a uma diminuição considerável das suas reservas, que se sabiam desde logo que eram algo limitadas. Isso obrigaria os EUA a procurar alternativas principalmente nas regiões onde se suspeitava (sendo depois confirmado) que existissem as maiores reservas petrolíferas do mundo, nomeadamente na região do Golfo Pérsico. A necessidade dos americanos face a esta matéria-prima por um lado, e o perigo de ficar dependente de uma potência rival (continental) no que toca ao abastecimento desta, por outro, levavam a que mesmo que não fosse essa a sua vontade, os EUA teriam que expandir a sua influência para além do continente americano e dos oceanos que o rodeiam (Pacífico e Atlântico) como era a sua tradição, colocando o isolacionismo norte-americano do séc. XIX definitivamente na gaveta.

região do Golfo Pérsico, os americanos viram-se obrigados a entrar neste jogo que já vinha sendo jogado por russos e britânicos um século antes. Assim, o sonho russo de controlar o Golfo Pérsico e assim chegar à Índia parece cada vez mais uma miragem, na medida em que as duas maiores potências marítimas (EUA e Grã-Bretanha) nunca permitirão que a potência continental consiga deitar mão àquela região e assim conseguir obter o tão ambicionado acesso aos mares quentes do sul e às reservas petrolíferas imensas desta zona, facto que garantiria à Rússia um grande aumento do seu poder marítimo e económico, catapultando-a para uma posição de vantagem face aos rivais ocidentais.

De facto, acima de tudo é com os americanos que os russos rivalizam nesta região. Os objectivos passam não só por reafirmar o estatuto de grande potência da Rússia mas também por garantir que nenhum foco de instabilidade desta região se propague para o território meridional russo¹⁸³ (já de si bastante instável). Esta postura de Moscovo ajuda a explicar as posições firmes contra os *lobbies* americanos nas Nações Unidas a favor de aumentos de sanções ou mesmo intervenções armadas em países como o Irão ou Iraque.¹⁸⁴ Embora a situação iraquiana esteja mais ou menos controlada, a constante pressão do Irão em querer obter tecnologia nuclear não é propriamente vista com bons olhos pelos russos, preferindo ainda assim manter boas relações com Teerão de modo a puderem ver de perto qual a utilização dada a essa tecnologia.

¹⁸³ “Two factors account for a more assertive Russian policy in the Persian Gulf. One has to do with the reestablishment of Russia as a great power. The other involves a sense that the ‘near abroad’ (republics of the former Soviet Union other than Russia) directly affects Russian stability and security; the Middle East, in other words, can affect the Caucasus and Central Asia, and through them Russia itself.” (Grummon, 1995)

¹⁸⁴ “But the Russians are less willing to accept the post-Gulf War policy framework for the region developed and sustained by the United States, which seeks to isolate and contain Iraq and Iran and promote close U.S. bilateral security and commercial ties with the other Gulf states. Increasingly, that approach is seen by Moscow as serving only U.S. interests.” (*idem*)

10. O Atlântico

É certo que o oceano Atlântico não é nem nunca foi propriamente uma zona de acção ou de interesse para a Rússia. Porém, a conquista da supremacia naval no Báltico, o importante papel dos Navios Quebra-Gelo russos no Ártico (abrindo novas rotas marítimas para o Pacífico a Leste e para o Atlântico a Oeste) e a enorme frota de Submarinos da Marinha Russa têm contribuído para um aumento da cobiça deste país sobre uma massa oceânica que tradicionalmente é dominada pelas potências marítimas anglo-saxónicas (EUA e Grã-Bretanha).

As atenções russas sobre o Atlântico remontam ao séc. XIX, numa altura em que a Marinha Imperial Russa estava em reestruturação e começava finalmente a querer dar mostras de capacidade de actuação global. É durante o período das descolonizações espanholas na América Central e do Sul que os russos manifestam algumas posições acerca do rumo dos acontecimentos.¹⁸⁵ O interesse em Cuba surge também pela primeira vez (cerca de um século antes da Crise dos Mísseis de Cuba) bem como nalguns países da América do Sul que se vinham sucessivamente a revoltar contra a metrópole espanhola. No entanto e após o desastre da Guerra da Crimeia, o Império Russo não dispunha de nada mais para além da retórica para contrariar o aumento da influência americana no Atlântico, visto que contrariamente à capacidade marítima dos EUA em franca ascensão,¹⁸⁶ a Marinha Imperial estava praticamente de rastos e portanto a Rússia não dispunha de capacidade de actuação numa zona tão distante nem de vontade para o fazer.

Ainda no séc. XIX, os navegadores Lazarev e Bellingshausen chegaram a navegar pelo Atlântico Sul, alcançando a Antárctida, embora somente com objectivos científicos, correspondendo às ambições de Alexandre I sob as quais a Rússia teria que ser capaz de navegar ou de estar presente em todos os mares do planeta. As expedições destes dois navegadores russos serviriam não só para descobrir novos territórios no Pólo Sul, mas também para abrir caminho a futuras expedições russas e ao mesmo tempo aumentar e difundir o prestígio da Marinha Imperial.

¹⁸⁵ Por exemplo, durante a crise hispano-americana de 1819-1820 na qual se dá a integração da Flórida (até então colónia espanhola) nos EUA, o Czar Alexandre I manifesta-se fervorosamente contra a passagem dessa colónia para a soberania americana. Mais tarde, também as revoltas dos cubanos contra os domínios de Espanha e dos EUA foram apoiadas pela Rússia (Mitchell, 1949).

¹⁸⁶ Numa altura em que surgem os contributos de Alfred T. Mahan para as teses do Poder Marítimo.

Pese embora estes rasgos de presença no Sul, todo e qualquer interesse russo no Atlântico só fazia sentido efectivamente no Norte, em virtude do maior alcance do seu raio de acção. Mas se durante o séc. XIX as ambições russas nesta zona não passavam de remotas possibilidades, no século seguinte tudo mudaria. O domínio russo/soviético no Báltico, no Ártico e no Mar Negro abriram os olhos dos ocidentais que até então tendiam a desvalorizar a capacidade russa de chegar ao Atlântico. Mas a velha questão dos estreitos continuava a ser um entrave à deslocalização atlântica da Marinha Russa.¹⁸⁷ Desde logo, Grã-Bretanha e Alemanha procuraram enfaticamente manter os russos presos no Báltico (visto que era o local onde a Rússia era mais vulnerável), de modo a impedi-los de ameaçarem os Estados Escandinavos e assim abrirem uma porta para o Atlântico.

Mas se a Suécia e a Noruega estavam sob a tradicional alçada de protecção britânica,¹⁸⁸ o mesmo não sucedia à Finlândia que fora atacada em 1939 pela URSS. Numa altura em que todas as preocupações britânicas se concentravam no *III Reich*, os soviéticos aproveitaram para deitar mão às penínsulas de Rybachiy e Sredni (que se tornariam peças essenciais para a indústria de submarinos nucleares soviéticos durante a Guerra-Fria¹⁸⁹) às quais se juntou no final da II Guerra Mundial o *oblast* de Petsamo e o território prussiano de Königsberg. Ainda durante o conflito internacional na Europa, os soviéticos anexaram também as Repúblicas do Báltico. Assim, em finais de 1945 e com estas obtenções territoriais de pontos-chave no Báltico, a URSS estava mais próxima do que nunca de conseguir alcançar os seus objectivos atlânticos.

Outro ponto estratégico cobiçado pelos russos foi o arquipélago de Spitzbergen, no Ártico, que de acordo com o Tratado de 1920 ficara sob a soberania norueguesa e segundo o qual seria completamente proibido a construção de bases navais nestas ilhas ou concessão das

¹⁸⁷ “Words written by Mackinder may be recalled at this point: ‘The Islanders of the World cannot be indifferent to the fate either of Copenhagen, or of Constantinople, or yet of the Kiel Canal, for a Power in the Heartland and East Europe could prepare within the Baltic and Black Seas, for war on the ocean.’” (Mackinder, 1919 p. 224, *apud* Mitchell, 1949, p. 282)

¹⁸⁸ “(...) it has always been a maxim of British policy in Europe to support the small nations on the Atlantic coast, as Norway, Denmark, Holland, Belgium, and Portugal constitute a British line of defence against the strongest Powers on the Continent.” (Mitchell, 1949, p. 286)

¹⁸⁹ “ACTIVITIES: Nuclear-powered submarines have operated out of Rybachiy base since the mid-1960s. By the late 1980s, Rybachiy had become Russia's largest nuclear submarine facility, serving as the home port to 15 Soviet SSBNs. However, a decade later (as of March 1998), this number had dropped to nine active-duty SSBNs (all Delta IIIs), after the withdrawal from service of three Delta Is and three Yankee Is between 1993 and 1997. By 1999, the number of active SSBNs had dropped to four, with at least one decommissioned SSBN (likely a Yankee) remaining in Kamchatka.” (in <http://wikimapia.org/118355/Kamchatka-Rybachiy-Nuclear-Submarine-Base>)

mesmas a outros países. Estas pequenas ilhas junto à Gronelândia, embora ricas em carvão, possuíam um valor estratégico de última instância para os russos, na medida em que permitiria obter uma posição de destaque nas rotas aéreas do Ártico que estava a ser desenvolvidas, permitindo à URSS juntar o controlo aéreo ao marítimo que já detinha no Pólo Norte. Além disso, permitiria fazer frente às bases americanas na Gronelândia, visto que apenas 724 km as separavam de Spitzbergen.¹⁹⁰ No entanto, as pressões soviéticas para uma revisão do tratado em 1944 foram negadas pelas potências ocidentais, sendo que qualquer tentativa de lançar uma ofensiva sobre estas ilhas caiu por terra quando a Noruega aderiu à NATO.



Mapa 23 - Localização do Arquipélago de Spitzbergen (fonte: http://www.vacationstogo.com/cruise_port/Svalbard_Archipelago_Norway.cfm)

¹⁹⁰ "The acquisition of Spitzbergen could thus provide Russia with an offensive base on the North Atlantic, as well as a defensive one for her own Arctic coast and her naval ports of Molotovsk, Murmansk and Poliarnoye." (Mitchell, 1949, p. 287)

11. A Ocidente: Os Canais de Navegação

Quando em 1869 e em 1914 são inaugurados respectivamente os canais do Panamá e do Suez, as vantagens para os seus principais usuários são enormes, permitindo aos EUA reforçar o seu poder marítimo no Pacífico e Atlântico e à Grã-Bretanha aumentar ainda mais o controlo da rota do oriente até à Pérsia e à Índia. Mas esta ligação entre mares não se ficou por aqui e os russos, à mercê do seu encravamento continental tiveram que inovar e aplicaram o mesmo conceito só que a nível fluvial.

Com efeito, a construção de canais nos grandes rios, juntamente com o Transiberiano e a Rota Marítima do Norte, tem diminuído a dependência russa de rotas marítimas estrangeiras. A ideia não é nova e remonta ao reinado de Pedro I, *O Grande*. No entanto os esforços desenvolvidos na altura são completamente desadequados ao funcionamento e própria dimensão das embarcações de hoje em dia. Durante os tempos da URSS foram levados a cabo um grande número de projectos na área dos canais de navegação com vista a três objectivos essenciais: a norte ligar o Mar Branco ao Mar Báltico; no centro ligar o Mar Báltico ao Mar Negro e a sul ligar o Mar Cáspio ao Mar Negro.



Mapa 24 - Canal Báltico-Branco construído em 1932 (fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:White_Sea_Canal_map.png)

O Canal Báltico-Branco foi o primeiro a sair do papel, sendo inaugurado em 1932. Tal como muitas outras grandes obras do Estalinismo, foi construído à base do trabalho escravo dos GULAG. O seu efeito foi imediato e permitiu encurtar a distância entre São Petersburgo e Arkhangelsk, ao mesmo tempo que a Frota do Báltico passou a estar bem mais próxima da Frota do Norte.

Cinco anos mais tarde, em 1937 é concluído o Canal Moscovo-Volga, com o principal objectivo de satisfazer as necessidades de água de uma cidade cada vez maior em extensão e em população. Com uma extensão de 128 km, este canal liga o rio Volga ao rio Moscovo, e é também muito importante em termos de produção de energia hidroeléctrica.



Mapa 25 - Rio Volga e os seus afluentes, sendo o Canal Moscovo-Volga representado a vermelho (fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Moscovo)

Quando em 1952, é feita a ligação entre os rios Don e Volga através do Canal Volga-Don, o Mar Cáspio (onde desagua o Volga) e o Mar Negro (onde desagua o Don) ficam interligados através deste importante canal. A ligação entre os dois rios é feita na zona em que estes se aproximam mais, ligando a histórica cidade industrial de Volgograd (ex-Estalinegrado) a Kalach-na-Donu. Tal como o Canal Báltico-Branco, também este fora projectado durante o reinado de Pedro I, *O Grande*, a quando da conquista e supremacia sobre



Mapa 26 - Canal Volga-Don (fonte: <http://megaconstruccion.net/?construccion=canal-volga-don>)

os Otomanos no Mar de Azov em finais do séc. XVII. Em termos comerciais representa um papel importantíssimo, permitindo uma maior conexão entre a indústria mineira de Donetsk e a petrolífera do Mar Cáspio. De facto, o grande crescimento industrial quer da antiga Estalinegrado quer de Donetsk resulta em grande parte deste Canal.



Mapa 27 - Canal Báltico-Volga após a sua reestruturação em 1964 (fonte: <http://www.britannica.com/EBchecked/media/121025/Map-of-the-Volga-Baltic-Waterway>)

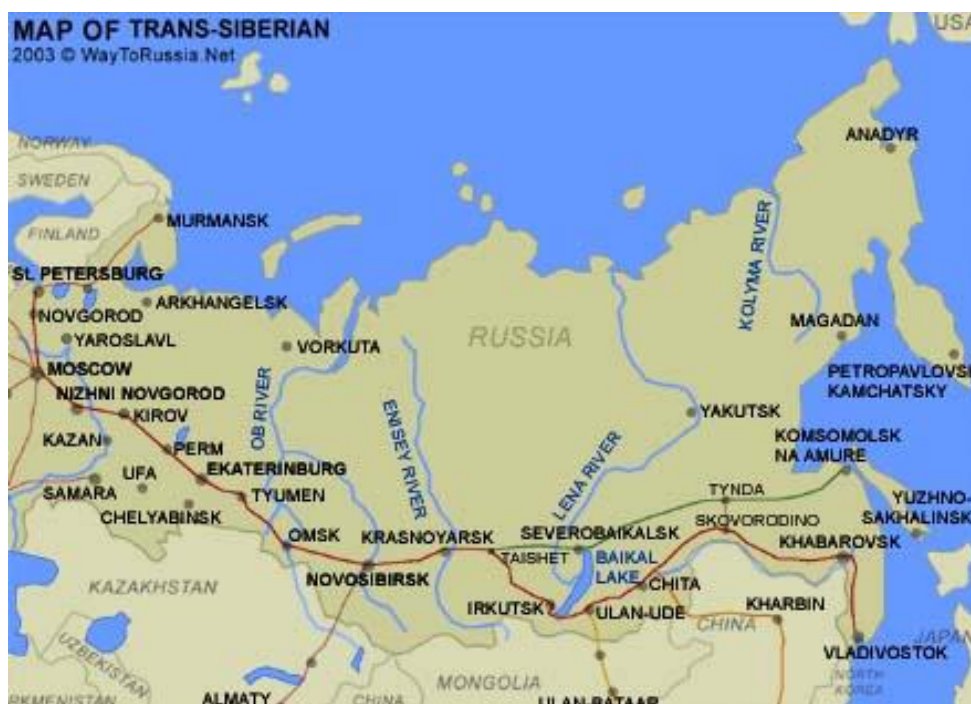
O último dos grandes Canais Fluviais da Rússia foi aberto à navegação em 1964, e através de uma série de ligações entre rios e lagos,¹⁹¹ estabelece a ligação entre São Petersburgo no Mar Báltico e o Reservatório Rybinsk onde passa o Rio Volga. Esta ligação segue a antiga rota do Sistema Mariinsky, com mais de 150 anos de história, sofrendo na década de 60 do século

passado obras de melhoramento com vista a poder receber navios de porte maior. Agora denominado Canal Báltico-Volga, esta heterogénea rede fluvial é utilizada não só pela indústria do turismo, mas também na exportação de petróleo e madeira serrada através dos portos russos do Báltico. Numa perspectiva abrangente, o maior rio da Rússia e a sua cidade litoral mais importante estavam agora ligados.

Embora tivessem sido quase todos construídos durante os tempos da URSS, o regime comunista não optou pelo seu encerramento à navegação estrangeira comercial. Muito pelo contrário, incentivou as frotas comerciais da Grã-Bretanha, Alemanha, Holanda, França, Dinamarca e Irão a fazerem uso do sistema de canais fluviais soviéticos, obtendo grandes lucros através do pagamento de taxas de utilização. A nível estratégico, a importância dos canais também se destaca, na medida em que permite a ligação entre as Frotas do Báltico e do Norte com a do Mar Negro (e ainda a Flotilha que os russos possuem no Cáspio), sem a necessidade de entrar em águas internacionais. Ainda assim, a pouca profundidade dos canais, a reduzida largura das comportas de ligação e o gelo que se acumula no Inverno continuam a demarcar-se como os grandes obstáculos à livre navegação nestes canais.

¹⁹¹ O percurso desta rede de canais, de Leste para Oeste é feito segundo a seguinte ordem: Reservatório de Rybinsk, Rio Sheksna, Lago Byeloe, Rio Kovzha, Lago Onega, Rio Svir, Lago Ladoga, Rio Nieva e termina em São Petersburgo (Fairhall, 1971).

A importância das bacias hidrográficas do Obi, Yenesei e Lena adquire ainda mais relevo se atendermos à situação continental do interior da Rússia, que estando praticamente isolados do resto do continente asiático e europeu, encontravam nestas duas rotas fluviais a única forma de conectarem com o mundo exterior. No entanto somente com o aparecimento dos Navios Quebra-gelo é que foi possível pensar numa utilização mais frequente destes dois rios, visto que ambos durante grande parte do ano encontram-se parcialmente fechados à navegação em virtude do gelo que neles se forma. Outro factor que contribuiu para um olhar mais atento sobre a Rota da Sibéria foi o surgimento do Transiberiano, permitindo em determinados pontos, ligar a Rota Marítima do Norte com os transportes ferroviários continentais russos.



Mapa 29 - Relação geográfica entre o Transiberiano e os três grandes rios siberianos - Lena, Yenesei e Obi (fonte: <http://beta.waytorussia.net/TransSiberian/Route.html>)

Com efeito, os rios siberianos estavam inseridos numa estratégia russa de estabelecer uma ligação efectiva e permanente entre a Sibéria, o Mar Branco e o Báltico, permitindo não só retirar esta região do isolamento continental, mas também fornecer uma base de apoio ao poder marítimo sediado em São Petersburgo. Foi precisamente durante a Guerra Civil que os Bolcheviques (“Vermelhos”) começaram a desenvolver algumas expedições com vista a dominarem estas rotas e assim cercarem os inimigos “Branco” e a verdade é que o sucesso

das mesmas – como é o caso da expedição ao Mar Kara¹⁹³ – vieram provar que a criação de uma rota marítima no Ártico não era algo impossível de se concretizar.¹⁹⁴

Com a criação da Rota Marítima do Norte, todas as regiões envolventes destes rios conheceram uma expansão considerável, sendo agora possível escoar não só produtos alimentares através do Obi e Yenesei, mas também matérias-primas como petróleo, madeira, ouro, carvão e muitas outras. Não é raro encontrarmos também centrais nucleares ou hidro e termoeléctricas nestas zonas que há cem anos atrás eram praticamente desérticas e dedicadas quase na totalidade à agro-pecuária. No geral, a criação desta Rota Fluvial Siberiana e sua ligação ferroviária (Transiberiano) e marítima (via Rota Marítima do Norte) tornou as regiões envolventes do Obi e do Yenesei em grandes centros industriais, como podemos verificar no mapa seguinte.



Mapa 30 - Grandes centros industriais da Rússia (fonte: <http://www.harpercollege.edu/mhealy/geg101/renata/russialecture.htm>)

¹⁹³ Expedição realizada em 1919, onde os russos tiveram que enfrentar as difíceis condições de navegação, não só pelo gelo, mas sobretudo devido às interferências magnéticas próprias de uma região polar. Daí em diante foram construídos navios à base de um metal não-magnético e equipados com material científico com vista aos estudos meteorológicos. No entanto, o período de navegação no Mar Kara é ainda muito curto (mais ou menos três meses por ano) e mesmo no Obi e Yenesei a navegação só é possível graças ao papel dos Navios Quebra-gelo (Mitchell, 1949).

¹⁹⁴ Quatro secções da Costa Russa do Ártico: Mar Kara até ao Delta do Yenesei; Delta do Yenesei até ao Cabo Cheliuskin; De Cheliuskin até ao Delta do Kolima e deste último até ao Estreito de Bering.

13. Pode a Rússia ser considerada uma Grande Potência Marítima?

Analisando todo este capítulo, é efectivamente uma questão à qual não podemos fugir. Sendo a Rússia uma gigantesca massa continental, banhada por dois oceanos e quatro mares, estando presente desde há vários séculos em quase todos eles (nalguns registando níveis de sucesso superior do que noutros, é certo) e possuindo umas Forças Armadas (nomeadamente no campo naval) com capacidade bélica de pelo menos impor respeito aos restantes países, será tudo isto suficiente para considerar a Rússia como uma Grande Potência Marítima à escala mundial? Poderemos portanto incluir os russos no mesmo “barco” que norte-americanos e britânicos? É algo complexo e que merece uma reflexão mais detalhada.

Pelo menos a nível regional, é inegável que a Rússia mantém uma posição de destaque face aos seus vizinhos, sendo isso mesmo assertivamente defendido pelos seus líderes.¹⁹⁵ Quando no início do séc. XXI Vladimir Putin assume o comando do país, todo o marasmo e esquecimento em que havia caído a Marinha Russa e todas as questões navais durante os anos 90 do século passado são definitivamente sepultados¹⁹⁶ e são prontamente definidas uma série de doutrinas ou conceitos estratégicos orientadores das políticas navais do país. No que à geopolítica marítima diz respeito importa retermos dois deles: a Doutrina Marítima da Federação Russa para 2020 e os Princípios Básicos da Federação Russa no campo das actividades navais em 2010. Em ambos os documentos está bem expressa a vontade da Rússia não só não abdicar do seu direito histórico de ser uma potência dominante nos mares que a banham, mas também o desejo de reforçar a sua posição noutros pontos do globo.¹⁹⁷

¹⁹⁵ “Historically, Russia - the leading maritime power, on the basis of its spatial and geophysical features, place and role in global and regional international relations. She earned this status because of geographical location with access to three oceans and sea borders, as well as a tremendous contribution to the study of the oceans, to the development of shipping, many great discoveries made by famous Russian navigators and adventurers.” (Putin, 2001, p. 1)

¹⁹⁶ “Naval activities related to the protection and promotion of national interests and security of the Russian Federation in the oceans falls under the category of higher government priorities (...) Navy is the main pillar and foundation of maritime capabilities the Russian Federation, one of the tools of foreign policy and is designed to protect the interests of the Russian Federation and its allies in the oceans by military methods, the maintenance of military-political stability in the adjacent seas, military security with marine and ocean areas.” (Idem, p. 9)

¹⁹⁷ “The implementation of the doctrine of the Russian Federation, Maritime will help to achieve high efficiency of maritime activities, the sustainable development of the state, protect and promote national interests and security of the Russian Federation in the oceans, to strengthen the international authority of Russia (...) The

Nas décadas de 70 e 80, a Marinha Soviética era altamente respeitada, sendo a única no mundo capaz de fazer frente à norte-americana. Tal como verificámos ao longo deste capítulo, a sua capacidade de projecção de poder nos diversos teatros de operações aqui analisados é assimilável (com menor intensidade no Golfo Pérsico e no Atlântico). Porém, tal como o próprio regime comunista, esta acabou por cair em desgraça com a falta de verbas financeiras que fossem capazes de sustentar um ramo das Forças Armadas que exigia bastante dinheiro para se manter e desenvolver. As crises económicas que a Rússia viveu desde o fim do Comunismo também não ajudaram. As crises internas e os conflitos com os chechenos levaram a que uma maior atenção fosse dedicada às forças terrestres do Exército. A Marinha entrou em estado de hibernação. Somente na última década, com a grande pujança económica da Rússia é que o declínio da Marinha Russa tem vindo a ser invertido. O legado de Putin à frente do país leva-nos a acreditar que esta procura de aumento de prestígio e influência além-mar é (a par da expansão económica personificada por empresas como a Gazprom) um dos instrumentos mais eficazes de suporte à política externa da Rússia, pese embora o recente reforço do investimento na Marinha Russa¹⁹⁸ não a permita poder ainda rivalizar com a Marinha Norte-Americana. Ainda assim e assumindo que os EUA ainda são donos e senhores dos mares, é importante perceber que esta posição de *Sea Power* não depende exclusivamente da quantidade de poder de fogo que uma marinha de determinado país possui.¹⁹⁹

A última década mostrou também uma mudança no conteúdo ou agenda da política naval da Rússia. Se durante os primeiros anos da governação de Putin o discurso foi muito direccionado para o Ocidente no sentido de ali incutir o medo que antigamente era sentido nos tempos da Guerra Fria, perante uma suposta aparição de uma Marinha Russa tão ou mais

Russian Federation is a national maritime policy, will strongly and firmly to strengthen its position among the leading maritime nations.” (Idem, p. 17)

¹⁹⁸ “In July 2010, the Speaker of the State Duma, Boris Gryzlov announced that spending on the Russian Navy would increase, encompassing both the upgrading of ships and infrastructure; defence spending in 2010 has been increased by 3.4 per cent overall of which the Navy receives 40 per cent. Further, it is reported that Russian defence spending may increase by as much as 60 per cent by 2013 with the Navy being a major beneficiary.” (Bosbotinis, 2010, p. 32)

¹⁹⁹ “While its [Russia] power projection capabilities are modest compared with the U.S. Navy, they should not be underestimated or, even worse, ignored. (...) The U.S. Navy is second to none in terms of its combat power. However, combat power should not be confused with naval influence. The Russian Navy might be inferior in overall combat power compared with the U.S. Navy, but a combination of shorter distances and time to project its power, along with skillful diplomacy, might result in a greater naval influence in the ocean/sea area close to Russia’s shores. The resurgence of Russia’s naval power is bound to find the U.S. and NATO navies operating in a far more complicated environment in the years ahead compared with the one in the 1990s and early 2000s.” (Vego, 2009)

poderosa que a Soviética, com a chegada ao poder de Medvedev assistimos a uma alteração desde logo no discurso sobre o papel das Forças Armadas do país e em especial da Marinha. O agora ex-Presidente Russo, empresário de sucesso e membro da elite de São Petersburgo próxima de Putin incutiu na Marinha uma agenda económica a juntar à de defesa do território nacional. A Rússia deveria libertar-se em definitivo das correntes continentais eurásianas e começa uma nova estratégia marítima com vista à exploração económica no Ártico, Cáspio e Pacífico. A lógica de confronto com os EUA que havia derrubado a URSS por falta de financiamento, deve ser substituída por uma lógica de competição. Portanto, mais do que as diferenças ideológicas ou os tradicionais sentimentos de insegurança russos, é a economia e os benefícios resultantes do seu desenvolvimento que têm servido de combustível à política naval da Rússia.²⁰⁰

Verifica-se portanto um regresso ao pensamento do Almirante Gorshkov (como já analisámos anteriormente) que considerava que a Rússia, enquanto grande potência continental e marítima precisava de uma frota capaz de sustentar e mesmo projectar esse poder noutros países, daí a grande política de modernização da frota naval russa.²⁰¹ A Rússia Marítima de hoje em dia tem claramente presente os ensinamentos de Mahan e procura encetar uma estratégia que lhe permita de uma vez por todas atingir o *Sea Power*.

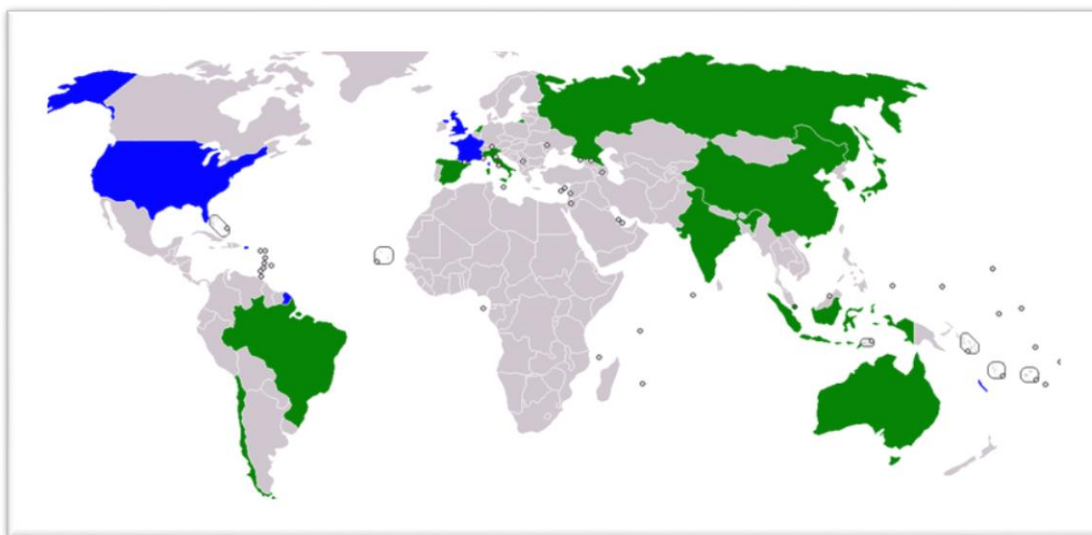
Mas regressando à questão de partida e tendo presente que existe vontade e um planeamento adequado e bem estruturado, pode a Rússia ser já considerada uma grande potência marítima ou é expectável que o venha a ser num futuro próximo? Tradicionalmente, como já verificámos, a Rússia é uma grande potência continental que faz uso do seu poder marítimo apenas em termos periféricos e com objectivos de defesa do território nacional. Por isso teremos sempre que incluir a Rússia no conjunto das *Land Power*. No entanto, os ensinamentos de Mackinder não são certamente negligenciados pelos governantes russos, na medida em que a possibilidade de juntar ao poder continental o poder marítimo ser demasiado

²⁰⁰ “Two themes characterize Russian strategic guidance to its military. First, all branches of the military will be reformed through downsizing and professionalization. Those most in danger of severe cutbacks are those not optimally responsive to the ends of Russian grand strategy. Second, Russia’s economic interests require a complementary military force to provide security and expansion. These considerations shape Russia’s thinking about its navy.” (Fedyszyn, 2012)

²⁰¹ “(...) eight new SSBNs; seven SSGNs and a new class of SSN; six large nuclear-powered aircraft carriers; four upgraded nuclear-powered guided missile cruisers and potentially new-build vessels; up to thirty new frigates and a new class of destroyer (perhaps in similar numbers to the frigates); around thirty new corvettes; and new amphibious warfare ships including four (possibly five) LHDs and potentially four LPDs..” (Bosbotinis, 2010, p. 33)

aliciante para ser guardada na gaveta. Apesar de todos os esforços desenvolvidos nos últimos anos, a Rússia enfrenta uma série de forças de bloqueio que não permitem, pelo menos num futuro relativamente próximo, atingir o estatuto de grande potência marítima.

Desde logo a sua malograda geografia, que tanto lhe ofereceu a grande fortaleza do Heartland como a encravou nela mesma e por isso enquanto a Marinha Russa não tiver capacidade para aplicar o poder naval na verdadeira essência do mesmo, não conseguirá competir com as verdadeiras potências marítimas.²⁰² O mesmo quer dizer que controlar o Báltico, o Mar Negro, o Cáspio e o Ártico não é suficiente. As grandes potências marítimas exercem o seu poder nos grandes oceanos – Atlântico, Índico e Pacífico – e possuem as chamadas *Blue Water Navy* ou Marinhas de Guerra Oceânica.²⁰³



Mapa 31 - Lista de países de *Blue Water Navy* (a azul) e de *Green Water Navy* (a verde) (fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Navy_capabilities.png)

²⁰² “Naval power is characterized by fungibility and flexibility. Because of the relatively open nature of the seas, ships and fleets can be transferred between ports and crisis zones in order to conduct operations or exert influence. Indeed, one of the key appeals of naval power is the ability of warships to respond to crises in a variety of locations without requiring a longstanding political and infrastructural commitment. However, of all the major naval powers, Russia remains most tightly constrained by its unfortunate maritime geography. Russian warships based in the Arctic, Baltic, Black Sea and Pacific cannot easily support one another.” (Farley, 2011)

²⁰³ “(...) é aquela que é organizada e equipada de modo a ter a capacidade de operar afastada das águas costeiras do seu país. Este tipo de marinha de guerra possui navios capazes de operar por longos períodos de tempo no mar alto, bem como uma capacidade logística para os apoiar nessa operação. As marinhas oceânicas mais poderosas dispõem de navios propulsados a energia nuclear que podem operar quase ilimitadamente, uma vez que não precisam de ser abastecidos de combustível.” (in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marinha>)

De momento, a Rússia ainda não tem os requisitos necessários para ter uma marinha deste género,²⁰⁴ pelo que o termo mais comum para designar a Marinha Russa é *Green Water Navy*, ou seja, uma marinha de guerra que possui de facto alguma capacidade intervenção nos grandes oceanos mas que não beneficia das condições necessárias para desenvolver grandes operações de forma singular e autónoma (inexistência ou reduzida quantidade de porta-aviões e bases navais noutros países).

Outro grande entrave às aspirações marítimas da Rússia está precisamente naquele que tem sido o seu motor nos últimos anos – o dinheiro. Embora goze agora de uma situação financeira mais estável do que no início dos anos 90, a Rússia ao entrar para o sistema da globalização é obrigada a jogar de acordo com as regras desse mesmo sistema, pelo que, quando estala uma crise global como a de 2008 ninguém fica de fora e a Rússia sentiu os efeitos. Os planos de modernização dos meios navais do país têm tanto de ambiciosos como de extramente dispendiosos, pelo que muitas vezes é necessário recorrer a empréstimos a países terceiros. Os EUA apercebendo-se dessa necessidade de financiamento, têm concedido crédito facilitado a Moscovo mas somente na condição deste ser usado ou na desactivação de material nuclear ou no desenvolvimento das forças terrestres do país – o objectivo passa conter a Rússia no seu Heartland e impedi-la de chegar aos grandes oceanos.²⁰⁵

Por último, estas recentes vagas de corrida ao desenvolvimento do poder marítimo do país têm incomodado as grandes elites militares do Exército no Kremlin que historicamente sempre se sobrepuseram à Marinha. As diferenças de orçamento (em favor da Marinha) não agradam aos chefes militares que vêem os seus homens mal equipados em termos de armamento e com poucas projecções de virem a ver a sua situação melhorada. O moral cai a pique e a desmotivação no seio do Exército torna-se ainda maior se tivermos em conta que os

²⁰⁴ “Russia is simply unable – and thus unwilling – to wage a prolonged war at sea. This includes any limited war. Sir Julian Corbett wisely observed in 1911 that only a true maritime power could successfully wage a limited war – because with its superior navy, used only against islands or peninsulas, it is able to completely isolate the battlefield from outside supply and reinforcement while its army subdues the enemy leisure.” (Reynolds, 1989, p. 219)

²⁰⁵ “Moreover, restricting or limiting a strategic rival’s access to global waters also indirectly controls their military development by forcing a choice between developing on the sea or on land. A contemporary example might be that of the Russian Federation. Even with a windfall from its oil and natural gas income, Russia cannot yet afford a competitive blue-water fleet. The United States’ global naval power pressures Russia to maintain its continental forces, to invest in sustaining ground troops, arms, and equipment. Russia’s strategic attention is directed toward energy monopoly and Central Asian territory rather than into US-dominated waters. The Russians are not competitors to the US on the sea because of American transoceanic sea power and Russia’s own internal limitations.” (Cropsey & Milikh, 2012)

dois últimos confrontos militares que a Rússia foi chamada a intervir após o fim da URSS – Guerra da Chechénia nos anos 90 e conflito na Geórgia em 2008 – foram levados a cabo essencialmente pelos militares do Exército,²⁰⁶ sendo estes que sofreram as baixas e tiveram que viver de perto os horrores de um conflito armado.

Enquanto todas estas e outras questões de fundo não forem ultrapassadas, o estatuto de Grande Potência Marítima não pode ser na sua plenitude atribuído à Rússia. As diferenças para a França, Grã-Bretanha e EUA são ainda consideráveis e necessitam de mais tempo, mais dinheiro e mais diplomacia para serem atenuadas. Ainda assim, e acreditando que podem ser esbatidas as diferenças, a Rússia nunca poderá fugir ao seu destino geográfico e à sua continentalidade.²⁰⁷ Será sempre uma Grande Potência Continental mas por ora, é apenas uma Potência Marítima de peso regional mas com capacidade de projecção futura para moldes globais.

²⁰⁶ Embora no caso do conflito com a Geórgia em virtude do apoio russo às aspirações independentistas da Ossétia do Sul e da Abecásia, a Frota do Mar Negro chegou mesmo a participar em manobras e pequenos ataques na região da Abecásia, contra os soldados georgianos.

²⁰⁷ *“But without overseas bases and allies, Russia is still in no position, geographically, to mount and sustain overseas amphibious operations of any kind as long as her seaborne lines of communications are disputed by the U.S. Navy. Furthermore, like the Germans before them, once Russian warships and submarines escape their confined territorial waters, their safe return becomes highly problematical.”* (Reynolds, 1989, p. 219)

CAPÍTULO IV

Alguns objectivos geopolíticos da actual Federação Russa

1. Traços Gerais da Federação Russa

Em primeiro lugar, convém apresentarmos em traços largos este território que se propôs estudar – a Rússia ou Federação Russa. Tal como o próprio nome indica é uma federação de diversas divisões administrativas que se estende da Europa Oriental até à quase totalidade do continente asiático. É banhada por dois oceanos (Ártico e Pacífico) e por quatro mares (Báltico, Negro, Cáspio e Aral). Conta com uma população na ordem dos 140 milhões de pessoas, sendo que só na sua capital, Moscovo, habitam cerca de 10 milhões, sendo por isso a maior cidade da Europa. O colapso da URSS em 1991 deu lugar a uma república federal com um carácter especial. Mais uma vez os russos quiseram (ou talvez não tenham tido outra hipótese) inovar, ou simplesmente primar pela diferença, organizando o seu território de uma forma complexa.²⁰⁸

A Federação Russa está dividida em 89 unidades territoriais: 49 regiões, 21 repúblicas, 10 distritos autónomos, 6 territórios administrativos (*Krai*), 2 cidades federais (Moscovo e São Petersburgo) e 1 região autónoma (*Birobidyán*). As repúblicas elegem um presidente por sufrágio universal e estão dotadas de uma constituição. As regiões elegem um governador e regem-se por estatutos. Uma reforma recente estabelece que a nomeação dos governadores passe a ser da responsabilidade do Presidente russo, ainda que sujeita a aprovação pelo parlamento regional. Por outro lado, o Presidente da Federação nomeia um representante para vigiar a aplicação dos decretos e das leis federais nos respectivos territórios.

- *21 Repúblicas*: são as regiões da federação com maior grau de autonomia. Possuem um presidente, um parlamento e uma constituição próprias, para além do seu próprio idioma nalguns casos (para além do russo, claro). Normalmente são regiões de minorias étnicas não-russas. Ainda assim são representadas pelo Governo Federal no que respeita à política externa. A Chechénia, o Daguestão ou a Ossétia do Norte são algumas das mais conhecidas repúblicas russas.
- *46 Oblasts*: este termo russo denomina as “províncias” federais, com governo próprio a nível local. Não possuem o mesmo grau de autonomia das repúblicas.

²⁰⁸ A seguinte descrição da estrutura político-governativa da Federação Russa é baseada no relatório Dossier de Mercado Rússia de 2007, elaborado numa parceria entre o ICEP, a Agência Portuguesa para o Investimento e o Ministério da Economia e Inovação.

- 9 *Krais*: que podemos traduzir por “territórios”. Funcionam basicamente da mesma maneira que os Oblasts mas possuem um carácter histórico que os diferenciam das províncias.
- 4 *Okrugs*: ou “distritos autónomos” que foram originalmente criados dentro dos Oblasts e dos Krais para reunir uma determinada minoria étnica e permanecendo ainda hoje como parte integrante dos mesmos em termos político-administrativos.
- 2 *Cidades Federais*: Moscovo e São Petersburgo, pelo seu tamanho e importância histórica, política e económica possuem um estatuto diferente das restantes cidades da Federação.
- 1 *Oblast Autónomo*: o Oblast Autónomo Judaico que foi criado por Estaline durante os anos das “Grandes Purgas” como forma de separar os judeus da população russa sem ter que recorrer aos métodos de extermínio utilizados por Hitler. Actualmente a população judaica desta província corresponde apenas a 2%, sendo os restantes uma mistura de diversas etnias.

Em 2000, o Presidente Vladimir Putin efectuou uma reforma administrativa, agrupando as 89 unidades territoriais em 7 Distritos Federais cada um deles dotado de um representante plenipotenciário do Presidente. Os Distritos e as respectivas capitais são os seguintes: Centro (Moscovo), Extremo Oriente (Jabarovsk), Cáucaso Setentrional (Rostov), Noroeste (S. Petersburgo), Urais (Yekaterinburgo), Sibéria (Novosibirsk) e Volga (Nizhni Novgorod). A Constituição da Federação Russa prevê expressamente a primazia das leis federais sobre as restantes.



Mapa 32 - Mapa da Federação Russa e respectivas divisões administrativas (fonte: http://www.world-geographics.com/cfg/public/lib/img/maps/eurasia/map_of_russian_regions.png)

Quanto ao sistema político, a Rússia é uma República Federal, com regime presidencialista. O Presidente é eleito por sufrágio universal directo por um mandato de quatro anos e só pode ser reeleito uma vez. É também ele o comandante-em-chefe das Forças Armadas e promulga as leis federais. Pode também promulgar decretos sem tramitação parlamentar. Com a aprovação da Duma, nomeia o Primeiro-ministro, os presidentes do Banco Central da Rússia e do Conselho da Federação, os juízes do Tribunal Constitucional, Tribunal Supremo do Comércio e o Fiscal Geral. A Constituição confere-lhe o direito de dissolver a Duma e de declarar estados de excepção sobre a totalidade ou uma parte do território.

O Governo é composto pelo Primeiro-ministro, dezasseis ministros e respectivos vice-ministros, agências e serviços federais. O Governo é o responsável pela aplicação das decisões tomadas pelo Presidente e pelo Parlamento. Alguns ministérios dependem directamente do Presidente e não do Primeiro-ministro. São os denominados ministérios e organismos “de força”: Defesa, Assuntos Internos, Justiça, Assuntos Externos, Situações de

Emergência, Serviço Federal de Segurança, Serviço de Inteligência Externa, Serviço Federal de Correios, Serviço Federal de Controlo de Substâncias Narcóticas e Psicotrópicas, Serviço Federal de Guardas de Segurança, Agência Federal de Programas Especiais do Presidente da Federação Russa e Agência Federal de Direcção de Assuntos da Presidência.

O Parlamento, detentor do poder legislativo, é composto por duas Câmaras: a Duma ou Câmara Baixa, composta por 450 deputados, dos quais metade é eleita pelo sistema proporcional em listas de partidos de âmbito federal, e a outra metade é eleita, até agora, pelo sistema maioritário nas diversas circunscrições eleitorais. O mandato da legislatura é de quatro anos; e O Conselho da Federação, ou Câmara Alta, conta com 178 senadores, que representam os 89 territórios da Federação (dois por cada território). Estes senadores são designados (e não eleitos), um por parte do poder legislativo e outro pelo poder executivo das autoridades regionais.

Os Principais Partidos Políticos são: Rússia Unida; Partido Comunista da Federação Russa (CPRF); Partido Liberal Democrata da Rússia (LDPR); Terra-Mãe (União Patriótica Popular); Yabloko e União das Forças de Direita (SPS), sendo estes dois últimos bem conhecidos, mas com pouca tradição de representação parlamentar.

Ora, numa primeira análise aos dados expostos, podemos deduzir que a Rússia nasceu e cresceu de movimentos de expansão, conquistando inúmeros territórios e como consequência disso, alberga hoje um conjunto de povos e comunidades étnicas onde a língua russa fala mais alto e, de resto à semelhança da ex-URSS, mantém-se a tendência para uma crescente “russificação” do território, não só a nível interno, mas também nos países do Estrangeiro-Próximo. Ainda assim e de acordo com os censos de 2002 temos assim distribuída a origem étnica das principais populações da Federação Russa: Russos 79%; Tártaros 3,8%, Ucrainianos 2%, Bashkires 1,2%; Chuvaches 1,1 %, outros 12,1%.²⁰⁹

²⁰⁹ in <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>.

2. A CEI

Um dos principais objectivos geopolíticos da Rússia é garantir a exclusividade da presença e relacionamento russos nos países que consigo fazem fronteira e que antigamente se juntavam à Rússia na formação da URSS. É o que os russos denominam de “Estrangeiro-Próximo” e que tem para eles uma importância vital. Daí que uma das primeiras medidas da Rússia independente tenha sido o estreitamento de laços diplomáticos e inúmeros tratados de cooperação com as outras repúblicas que compunham a URSS, com especial atenção para a Bielorrússia, Ucrânia e países do Cáucaso – Geórgia, Arménia e Azerbaijão. Aliás, na mente de Boris Yeltsin (primeiro Presidente da Rússia após o fim do Comunismo), a queda da URSS deveria ter dado lugar a uma união destes países em que a Rússia assumiria um papel de protector/director nos assuntos externos. Mas como seria de esperar, enfrentou logo de início uma forte oposição desses países que não reconheciam na Rússia a mesma força com que a URSS lhes tinha imposto a permanência na União.

O melhor que os russos ainda conseguiram foi a Comunidade de Estados Independentes (CEI), que visava sobretudo afastar as ambições ocidentais daqueles países, garantindo a sua “lealdade” a Moscovo e ao mesmo tempo a própria segurança da Rússia que nesta altura ainda tremia com a possibilidade dos americanos se colocarem à porta das suas fronteiras. Esta organização juntou todas as ex-repúblicas soviéticas (à excepção dos Estados Bálticos) – Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Azerbaijão, Arménia, Geórgia, Cazaquistão, Uzbequistão, Turquemenistão, Tadjiquistão, Quirguistão e Moldávia. A CEI ainda hoje é peça fundamental para os interesses do Kremlin,²¹⁰ não só pelas raízes comuns em termos históricos, políticos e culturais, mas também porque a presença russa se faz sentir ao nível económico, sendo estes países os seus principais parceiros comerciais. As grandes empresas russas estão presentes em força nestes países e também as populações russas dos mesmos se apresentam como um factor de necessária cooperação entre os Estados. Em países como a Ucrânia, Bielorrússia e Cazaquistão, a percentagem de russos aí residentes ascende a alguns milhões, facto que não pode ser negligenciado nem pelo governo russo nem pelos seus

²¹⁰ Luís Tomé resume os objectivos geopolíticos da Rússia neste espaço pós-soviético em cinco essenciais: “a) protecção das minorias e dos interesses russos; b) a restauração e consolidação de uma certa ordem imperial (influência, tutela ou mesmo domínio) a partir de Moscovo; c) o estabelecimento de um ‘cordão de segurança’ e a estabilização das suas fronteiras; d) a limitação de influências externas, nomeadamente ocidentais, mas não só; e) e a utilização desse espaço como mecanismo catalisador de reemergência da Rússia como superpotência regional na Europa e na Ásia e como grande potência mundial.” (Tomé, 2007, p. 38)

homólogos. Na prática, a Rússia utiliza o seu poder económico e militar para fazer valer as suas pretensões nesta região – foi assim na Ucrânia e na Geórgia respectivamente.



Mapa 33 - Países membros da CEI (fonte: <http://www.russiainmap.org/map.php?map=political-cis>)

A chegada ao poder de Putin em 2000 revestiu a Geopolítica russa de um carácter mais assertivo e intransigente, contrastando com a relativa abertura dos governos de Yeltsin. No seio da CEI, a Rússia passou a ser muito mais activa e dominante, utilizando não só o poder económico para alcançar os seus interesses mas também a constante interferência e manipulação de conflitos internos nesses países, minando a integridade, unidade e funcionamento desses Estados, caso se demonstrem mais receptivos ao Ocidente do que seria de desejar. Neste sentido, as posições “rebeldes” da Ucrânia e Geórgia contrastam com um certo colaboracionismo dos bielorrussos com Moscovo. No caso da Ucrânia, a vitória de Victor Yushchenko nas eleições presidenciais de 2005 não foi de todo celebrada no país vizinho. Este candidato (tal como mais tarde Yulia Tymoshenko no cargo de Primeira-ministra) apregou várias vezes durante a campanha que o futuro da Ucrânia estava na Europa e que já era tempo de deixarem de ser meros vassallos de Moscovo e passarem a ter uma voz

mais activa no que respeita aos seus interesses que em muitas matérias divergiam dos russos. A resposta de Putin não se fez esperar e alguns meses mais tarde, em pleno Inverno veio a “machadada” russa com os cortes nos abastecimentos de gás à Ucrânia e posterior renegociação dos preços, passando estes últimos a pagar mais pela energia do que os vizinhos bielorrussos. Esta foi uma clara demonstração em como a Rússia não permitiria uma aproximação ucraniana à UE ou pior ainda à NATO, facto que só traria desvantagens para Kiev.

Os motivos de interesse russo na Ucrânia vão muito para além da proximidade histórica e cultural que já tantas vezes foi aqui referida. O facto de assumir uma posição geoestratégica de relevo para os russos, de albergar a maior percentagem de população russa fora do seu país de origem, a questão da Península da Crimeia (que historicamente sempre fez parte da Rússia, sendo atribuída à



Mapa 34 - Influência russa no leste da Ucrânia e na Península da Crimeia (fonte: <http://mypolitikal.com/2010/08/25/analyzing-ukrainian-elections-part-2/>)

então República Socialista

Soviética da Ucrânia por Khrushchev), da Base de Sebastopol e a repartição da Frota do Mar Negro são outros dos assuntos que colocam cada um destes países do outro lado da barricada. O outro “dissidente”, embora mais fraco, tem causado maiores dores de cabeça ao Kremlin. A Geórgia nunca viu com bons olhos o aparecimento desta CEI, sendo exemplo disso a sua entrada para a organização somente em 1993, ou seja, dois anos após a sua formação. Os sucessivos encontros e tratados de cooperação entre a Geórgia e a NATO colocaram a Rússia em alerta. A situação tornou-se ainda mais complicada quando os EUA e a maioria dos países europeus reconheceram e promoveram a independência do Kosovo, à revelia das imposições russas nessa matéria. Mas se no passado, a quando da intervenção da NATO na ex-Jugoslávia, a Rússia não pode ou não soube ripostar, desta feita a resposta não se fez esperar e os russos decidiram apoiar diplomática e militarmente as regiões separatistas da Abecásia e da Ossétia do Sul, numa clara retaliação ao Ocidente pelos acontecimentos no Kosovo. A insubordinação

georgiana foi reprimida ao bom velho estilo soviético e mais uma vez os norte-americanos ficaram a assistir como meros espectadores.



Mapa 35 - Zona de segurança ocupada por tropas russas e ucranianas na região da Transnístria (fonte: <http://todossomosportugal.blogspot.pt/2011/04/da-transnistria-sovietica.html>)

Por último, importa ainda referir os casos da Moldávia e do Azerbaijão, onde os russos mantêm alguns contingentes militares: no primeiro caso, em apoio à região separatista da Transnístria (de maioria russa e ucraniana) que vive à margem do governo de Chisinau (que sempre se mostrou mais

próximo da Europa e do seu vizinho romeno, sendo que precisamente a entrada da Roménia da NATO e na UE reforçou ainda mais a presença militar russa na região); e no segundo persiste um conflito entre azeris e arménios (estes últimos apoiados pelos russos como forma de contrapor à proximidade entre Azerbaijão e Turquia) relativo ao enclave de Nagorno-Karabakh, maioritariamente povoado por Arménios mas que durante os tempos da URSS foi incorporado na República Socialista Soviética do Azerbaijão, por ordem de Estaline.



Mapa 36 - Enclave de Nagorno-Karabakh (fonte: <http://southcaucasus.blogspot.pt/p/nagorno-karabakh.html>)

3. A Ásia

No continente asiático, a Geopolítica russa tem assumido contornos muito mais positivos do que nos casos da Europa ou dos EUA. A Rússia nunca ignorou a sua “costela asiática” e seria demasiado perigoso deixar que outras potências regionais ganhassem mais influência ainda. Neste sentido, desde o início da CEI que Moscovo dedicou especial atenção às ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, não só pela proximidade geográfica como também pelos recursos energéticos que elas dispõem. Por outro lado, os últimos acontecimentos decorrentes dos atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque, levaram a uma aproximação destes países (que também são alvos fáceis dos radicalismos islâmicos) aos EUA, principalmente após a presença norte-americana no Afeganistão. Para a Rússia é essencial que esta área de influência se mantenha na sua órbita e não na dos rivais, sob pena da vantagem estratégica que o Heartland sempre ofereceu à Rússia ficar irremediavelmente comprometida.

Assim, a presença dos russos nestes países têm-se acentuado, não tanto por intermédio da CEI mas mais após a criação da Organização de Cooperação de Xangai que juntou russos e chineses com um objectivo comum: manter os norte-americanos longe daquela região e estreitar os laços de colaboração entre os países da Ásia Central, a Rússia e a China. Com efeito, as relações distantes da era soviética já são factos do passado e actualmente a China é vista pelos russos de forma ambígua: por um lado é uma grande potência que procura ocupar o lugar dominante que a Rússia sempre aspirou a ter na Ásia; por outro lado é um aliado contra a unipolaridade que os EUA representam na ordem mundial que se estabeleceu após o fim da Guerra-Fria, não deixando de ser um parceiro económico de relevância em termos militares mas também no que respeita aos recursos energéticos – a China representa um mercado de biliões de consumidores de gás natural e petróleo, bem como um exército (ELP) que importa grandes quantidades de armamento russo.

Registam-se ainda aproximações ao Irão no que respeita ao desenvolvimento da tecnologia nuclear deste país. Já Índia sempre foi parceira dos russos, como forma de contrabalançar a hegemonia chinesa, no entanto, os EUA procuram chegar-se à frente.

4. A Europa

A proximidade geográfica e histórica da Rússia com os países europeus é muito mais estreita do que com os eternos rivais norte-americanos. Embora as vivências de um e de outro território tenham seguido caminhos opostos, a verdade é que a Rússia, independentemente da sua vocação asiática, faz parte da Europa e sempre fez. E os próprios russos nutrem sentimentos de afectividade para com os europeus, muitas vezes traduzidos nos grandes serviços que a Mãe-Pátria prestou à Europa, salvando-a dos demónios expansionistas franco-germânicos.

Actualmente, a importância da Europa reveste-se sobretudo de um carácter económico, através dos grandes volumes de trocas comerciais entre a Rússia e alguns países da UE, com particular destaque para a Alemanha. Embora haja discórdias políticas quanto à presença da NATO, os russos acreditam que o causador dessa interferência militar são os EUA, estando os países europeus apenas que alinhados com as orientações de Washington. Assim sendo, os russos mantêm boas relações no Conselho da Europa, com a UE, procurando também aumentar o poder da OSCE no domínio da segurança europeia, onde os russos pretendem ter um papel mais activo, reduzindo a influência norte-americana.

As grandes divergências dos russos têm-se concentrado nos Balcãs (eterna defesa da Sérvia, enquanto nação irmã ortodoxa contra o Ocidente) e nos países do Báltico onde existem diferendos quanto às delimitações fronteiriças com a Estónia e o tratamento dado às importantes comunidades russas presentes nesse país e na vizinha Letónia – estes países continuam a insistir nos “fantasmas do passado”.²¹¹ Somente com a Lituânia o processo tem conhecido alguns avanços, até porque o enclave russo de Kaliningrado (de extrema importância como foi referido no capítulo anterior) junto às fronteiras lituanas assim obriga.

²¹¹ “Mais à cette intransigeance sur la question territoriale s’ajoute une autre question entravant le cours des négociations: l’exigence des Estoniens, ainsi que des Lettons, de la reconnaissance par Moscou que l’URSS a été puissance occupante depuis 1940 et qu’elle a annexé illégalement ces États. Le gouvernement russe refuse pour sa part d’accéder à une telle demande car il craint qu’en y souscrivant, le sort des populations russophones ne soit encore aggravé.” (Romer, 1999, p. 47)

5. Os EUA e a NATO

O dossier NATO é por ventura o maior desafio para a Geopolítica da Rússia. Desde o fim da Guerra-Fria que os governos de Moscovo têm por todos os meios tentado travar a expansão da Aliança Atlântica para Leste, mas em boa verdade, o sucesso tem sido praticamente nulo. Para melhor se compreender de onde provém esta rivalidade histórica entre Rússia e EUA, convém fazermos uma retrospectiva das relações internacionais entre ambos.

Desde o séc. XIX que russos e norte-americanos se olhavam com desconfiança: estes últimos eram para os russos os bárbaros da América do Norte ao passo que os russos eram vistos pelos norte-americanos como o símbolo máximo da autocracia europeia. Porém, nada disso foi impedimento para que em 1867, o Império Russo vendesse o Alasca aos EUA (decisão que ainda hoje deve custar imenso aos russos!). A chegada ao poder dos bolcheviques em 1917 agravou ainda mais as relações entre ambos os países, que se olhavam mutuamente com desprezo acusando um e outro de serem a encarnação do mal absoluto. Mas mais uma vez, russos e norte-americanos voltaram a unir-se duas vezes perante um inimigo comum: a Alemanha. O fim do segundo conflito mundial trouxe a Guerra-Fria que mais não era do que um conjunto de tensões e conflitos secundários, opondo as duas superpotências, a marítima e a continental – EUA e URSS respectivamente. Durante cerca de cinquenta anos, estes países correram atrás da hegemonia política, militar e económica no mundo inteiro, embora nunca entrando directamente em conflito armado um com o outro.

Quando em 1991 a URSS caiu e a Guerra-Fria terminou, o mundo encheu-se de esperança perante a possibilidade da jovem Rússia e os EUA entrarem em rota de cooperação e amizade. Mas isso acabou, como é óbvio, por nunca se concretizar e dadas as características de um e de outro Estado, é provável que nunca venha a acontecer em toda a sua plenitude. Para a Rússia, alimentar uma rivalidade com um inimigo poderoso como é os EUA é mais do que uma vontade, uma necessidade, tal como refere Luís Leitão Tomé: “*Grandes potências precisam de grandes inimigos e as superpotências merecem uma superpotência do outro lado da trincheira, pois quanto maior o inimigo, maior a glória em vergá-lo.*”²¹² E para os russos, somente os EUA estão à altura do desafio. Esta é uma forma, bem típica dos russos garantirem a unidade nacional e apoio geral à sua política externa. A percepção de que o

²¹² Tomé, 2004, p. 99.

gigante americano não se contentou em derrotar a URSS e que procurará agora desferir o golpe final na sua mais directa sucessora (Rússia) é algo que tem sido bem cultivado pela nova elite política do Kremlin, de modo a que episódios menos “correctos” como as desproporcionais respostas militares russas aos rebeldes chechenos sejam paulatinamente apoiadas pela comunidade russa. Mais uma vez fica registada a forma como os russos, através da sua política externa, conduzem a política interna.

Os sucessivos alargamentos da NATO para a zona de influência russa no passado, mais concretamente a Polónia, República Checa, Hungria (1999), Estónia, Letónia, Lituânia Roménia, Bulgária, Eslovénia e Eslováquia (2004) é visto na Rússia como a grande traição dos norte-americanos, com quem os russos em 1990 a quando da reunificação da Alemanha, haviam estabelecido uma série de acordos nos quais os EUA se comprometiam a não estender a Aliança Atlântica para lá das fronteiras orientais da Alemanha. Estas falhas nos compromissos com os russos valeram a que profundas críticas emanassem da classe política russa em direcção aos norte-americanos: se os comunistas e conservadores viam nisso um acto de afronta enorme que visava preparar uma futura invasão dos EUA, os liberais e os moderados encaravam tal situação como uma tentativa de colocar a Rússia num neo-isolacionismo contrário às aproximações que vinham sendo feitas com o espaço euro-atlântico.

E como se não bastassem as “traições” de Washington, os russos ainda tiveram que engolir a mudança na forma de actuação da NATO, que deixava agora de ser uma aliança de cariz defensivo, para ser um instrumento de manutenção de paz e de segurança na Europa (algo a que a Rússia aspirava ser após o fim do Comunismo e para o qual tinha vindo a trabalhar bastante, empreendendo uma política de aproximação aos países da Europa Ocidental). Foram precisamente as acções militares levadas a cabo pela NATO nos Balcãs que deram ainda mais força às suspeitas russas, levando a uma clara deterioração das relações entre Moscovo e Washington. Bem exemplificativo disto foram as declarações de Alexei Arbatov, um deputado liberal da Duma em 1997:

Os ataques aéreos massivos contra os sérvios bósnios no Verão de 1995, demonstraram que a força e não as negociações pacíficas permanecem o principal instrumento da diplomacia e que a posição de Moscovo só é tida em consideração se

*não contradisser a linha assumida pelos EUA. Aos olhos da maioria dos russos, o mito da natureza exclusivamente defensiva da NATO explodiu.*²¹³

Os EUA e a NATO levaram a melhor neste conflito e acabariam por aplicar a mesma receita uns anos mais tarde no Kosovo. Os norte-americanos ignoraram sempre os vetos da Rússia no Conselho de Segurança da ONU. Mas se durante a Guerra dos Balcãs a Rússia não dispunha de força suficiente para fazer ouvir a sua voz (visto que estava em processo de construção após a desfragmentação da URSS), após a declaração de independência unilateral do Kosovo (que teve de imediato o apoio da maioria dos países europeus e claro dos EUA) os russos não ficaram a assistir sentados e souberam responder à altura, em termos económicos (subindo o preço do gás para a Europa e cortando o fornecimento à Ucrânia durante umas semanas) e em termos militares (auxiliando os rebeldes da Abecásia e da Ossétia do Sul contra a Geórgia). O grande receio russo é que a actuação militar da NATO nos Balcãs fosse apenas um precedente (que a comunidade internacional deixaria passar) para futuras intervenções no Estrangeiro-Próximo da Rússia e mesmo no seu território nacional.²¹⁴

De uma maneira geral, a Rússia percebe que o fim da Guerra-Fria lhe deixou uma herança pesada e que o rival norte-americano se isolou como única superpotência mundial. Percebendo isto, o objectivo da Geopolítica russa a uma escala global passa precisamente por retirar influência aos EUA e criar um sistema mundial multipolar, com vários Estados a terem o poder da decisão, contrariamente à ordem unipolar pós 1991.

²¹³ Arbatov, *apud* Tomé, 2004, p. 96.

²¹⁴ “Os russos estão convencidos de que a Aliança não vai parar depois de bombardear Belgrado. Os mais prováveis candidatos para os próximos ataques da NATO, pressentem, são as antigas repúblicas soviéticas onde os movimentos separatistas são activos. Tal situação dá sempre a oportunidade para lançar intervenções com pressupostos humanitários. Após isso, muitos temem que o bombardeamento se vire para a própria Rússia num esforço para acabar com os movimentos separatistas, nomeadamente no Cáucaso Norte.” (Gobarev, 1999, *apud* Tomé, 2004, p. 98)

6. Os novos trunfos geopolíticos da Rússia: gás e petróleo

Os primeiros tempos da Rússia independente não foram certamente nada fáceis. O cortar do cordão umbilical da “Mãe URSS” estava a ser mais difícil do que se previa e as dificuldades políticas e acima de tudo económicas tinham-se agravado. A economia russa viveu o caos geral durante os primeiros anos da década de 90. Os sectores mais produtivos foram abertos às privatizações mas em vez de encher os cofres do estado, apenas enriqueciam ainda mais uma série de magnatas que se apoiavam na corrupção que assolava o país para garantir os seus lucros pessoais. Lenine certamente que daria voltas no túmulo se soubesse da situação em que a sua Rússia tinha chegado. O Comunismo ortodoxo deu lugar a um Capitalismo selvagem associado a níveis de corrupção avassaladores, que em nada beneficiava os consumidores e os investidores estrangeiros que tinham interesse em se estabelecer ali.

Mas a chegada de Vladimir Putin em 2000 trouxe profundas alterações no sistema económico, começando por colocar as empresas estratégicas na dependência do Estado, principalmente aquelas ligadas à exploração e comércio de fontes energéticas abundantes no país – petróleo e gás natural. Assim, a Gazprom e a Lukoil passaram para as mãos do Estado. Numa fase em que a Rússia caía claramente em descrédito internacional eis que surgem os recursos energéticos a salvar a economia e a colocarem-na de novo na esfera das grandes potências. Para além do poder militar, os russos utilizavam agora como seu grande trunfo nas negociações ou interesses noutros países, o petróleo e o gás, garantindo o regresso do respeito da comunidade internacional.²¹⁵ Não será até exagero nenhum se afirmarmos que a energia se tornou no elemento geopolítico de referência das relações entre a Rússia e a UE. A maioria dos países da Europa Central e de Leste necessita do gás russo e como tal, acabam por ceder muitas vezes às pressões russas em determinados assuntos.

Em termos práticos, a Rússia tem desenvolvido uma política activa de diversificação das rotas de gasodutos para diminuir a capacidade dos EUA de poder atrapalhar a sua

²¹⁵ “A Rússia é um gigante energético: é o maior produtor de petróleo fora da OPEP e o segundo maior do mundo, produzindo cerca de 9.5 milhões de barris/dia, quase tanto como a Arábia Saudita, maior produtor mundial de petróleo; calcula-se que tenha entre 6% e 10% das reservas mundiais de petróleo e 32% das reservas conhecidas da Bacia do Cáspio (onde estarão cerca de 20% das reservas mundiais); contará, igualmente, com cerca de 20% das reservas mundiais de carvão e com cerca de 30% das reservas mundiais conhecidas de gás natural sendo, de longe, o maior produtor e o maior exportador mundial de gás natural.” (Tomé, 2007, p. 35)

geopolítica energética. Essa política tinha começado de forma tímida antes da chegada de Putin ao poder, pela assinatura de um acordo com Varsóvia em 1995, que previa a construção de *Yamal 1*, um gasoduto capaz de assumir o transporte de 20% do total das exportações russas na direcção da Polónia e possivelmente da Alemanha, passando pela Bielorrússia mas não pela Ucrânia. Da mesma forma, surgiu a construção do *Blue Stream* – gasoduto que atravessa o Mar Negro para ligar a Rússia e a Turquia. Outra grande realização russa foi o gasoduto *Nord Stream*, passando pelo Mar Báltico, que liga a Rússia e a Alemanha. Este evita a passagem pelos países Bálticos e pela Polónia, aliados incondicionais dos EUA. Outro projecto muito ambicioso da Rússia na sua tentativa de diversificação das rotas do gás é o *South Stream*, gasoduto que ligaria os recursos do Mar Cáspio e potencialmente da Sibéria à Europa do Sul e do Leste, passando pela Bulgária, pela Sérvia, pela Hungria, pela Áustria e pela Itália.

Apesar de ser eficaz a curto prazo, esta estratégia russa é muito arriscada na medida em que cria uma interdependência muito forte entre a Rússia e os seus principais clientes europeus. Se a Europa conseguir outra fonte de abastecimento, com o apoio dos EUA, isso comprometeria a posição russa. Embora a passagem em grande escala para energias alternativas ao petróleo e ao gás na Europa não deva ocorrer a não ser num futuro ainda relativamente distante, a existência de duas outras possibilidades são particularmente preocupantes para a estratégia energética dos russos. A primeira seria o surgimento fora da Rússia de tecnologias que permitem uma descida considerável do GNL, que pode ser transportado por navios e que por isso é de extrema importância para a Rússia (pois reduz o papel estratégico e económico dos gasodutos e a dependência do país face aos outros que acolhem esses mesmos gasodutos). A outra, ainda mais preocupante, seria o desenvolvimento acelerado de técnicas de recuperação de gás capturado em rochas de xisto, que abriria a possibilidade da Europa se tornar auto-suficiente em gás natural. Conscientes destes problemas, os russos tentam diversificar os seus mercados (na Ásia principalmente), ao mesmo tempo que a Gazprom tem investido bastante em desenvolver ela própria tecnologias para tornar mais eficiente o transporte de GNL.

CONCLUSÃO

Recorrendo à Política, à Geografia e à Estratégia, entre outras, a Geopolítica ocupa-se do estudo e análise das relações entre os Estados e o espaço físico, avaliando e prevendo as respectivas implicações que essas relações incutem na morfologia dos mapas políticos. Distingue-se da Geografia Política no propósito final de ambas: se esta última se limita a descrever as consequências que um território incute no poder, a Geopolítica procura através dessa definição, influenciar as acções políticas de um Estado de modo a que este possa tirar vantagens dessa relação e assim se superiorizar.

Ainda que os autores clássicos sejam posteriores à construção da Rússia enquanto grande potência, é possível identificar traços pessoais de Mahan (procura incessante da Rússia em chegar aos mares quentes e fugir ao isolamento e das outras potências marítimas em impedir que tal acontecesse) de Mackinder (vantagens para a potência continental e defesa absoluta do *Heartland* através da manutenção deste nas mãos dos russos como forma de se protegerem dos invasores marítimos) ou de Ratzel (grandes potências tendem a exercer a sua influência sobre as entidades mais pequenas, acabando por absorvê-las ou conquistando-as, através do seu *Raumsinn*, pois ter mais espaço é sinónimo de ser mais poderoso) desde a formação da Rússia até à actualidade. Cada um deles, à sua maneira, procuraram explicar de que forma é que o espaço físico pertencente à Rússia lhe conferia um poder enorme e de que forma é que esse poder poderia ser reflectido de novo para o espaço físico. Os seus contributos são essenciais para demonstrar o porquê da Rússia ser uma grande potência mundial.

Os primeiros grandes aglomerados populacionais estão intimamente relacionados com a geografia do território da Rússia, mais precisamente com as zonas de vegetação (Estepe e Floresta Decídua) e com as bacias hidrográficas que permitiam o transporte de pessoas e mercadorias, desenvolvendo o comércio e as trocas culturais entre o Norte da Europa através do Báltico e o Sul através do Mar Negro. É nesta região que nascem os Principados de Kiev e de Moscovo, que são os antecessores da Rússia. Após um período de ocupação mongol, que deixou traumas profundos na sociedade e na cultura dos russos, o país parte para a expansão, até se tornar num grande império.

A expansão territorial da Rússia apresenta traços distintos de outras verificadas no âmbito europeu. A quase infinita extensão territorial que se apresentava aos olhos dos russos como um território virgem e aguardando desesperadamente por um dono, incutia a ideia de que a expansão não era um capricho, mas sim um apelo da própria terra ao povo russo, que estava habituado a não se prender a fronteiras fixas, até mesmo pela grande diversidade cultural que abrangia no seu seio. Aqui podemos mais uma vez identificar a presença do pensamento ratzeliano, não só na vertente da necessidade de garantir mais espaço para ter mais poder como no *Raumsinn* (Sentido de Espaço) enquanto base sustentadora deste apelo à expansão russa.

Desta forma e geopoliticamente falando, a expansão da Rússia surge em redor de duas premissas essenciais:

- A sua incansável busca por uma saída marítima em direcção aos mares quentes e navegáveis e assim libertar o país do seu isolamento terrestre, tendo para isso que enfrentar outras grandes potências marítimas (britânicos e turcos) ou continentais (alemães) cujos esforços para conterem o gigante russo eram notórios.
- A procura em estender o seu território terrestre em direcção à Europa e à Ásia, como forma de criar uma zona de segurança que lhes permitisse estar a salvo das constantes invasões de que tradicionalmente sempre foram alvo.

Mackinder e Mahan convergiam na importância que a Rússia tinha no espaço geopolítico continental e concordavam que era ela a herdeira natural da fortaleza terrestre do Heartland. Contudo, divergiam na importância que esse facto trazia para a estabilidade mundial: Mahan acreditava que o isolamento continental era condição mais que suficiente para impedir que a Rússia fosse a maior potência do mundo, uma vez que não dispunha de capacidade de actuação naquele que é reconhecidamente o maior espaço geopolítico mundial – os oceanos; ao passo que Mackinder defendia que não só o poderio continental da Rússia era mais preponderante que o das potências marítimas, como também lhe potenciava a capacidade para se estabelecer igualmente nos oceanos e assim se tornar numa potência mundial suprema – continental e marítima ao mesmo tempo. O Transiberiano parecia vir dar razão às teorias de superioridade do poder continental, mas ao mesmo tempo tornou o

Heartland russo perigosamente acessível às potências marítimas, reduzindo assim a sua vantagem estratégica.

As frustrações russas de meados do séc. XIX (derrota na Crimeia, ostracização por parte da Europa, difícil situação económica e social, persistência da servidão, entre outros) conduziram ao aparecimento do Eurasianismo, que é não só uma crença de que o futuro grandioso da Rússia estava no controlo da Eurásia, mas sobretudo a grande alavanca da geopolítica continental da Rússia durante esse século e que lhe permitiu expandir ainda mais o seu território e tornar-se na maior potência continental do mundo, ao mesmo tempo que punha agora em causa a hegemonia do Império Britânico no Oriente, mais precisamente na Índia. Este Eurasianismo fez-se acompanhar de um sentimento de superioridade do povo eslavo (Pan-Eslavismo) e da Teoria da Terceira Roma, da qual a Rússia seria herdeira, tendo como missão divina difundir e defender a verdadeira fé cristã - importante papel da Ortodoxia na promoção internacional da Rússia.

Por outro lado, o próprio povo russo desde sempre foi farto em características muito únicas que favoreceram o poder do Estado, sendo determinantes para a afirmação mundial da Rússia. A População (quanto mais população, maior era o poder militar e económico do Estado), o Patriotismo (amor, entrega e sacrifício pela Mãe-Pátria sem paralelo na história mundial) e o Fatalismo (imunidade russa ao sofrimento e dificuldades constantes, sendo algo complicado de transpor pelos inimigos) são alguns dos traços mais genuínos do povo da Rússia e sem os quais esta nunca se poderia ter destacado na cena internacional.

O facto de a Rússia ser uma grande potência defensiva está intimamente ligado com as características de fortaleza do Heartland, tal como Mackinder previra. Aliás, na maioria das vezes em que foi atacada e contrariamente ao que seria de esperar, a Rússia até conseguiu obter mais territórios (à custa de suecos, polacos, franceses e alemães), justificando assim a grandeza das suas fronteiras como um castigo aplicado às potências gananciosas que se atreveram a cobiçar a terra russa.

A indefinição quanto à essência da Rússia e respectiva vocação continental ambígua é um traço característico do Estado. Embora as teorias Eurasianistas tendessem para aproximar a Rússia do seu Oriente, a história do país desde a sua formação e origem nos povos europeus greco-bizantinos e a posterior aproximação ao Ocidente com Pedro I (materializada com a

construção da “janela ocidental” da Rússia e capital do Império durante mais de dois séculos – São Petersburgo) refutam a ideia de que a Rússia está mais próxima dos povos orientais. Na verdade, tirando os tempos da ocupação tártara (mongol), nunca antes os russos haviam estado em contacto tão próximo com a cultura asiática. O mais correcto é dizer que a Rússia é politicamente asiática e tecnologicamente europeia.

Quanto à segunda grande vertente da Geopolítica russa – a fuga ao isolamento continental através da promoção da vertente marítima – ela fez-se acompanhar de altos e baixos. A ambição de transpor para os mares o domínio que já possuía no continente levou à criação de meios e infra-estruturas necessárias para que a Rússia pudesse alcançar o *Sea Power*, nomeadamente uma Marinha à altura dos objectivos propostos. “Os Grandes” Pedro I e Catarina II são reconhecidamente os “Pais da Marinha Imperial”. Ambos conseguiram sucessos no Báltico e no Mar Negro e com eles a Rússia estabeleceu os alicerces necessários para o domínio marítimo. A Marinha Imperial russa ficaria então estruturada em quatro frotas (Frota do Báltico, Frota do Mar Negro, Frota do Norte e Frota do Pacífico) e uma flotilha (a do Cáspio). No entanto, a falta de coordenação entre todas elas e a dificuldade de se poderem interligar (em virtude das condições geográficas da Rússia) mostrou desde cedo que a quantidade não pressupunha supremacia. A pujança marítima russa só foi travada na Guerra da Crimeia (1853-1856), onde o atraso tecnológico da Marinha Russa (pese embora o factor quantidade fosse muito maior do que o conjunto dos rivais França, Grã-Bretanha e Turquia) e as más condições do *staff* naval foram essenciais para o desfecho deste conflito.

O final do séc. XIX e a industrialização tardia do país levam a progressos consideráveis também no campo naval. No entanto, a tentativa de ser uma potência marítima cai novamente por terra (ou neste caso, por mar!) à custa do Japão. Neste caso nem se tratou tanto de diferenças na qualidade e no poderio de ambas as forças navais. A humilhação russa no Pacífico reflectiu somente o facto de a Rússia estar tão acostumada ao conforto e segurança da sua continentalidade, que negligenciou aquela que é a condição mais importante para que um Estado seja dominante nos mares: a posse de bases marítimas estrategicamente localizadas e que no caso russo não existiam – à excepção de Port Arthur e de Vladivostoque onde estava a mal preparada Frota do Pacífico que seria dizimada, juntamente com a Frota do Báltico que percorreu milhares de quilómetros num espaço de tempo longuíssimo para conhecer igual destino.

O fim do Império, a derrota na I Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique e posterior Guerra Civil praticamente arruinaram as capacidades navais da Rússia nas primeiras décadas do séc. XX. A recuperação só se daria nos anos 30, à custa dos implacáveis Planos Quinquenais de Estaline, sendo então as frotas modernizadas e ampliadas. A II Guerra Mundial obrigou ainda mais a URSS a desenvolver rapidamente a sua Marinha de Guerra. No entanto, o fim desse conflito colocou o sonho russo mais perto de se realizar: a expansão do seu território para o Leste europeu alargou ainda mais a margem de manobra da Rússia no Báltico e no Mar Negro.

As décadas seguintes trariam à tona os importantes contributos do General Gorshkov, que podemos apontar como o “Mahan Soviético”, visto que é com ele que a Geopolítica marítima da URSS atinge o seu pico máximo, promovendo o desvio de verbas nunca antes tão elevadas para a reestruturação da Marinha. Os resultados saltaram à vista nos finais da década de 60 e durante a década de 70 (coincidente com o fim das descolonizações europeias), permitindo que a URSS tivesse liberdade de acção em grande parte do mundo, possuindo bases ou liberdade de utilização de outras em diversos países fora da Europa. Talvez a única altura em que a Rússia tenha adicionado o termo “superpotência” à sua vertente marítima tenha sido precisamente durante este período. Porém, as dificuldades económicas dos anos 80 e consequente incapacidade de acompanhar o progresso do inimigo norte-americano levaram a que a Marinha Soviética começasse lentamente a entrar em declínio, sendo somente mais recentemente e com a chegada de Vladimir Putin ao poder, visível de alguma forma uma tentativa de contrariar essa queda.

Em termos de raio de acção, a Geopolítica marítima da Rússia sempre procurou ser bastante diversificada, mas encontrou sempre um conjunto de sérias dificuldades:

- Historicamente os mares Báltico e Negro sempre foram na sua essência “russos”, mas a sua pouca abertura aos grandes oceanos e o facto de esta estar geralmente na posse de inimigos, reduz a margem de manobra do *Sea Power* russo. O Ártico parece ser a nova aposta da Rússia.
- No Pacífico, Atlântico, Mediterrâneo e Golfo Pérsico, o acesso russo sempre foi muito dificultado pelas potências marítimas aí dominantes: EUA, Grã-Bretanha e Japão.

- Os Canais de Navegação construídos nos rios russos mostraram ser uma alternativa viável à dificuldade de navegação no alto-mar. A Rússia conseguiu estabelecer uma rede que ligava o Báltico, Negro e Cáspio.

Ainda que os grandes focos da Geopolítica russa tenham sido a sua expansão territorial partindo do Heartland e a procura de acesso aos espaços marítimos de excelência, os russos foram muito mais bem-sucedidos no primeiro objectivo. Pese embora intermitente e muitas vezes catastrófica, a expansão russa atingiu uma magnitude tal que o poder que dela emanou e dos territórios que foi absorvendo, conferiu-lhe um papel de destaque mundial. Por mais fortes que sejam as tentações de alguns políticos, historiadores ou *opinion makers* russos, o seu país nunca foi uma potência marítima da mesma maneira que nunca abandonou a sua génese continental. A nível regional a Rússia é incontestavelmente uma potência marítima, mas a nível global ainda tem muito caminho pela frente.

Na actualidade, existe uma tentativa da Rússia recuperar o estatuto outrora soviético de Superpotência mundial, mas as armas utilizadas são um quanto ou tanto diferentes. Na realidade, os russos já perceberam que a expansão como forma de aumentar o prestígio e poder nacionais na esfera internacional não tem necessariamente que se fazer dentro de um tanque ou de um caça. Num mundo da globalização da economia, o gás e o petróleo surgem como os grandes trunfos da Geopolítica russa do séc. XXI. Ainda assim o poder militar nunca foi nem poderá ser descurado numa Rússia que aspira a atingir glórias passadas. Será precisamente nesta conjugação entre o poder militar e o económico, que os objectivos geopolíticos desta Rússia de Putin serão centrados com vista ao sucesso, objectivos esses que podemos sintetizar da seguinte maneira:

- Recuperar o estatuto perdido após o fim da URSS, procurando aos poucos impor-se na cena internacional e rivalizar de novo com os norte-americanos, defendendo para tal um sistema internacional multipolar;
- Restaurar o seu domínio e hegemonia nas suas áreas de influência – o Estrangeiro-Próximo – através da CEI e de acordos bilaterais com os ex-parceiros soviéticos;
- Proteger os interesses dos cidadãos russos e da própria Rússia nos outros países;

- Aprofundar os laços de cooperação com a Europa (UE) e Ásia (China, Índia, Irão e Japão).

Desde a sua geografia, passando pelo rumo que a sua história seguiu, pela cultura nacional, pelas suas forças armadas, pela religião e até mesmo pelas orientações e características especiais do seu povo, quer se queira quer não, para o bem ou para o mal, a Rússia enquanto Estado Continental, foi, é e continuará a ser uma grande potência mundial, cujas potencialidades deixam adivinhar que, seguindo uma estratégia coerente, sólida e não excessivamente ambiciosa, pode mesmo aspirar a recuperar a posição de relevo que a URSS tinha no passado. Uma Rússia Superpotência não é um cenário mais que certo, mas não é de todo impossível. E apesar do grande declínio em que entrou após o fim da Guerra-Fria, a história já demonstrou no passado que outros gigantes continentais conseguiram reerguer-se e tornarem-se novamente protagonistas – caso da Alemanha ou do Japão após a I e a II Guerra Mundiais respectivamente. O futuro é rico em surpresas, mas uma coisa é certa: é escusado o Ocidente conceber uma ordem internacional sem a presença afincada da Rússia. É simplesmente impossível...

BIBLIOGRAFIA

1. Obras Referenciadas

- Andrianova, T. (1996). *Geopoliticheskie Teorii, XX*. Obra traduzida por José Milhazes. Moscovo: Inion.
- Bassin, M. (1994). Russian Geographers and the ‘National Mission’ in the Far East. In D. Hooson (Ed.). *Geography and National Identity* (pp. 112-133). Oxford: Blackwell Publishers.
- Bessa, A. M. & Dias, C. M. (2007). *O Salto do Tigre: geopolítica aplicada*. Lisboa: Prefácio.
- Cohen, S. B. (2008). *Geopolitics: the Geography of International Relations*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Costa, F. S. (1968). *Historia y Geopolítica: las horas de la geopolítica*. Saragoça: Publicaciones de la Universidade.
- Dias, C. M. (2005). *Geopolítica: teorização clássica e ensinamentos*. Lisboa: Prefácio.
- Fairhall, D. (1971). *Russia Looks to the Sea: A study of the expansion of Soviet Maritime Power*. Londres: Andre Deutsche.
- Gallois, P. (1990). *Geopolitique: las voies de la puissance*. Paris: Plon.
- Gray, C. S. (1988). *The Geopolitics of Super Power*. Lexington: University Press of Kentucky.
- Gyorgy, A. (1944). *Geopolitics, the new German science*. Berkley: University of California Press.
- Hauner, M. (1990). *What is Asia to Us? Russia’s Asian Heartland Yesterday and Today*. Londres: Unwin Hyman.
- Hocking, W. E. (1918). *Morale and Its Enemies*. In H. Sprout, & M. Sprout, (Eds.). *Foundations of National Power* (pp. 135-137). Princeton: Princeton University Press.
- IAEM. (1982). *Origens e Evolução Histórica do Pensamento Geopolítico: síntese histórica*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- IAEM. (1993). *Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégica*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- IAEM. (2000). *Geografia, Geopolítica e Geoestratégia: Realidade Geopolítica*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

- Kipp, J. W. (2009). *Imperial Russia: Two Models of Maritime Transformation*. In A. Erickson, L. Goldstein & C. Lord (Eds.). *China goes to sea: Maritime Transformation in Comparative Historical Perspective*. Annapolis: Naval Institute Press.
- Ledonne, J. (1997). *The Geopolitics of Expansion and Containment*. Oxford: Oxford University Press.
- Lowe, J. T. (1982). *Geopolitics and War: Mackinder's philosophy of power*. Washington D.C.: University Press of America.
- Mitchell, M. (1949). *The Maritime History of Russia, 848-1948*. Londres: Sidgwick and Jackson Limited.
- Parker, G. (1994). *Political Geography and Geopolitics*. In A.J.R., Groom & M. Light (Eds.). *Contemporary International Relations: a guide to theory* (pp. 170-181). Londres: Pinter Publishers.
- Parker, G. (1998). *Geopolitics: past, present and future*. Londres: Pinter Publishers.
- Pounds, N. J. G. (1947). *An Historical and Political Geography of Europe*. Londres: George G. Harrap & Co. Ltd.
- Ratzel, F. (1987). *La Géographie Politique*. Paris: Fayard.
- Rego, H. C. (1997). *A Nova Rússia*. Lisboa: ISCSP.
- Reynolds, C. G. (1989). *History and the Sea: Essays on Maritime Strategies*. Columbia: University of South Carolina Press.
- Romer, J. (1999). *Géopolitique de la Russie*. Paris: Economica.
- Sakhujá, V. (2011). *Asian Maritime Power in the 21st Century: Strategic Transactions, China, India and Southeast Asia*. Singapura: Institute of Southeast Asian Studies.
- Soljenitsyne, A. (2000). *A Rússia sob a avalanche*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Strausz-Hupé, R. (1945). *The Balance of Tomorrow*. In H. Sprout & M. Sprout (Eds.). *Foundations of National Power* (pp. 111-116). Princeton: Princeton University Press.
- Stuermer, M. (2009). *Putin e o Despertar da Rússia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Taylor, P. (2000). *Geopolitics, Political Geography and Social Science*. In K. Dodds & D. Atkinson (Eds.). *Geopolitical Traditions: a century of geopolitical thought* (pp. 375-387). Londres: Routledge.

- Thuathail, G. (1996). *Critical Geopolitics: the politics of writing global space*. Londres: Routledge.
- Tomé, L. (2004). *Novo recorte geopolítico mundial*. Lisboa: EDIUAL.
- Vego, M. (2009). Soviet Russia: The Rise and Fall of a Superpower Navy. In A. Erickson, L. Goldstein & C. Lord (Eds.). *China goes to sea: Maritime Transformation in Comparative Historical Perspective*. Annapolis: Naval Institute Press.
- Ward, M. (1992). *The New Geopolitics*. Filadélfia: Gordon and Breach.
- Weigert, H. W. (1942). *Generals and Geographers: the Twilight of Geopolitics*. Oxford: Oxford University Press.
- Weigert, H. W. (1991). *Geopolítica: generales y geógrafos*. Buenos Aires: Huella.
- Wesson, R. (1974). *The Russian Dilemma: a political and geopolitical view*. Nova Brunswick: Rutgers University Press.
- Wren, M. (1979). *The Course of Russian History*. Nova Iorque: Macmillan.
- Ziouganov, G. (1999). *La Russie après l'an 2000: vision géopolitique d'un nouvel État*. Morsang-sur-Orge: Mithec.

2. Artigos Referenciados

- ❖ Bellona. (2003). *Nuclear Icebreaker Lenin*. Consultado em 26 de Novembro de 2012, em: http://www.bellona.org/english_import_area/international/russia/civilian_nuclear_vessels/icebreakers/30131.
- ❖ Bosbotinis, J. (2010). *The Russian Federation Navy: An Assessment of its Strategic Setting, Doctrine and Prospects*. Shrivenham: Defence Academy of the United Kingdom.
- ❖ Canney, D. (2012). *Icebreakers and the U.S. Coast Guard*. Consultado em 26 de Novembro de 2012, em: <http://www.uscg.mil/history/webcutters/Icebreakers.asp>.
- ❖ Cohen, A. (2010). *From Russian competition to natural resources access: recasting U.S. Arctic Policy*. Consultado em 28 de Novembro de 2012, em: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/06/from-russian-competition-to-natural-resources-access-recasting-us-arctic-policy>.
- ❖ Cropsey, S. & Milikh, A. (2012). *Mahan's Naval Strategy: China Learned It. Will America Forget It?* Consultado em 30 de Novembro de 2012, em: <http://www.worldaffairsjournal.org/article/mahan%E2%80%99s-naval-strategy-china-learned-it-will-america-forget-it>.
- ❖ Farley, R. (2011). *Over the Horizon: The Russian Navy's Strategic Limitations*. Consultado em 30 de Novembro de 2012, em: <http://www.worldpoliticsreview.com/articles/7902/over-the-horizon-the-russian-navys-strategic-limitations>.
- ❖ Fedyszyn, T. (2012). *Renaissance of the Russian Navy?* Consultado em 30 de Novembro de 2012, em: <http://www.usni.org/magazines/proceedings/2012-03/renaissance-russian-navy>.
- ❖ Fontoura, L. (2006). *O Poder na Relação Externa do Estado. A Equação de Cline*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.
- ❖ Freire, J. M. (2009). *Há Cem Anos a Guerra Russo-Japonesa. Consequências Diplomáticas. Equilíbrio Internacional e Europeu*. Consultado em 6 de Novembro de 2012, em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=394>.

- ❖ Grummon, S. (1995). *Russian Ambitions in the Persian Gulf*. Consultado em 29 de Novembro de 2012, em: <http://www.meforum.org/247/russian-ambitions-in-the-persian-gulf>.
- ❖ Kipp, J. W. (1999). *Russia's Northwest Strategic Direction*. Consultado em 21 de Novembro de 2012, em: <http://www.fas.org/nuke/guide/russia/agency/rusnwstrat.htm>.
- ❖ Panteleev, Y. A. *The Baltic Sea Fleet*. Consultado em 22 de Novembro de 2012, em: <http://rusnavy.com/history/interesting/balticfleet.htm>.
- ❖ Putin, V. (2001). *Maritime Doctrine of Russian Federation 2020*. Consultado em 29 de Novembro de 2012, em: http://www.oceanlaw.org/downloads/arctic/Russian_Maritime_Policy_2020.pdf.
- ❖ Rocha, H. S. (2009). *Contributos para uma caracterização da geopolítica marítima de Portugal*. In Cadernos Navais nº31. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha, Grupo de Estudos e Reflexão Estratégica.
- ❖ Santos, E. S. (2007). *O conceito de geopolítica: uma aproximação histórica e evolutiva*. Consultado em 26 de Março de 2012, em: http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=430.
- ❖ Santos, E. S. (2008). *A Geopolítica Russa: De Pedro “O Grande” a Putin, a “Guerra-Fria”, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos*. Consultado em 19 de Maio de 2012, em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=267>.
- ❖ Thomas, T. L. (1999). *Russian National Interests and the Caspian Sea*. Consultado em 20 de Novembro de 2012, em: <http://www.fas.org/nuke/guide/russia/agency/fmso-caspian.htm>.
- ❖ Tomé, L. (2007). *O Grande Jogo Geopolítico nos Espaços do “Espaço pós-Soviético”*. In Geopolítica nº1. Lisboa: Centro Português de Geopolítica.
- ❖ Vego, M. (2009). *The Russian Navy Revitalized: Moscow will use sea power in its quest for greater world influence*. Consultado em 30 de Novembro de 2012, em: <http://www.armedforcesjournal.com/2009/05/3989255/>.
- ❖ Zysk, K. (2010). *Russia's Arctic Strategy: ambitions and constraints*. Consultado em 28 de Novembro de 2012, em: <http://www.ndu.edu/press/lib/images/jfq-57/zysk.pdf>.

3. Sites Referenciados

- ✓ <http://www.fas.org/nuke/guide/russia/agency/mf-baltic.htm>
- ✓ <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>
- ✓ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marinha>
- ✓ <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>
- ✓ http://www.biztonsagpolitika.hu/?aid=800&id=16&title=Afganiszt%C3%A1n,_1979-89-99-2009
- ✓ <http://mrkscoldwarb.wikispaces.com/NATO+v.+Warsaw+Pact>
- ✓ http://www.stratisc.org/Strategique_80_Ropivia.htm
- ✓ <http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=6423>
- ✓ <http://www.oldenburger.us/gary/docs/TheColdWar.htm>
- ✓ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Kievan_Rus_en.jpg
- ✓ <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=267>
- ✓ <http://www.baikalcomplex.com/transsibmap.htm>
- ✓ http://www.stanford.edu/class/slavgen194a/images/russia_eagle2.gif
- ✓ <http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/balticsea.htm>
- ✓ <http://www.sochiclub.narod.ru/blacksea.htm>
- ✓ <http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/medsea.htm>
- ✓ <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gulistan-Treaty.jpg>
- ✓ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Northern_Sea_Route_vs_Southern_Sea_Route.svg
- ✓ <http://obviouslyajoke.wordpress.com/2011/04/22/a-for-efficiency/>
- ✓ <http://kids.britannica.com/comptons/art-54610/Tsushima-Strait-was-the-site-of-the-first-great-naval>
- ✓ http://www.vacationstogo.com/cruise_port/Svalbard_Archipelago__Norway.cfm
- ✓ http://en.wikipedia.org/wiki/File:White_Sea_Canal_map.png
- ✓ http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Moscou
- ✓ <http://megaconstruccionen.net/?construccion=canal-volga-don>
- ✓ <http://www.britannica.com/EBchecked/media/121025/Map-of-the-Volga-Baltic-Waterway>
- ✓ <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/nsr.htm>
- ✓ <http://beta.waytorussia.net/TransSiberian/Route.html>
- ✓ <http://www.harpercollege.edu/mhealy/geg101i/renata/russialecture.htm>
- ✓ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Navy_capabilities.png

- ✓ http://www.world-geographics.com/cfg/public/_lib/img/maps/eurasia/map_of_russian_regions.png
- ✓ <http://www.russiamap.org/map.php?map=political-cis>
- ✓ <http://mypolitikal.com/2010/08/25/analyzing-ukrainian-elections-part-2/>
- ✓ <http://todossomosportugal.blogspot.pt/2011/04/da-transnistria-sovietica.html>
- ✓ <http://southcaucasus.blogspot.pt/p/nagorno-karabakh.html>

